



RIZOMA.NET

R

OCULTURA



Amigos Leitores,

Agora está acionada a máquina de conceitos do Rizoma. Demos a partida com o formato demo no primeiro semestre deste ano, mas só agora, depois de calibradas e recauchutadas no programa do site, que estamos começando a acelerar.

Cheios de combustível e energia incendiária, voltamos à ativa agora, com toda a disposição para avançar na direção do futuro.

É sua primeira vez no site? Estranhou o formato? Não se preocupe, o Rizoma é mesmo diferente, diferente até pra quem já conhecia as versões anteriores. Passamos um longo período de mutação e gestação até chegar nesta versão, que, como tudo neste site, está em permanente transformação. Essa é nossa visão de "work in progress".

Mas vamos esclarecer um pouco as coisas. Por trás de tantos nomes "estranhos" que formam as seções/rizomas do site, está nossa assumida intenção de fazer uma re-engenharia conceitual.

Mas de que se trata uma "re-engenharia conceitual" ? Trata-se sobretudo de reformular conceitos, dar nova luz a palavras que de tão usadas acabam por perder muito de seu sentido original. Dizer "Esquizofonia" em vez de "Música" não é uma simples intenção poética. A poesia não está de maneira alguma excluída, mas o objetivo aqui é muito mais engendrar novos ângulos sobre as coisas tratadas do que se reduzir a uma definição meramente didática. Daí igualmente a variedade caleidoscópica dos textos tratando de um mesmo assunto nas seções/rizomas. Não se reduzir a uma só visão, virar os ângulos de observação, descobrir novas percepções. Fazer pensar.

Novas percepções para um novo tempo? Talvez. Talvez mais ainda novas visões sobre coisas antigas, o que seja. Não vamos esconder aqui um certo

anseio, meio utópico até, de mudar as coisas, as regras do jogo. Impossível? Vai saber... Como diziam os situacionistas: "As futuras revoluções deverão inventar elas mesmas suas próprias linguagens".

Pois é, e já que falamos de jogo, é assim que propomos que você navegue pelo site. Veja as coisas como uma brincadeira, pequenos pontos para você interligar à medida que lê os textos, pois as conexões estão aí para serem feitas. Nós jogamos os dados e pontos nodais, mas é você quem põe a máquina conceitual para funcionar e interligar tudo. Vá em frente! Dê a partida no seu cérebro, pise no acelerador do mouse e boa diversão!

Ricardo Rosas e Marcus Salgado, editores do Rizoma.

28/08/2002

Índice

A DANÇA DA UNIDADE - Marco Lucchesi
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

PÁGINA - 5

ALQUIMIA ONLINE
José Augusto Mourão

PÁGINA - 10

AS GNOSES COMPARADAS
Celio Augusto Rolim

PÁGINA - 14

BATALHA ESPIRITUAL - Hakim Bey

PÁGINA - 22

BRUXAS E BRUXOS CONTRA O G-8 - por Starhawk

PÁGINA - 27

O CYBERPUNK COMO ALQUIMISTA MODERNO.
Timothy Leary e Eric Gullichsen

PÁGINA - 29

DESCONCERTANDO METAS, CURVANDO RETAS
Carolina Borges

PÁGINA - 31

O PRINCÍPIO DA DISCÓRDIA
Ari Almeida e Mojo

PÁGINA - 33

ÉTER: O MEIO SUTIL
Por Caio Benevolo

PÁGINA - 36

INSTRUÇÕES PARA O KALI YUGA
Hakim Bey

PÁGINA - 41

AMÉM, JEDI! - Revista 2k

PÁGINA - 44

O SAGRADO SELVAGEM - Roger Bastide

PÁGINA - 46

PAGANISMO - Hakim Bey

PÁGINA - 60

PANDÆMONÆON - Tzimon Yliaster

PÁGINA - 61

PRINCIPIA CAOTICA - Peter J. Carroll

PÁGINA - 63

SAGRADA DOIDEIRA - Simone Muniz

PÁGINA - 65

SUBVERSÃO MÁGICA: UMA INTRODUÇÃO À MAGIA DO CAOS

por Daniel Pellizzari

PÁGINA - 67

**TECNOGNOSE : TECNOLOGIAS DO VIRTUAL, IDENTIDADE E
IMAGINAÇÃO ESPIRITUAL (1)**

Erick Felinto

PÁGINA - 74

THELEMA E A VERDADEIRA VONTADE

Johann Heyss

PÁGINA - 85

A DANÇA DA UNIDADE

Marco Lucchesi

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ



"Und was dir blüht. Sogleich wird es veralten"

Goethe, *West-östlicher Divan*

Desde minha primeira e última visita a Konya – era um inverno terrível e os dervixes dançavam – fiquei impressionado com a devoção dos peregrinos, vindos, em sua maioria do Irã, do Paquistão, e das muitas cidades próximas, da Turquia, decidi que devia buscar um melhor conhecimento de Djalal ad-Dîn Rûmî, e tentar, mesmo que de forma extensiva, a tradução de um punhado de versos, em português. A busca da verdade. A busca da palavra. E o som da flauta, ao meu redor. E uma delicada luminosidade a teimar com as sombras. E uma certeza, tirada dos versos de Goethe. Deus é o Ocidente. Deus é o Oriente. E Rûmî, essa ponte. Esse traço de união. Essa presença viva dentro e além das terras do Islã.

Maulâna Djalal ad-Dîn Rûmî nasceu em Balkh, no Khorassan, atual Afeganistão, em setembro de 1207, de uma família de juristas e sábios. Maulâna e Rûmî foram-lhe atribuídos posteriormente, para significar “nosso senhor” (nosso mestre) e “bizantino” (da Anatólia romana). Seu pai, Baha’ ad-Dîn Muhammed era filósofo e erudito de marca – *sultão dos sábios*

–, num tempo em que os teólogos desferiam ataques ao ultra-racionalismo. Apesar de sua fama (ou por causa dela), ameaçado pelas intrigas dos cortesãos, e temendo a presença das hostes de Gengis Khan, Baha’ad-Dîn deixa o palácio do Xá de Khorasan, e segue com a família para Nîshâpûr.

De 1213 a 1228, passam por Bagdá, Meca e Medina, Damasco, Larinda e Jerusalém – santuários vivos do Islã. Depois de uma infância tranqüila e uma adolescência de múltiplas dimensões geográficas e culturais, Djalal ad-Dîn Rûmî casa-se com Gevher Hatun, amiga dos primeiros anos, e prossegue os estudos, aprofundando conhecimentos de sufismo e teologia. Teve como mestre Burhan ad-Dîn Walad, com quem comentou os *Hadiths* e o *Alcorão*. Data de 1229 sua chegada a Konya, de onde não mais sairia. Após a morte de Baha’ad-Dîn, ocorrida pouco depois, Rûmî completa sua educação formal, entre Aleppo e Damasco, vigorosas capitais da ciência. Em Konya, consideravam-no um califa (vice-rei de Deus) de erudição, enquanto renomados filósofos e místicos, como Ibn ‘Arabi, debatiam com ele *quaestiones disputatae*. Seus discípulos multiplicavam-se. Uma vida de estudo e meditação. Uma vida serena, voltada para Deus.

Mas foi no outono de 1244 que a vida de Djalal ad-Dîn se transformou, tão logo encontrou Shams ad-Dîn, velho nativo de Tabriz e grande místico, da tribo dos Assassins, de Hassan Ibn Sabbah. Shams buscava um homem que pudesse guiá-lo para níveis fortes de adesão mística. Esse homem seria o Imã secreto, o Amigo Divino. Shams juntava-se a algumas caravanas, chegando a passar dias a pão e água, mas, uma vez descoberta sua identidade, fugia imediatamente à procura de outros grupos, pois desejava um guia, não discípulos.

Shams e Rûmî passam meses isolados, em comunhão espiritual, em conversação mística. Inspiram-se mutuamente. Buscam o abandono nos braços do Amor. A união com o Misericordioso. E seus jardins. E seus palácios. Tratam do *samâ'* (dança celeste), que caracteriza tão fortemente a tradição da fraternidade *mevleviyye* (onde o bater os pés marca a submissão da carne; o abrir os braços, o caminho da perfeição; e a prostração, a humildade do homem diante de Deus).

Um acontecimento doloroso, contudo, põe fim a este que é dos capítulos mais formidáveis da amizade entre os homens: o assassinato de Shams, praticado provavelmente por um dos discípulos de Djalal ad-Dîn. E a dor atingiu um grave sentimento metafísico, uma sublimada nostalgia, demanda de infinito, vocação para o amor. Como quem busca Deus, o Amado. E a poesia começa a preparar a escada (*mi'raj*) para a união mística, para o encontro com o Pai, escada volumosa, de muitos versos, ditados por Rûmî, com fluência e intensidade, cujo assombroso número de 3229 odes e 34662 dísticos dá bem a idéia do incêndio que o abrasava e da altitude desejada. A 17 de dezembro de 1273, depois de provar as vertigens do amor e da verdade, Rûmî volta para o seio das coisas primordiais, que é o Uno. Desde então, milhões de peregrinos visitam o Yesil Türbe, em Konya, na Turquia, onde repousam seus restos mortais.

Djalal ad-Dîn deixou uma obra impressionante, de modo que continua sendo um desafio abordá-la em sua totalidade, tal a complexidade da relação entre mística e poesia, cuja fronteira nem sempre resulta muito clara. Não obstante – e com o apoio de grandes sínteses –, tento recortar

algumas linhas de força, que possam porventura esclarecer os poemas da presente antologia.

Dentro de seu vasto sistema, Djalal ad-Dîn põe em relevo a força do Nada. A criação do mundo *ex-nihilo*. Para Rûmî, o não-ser é a matéria do ser. Nele tudo repousa. A pré-condição do ser é o não-ser. E usa um sem-número de metáforas prodigiosas, inquietantes, para atingir um sólido conhecimento da filosofia. Assim, as ondas do ser vão tocar as praias do não-ser. E, com isso, ao contrário de Aristóteles e Tomás, a plenitude e a enteléquia formam um capítulo de afinidade com o nada (monstro da filosofia tomista). Em Rûmî, passamos da metafísica do ser para a metafísica do não-ser. Mas é preciso observar que tudo surge do nada e tudo segue para o nada. E que se trata de valor eminentemente positivo. Somos peixes nas ondas do Nada. O Ser é a rede:

*Ah! Moveste céu e Terra;
tenho medo desse abismo.”*

*E ele: “Sou tua alma e coração.
Descansa no meu peito de jasmim!”*

*E eu: “Se tu levaste minha paz
como posso me calar”. Respondeu:*

*“És uma gota de meu oceano:
cheia de pérolas, a concha da alma.”*

Através dessas águas, puras e diáfanas, chegamos ao amor. A máquina do mundo, o sistema do Universo: Tudo descansa no amor. Tudo é movido no amor. Um motor. Um descanso. O brilho da pérola. O perfume do jasmim. Uma ordem sagrada, uma hierarquia, buscando a forma primeira e última, do afeto luminoso, de sua atração radical. Por toda parte, o Oceano de Deus:

*“Morrei, morrei, de tanto amor morrei,
morrei, morrei de amor e vivereis.*

*Morrei, morrei, e não temais a morte,
voai, voai bem longe, além das nuvens.*

*Morrei, morrei, nesta carne morrei,
é simples laço, a carne que vos prende!*

*Vamos, quebrai, quebrai esta prisão!
Sereis de pronto príncipes e emires!*

*Morrei, morrei aos pés do Soberano:
assim sereis ministros e sultões!*

*Morrei, morrei, deixai a triste névoa,
tomai o resplendor da lua cheia!*

*O silêncio é sussurro de morte,
e esta vida é uma flauta silente”.*

E os místicos morrem de amor. A vida e a morte iluminam as águas do silêncio. Do silêncio do não-ser. Da fruição divina. O Tudo e o Nada. Desabitar-se para habitar-se. Sair para não-sair. Morrer para não morrer. Tal a dialética dos místicos. Seguir da névoa ao resplendor da Lua. Das águas turvas para as águas claras. E assim, para os sunitas, as águas deste Mundo, movem-se, entre fluxo e refluxo, criação e destruição:

“Nasceu da Palavra a Forma e morreu novamente: a onda voltou ao mar. A forma nasceu do Informe e voltou ao Informe, ‘pois em verdade a Ele regressaremos’. Assim, pois, cada instante é morte e ressurreição. E o mundo sempre se renova, e nós ignoramos sua renovação, pois ele nos parece estável e eterno”.

Tudo se renova: a linfa e a seiva da vida. Saímos dos átomos de Lucrecio, e de suas tristes conseqüências, como o irreversível envelhecimento do mundo, para atingirmos uma permanente floração. Assim, por saber os abismos do ser e do não-ser, por sentir dentro de si o apelo do Nada, Rûmî se declara além do nome, dos elementos, do espaço-tempo, quase como o *eu sou a verdade (ana al-haqq)*, do grande místico e mártir Al-Hallaj :

*“O que fazer, se não me reconheço?
Não sou cristão, judeu ou muçulmano.*

*Se já não sou do Ocidente ou do Oriente;
não sou das minas, da terra ou do céu.*

*Não sou feito de terra, água, ar ou fogo;
não sou do Empíreo, do Ser ou da Essência.*

*Nem da China, da Índia, ou Saxônia,
da Bulgária, do Iraque ou Khorasan.*

*Não sou do paraíso ou deste mundo,
não sou de Adão e Eva, nem do Hades.*

*O meu lugar é sempre o não lugar,
não sou do corpo, da alma, sou do Amado.*

*O mundo é apenas Um, venci o Dois.
Sigo a cantar e a buscar sempre o Um.*

*“Primeiro e último, de dentro e fora,
eu canto e reconheço aquele que É.*

*Ébrio de amor, não sei de céu e terra.
Não passo do mais puro libertino.
Se houver passado um dia em minha vida
sem ti, eu desse dia me arrependo.*

*Se pudesse passar um só instante
contigo, eu dançaria nos dois mundos.*

*Shams de Tabriz, vou ébrio pelo mundo
e beijo com meus lábios a loucura.”*

Como vemos, sua paixão pela unidade (contraponto e irmã do nada) é visceral. Passa além das fronteiras. Da razão e da loucura. Do inferno e do paraíso. Das confissões. Tamanha a sua paixão pela unidade que muitos confundiram-no – erro formidável – com um panteísta. Mas a transcendência no *Divã* e no *Alcorão* é total, muito acima da natureza, que não passa de um espelho de Deus. O Amado sobrenada na diversidade. Como em Ficino, o mundo é o terceiro rosto de Deus, logo abaixo dos anjos.

O desejo de Deus é imenso. E todavia o poeta não se debate em álgidas abstrações. Jamais abandona as similitudes do Céu e da Terra, a música das esferas, de que depende seu fluxo de imagens, tais como vinhos e tabernas, ruínas e tesouros, bazares e caravanas. Rûmî eleva - talvez até mesmo de forma dramática - um canto prodigioso, que mergulha na unidade. Como disse Hegel,

“Se quisermos ver a consciência do Uno, não mais na divisão indiana, que de uma parte trata da unidade indeterminada do pensamento abstrato, e de outra se perde na exposição monótona do particular, feita como ladainha, mas na mais bela pureza e elevação, é preciso procurá-la entre os maometanos. Quando, por exemplo, e particularmente no grande Djalal ad-Dîn Rûmî, é destacada a unidade da alma com o Uno, esta unidade espiritual é uma elevação sobre o finito e o vulgar, uma transfiguração da naturalidade e da espiritualidade, na qual o que há de extrínseco e de transitório na natureza imediata, como no espírito empírico e terreno, é

absorvido”.

Eis o drama da Unidade. O Princípio da Unidade. Longe do panteísmo ou do panenteísmo. Rûmî sonha a comunhão. E como Agostinho e Francisco de Assis, Rûmî segue dialogando com as criaturas, tecendo um vastíssimo tapete de imagens límpidas e claras. O Céu na Terra e a Terra no Céu. Pois, como disse um místico, se a matéria é espírito denso, o espírito é matéria sutil. Por isso mesmo, Rûmî não abandona a enumeração, a *ladainha*, pois na raiz dessa diversidade revela-se, mediante imagens incessantes, a presença do Amado:

*“Moro na transparência desses olhos,
nas flores do narciso, em seus sinais.*

*Quando a Beleza fere o coração,
a sua imagem brilha, resplandece.
O coração enfim rompe o açude
e segue velozmente rio abaixo.*

*Move-se generoso o coração,
ébrio de amor, em sua infância, e salta,
inquieta, e se debate; e quando cresce,
põe-se a correr de novo enamorado.*

*O coração aprende com Seu fogo
a chama imperturbável desse amor.”*

Essas imagens de fogo consomem e arrebatam o amante. A visibilidade é o teatro do amor. Para certo sufismo, Deus criou o mundo porque desejava que o amassem. Antes, não passava de um tesouro escondido. Tirou o mundo do Nada e imprimiu-lhe a Beleza do Ser. O Calígrafo da Natureza, do Amor e do Destino, redigiu o livro do Universo. Linhas. Pontos. Corpo esbelto. Cortante. As altitudes do *alif* e as profundezas do *nun*. A escrita é uma pele que reveste a nudez antediluviana da palavra, com tecidos finos, como a renda, transparentes, como a seda, ásperos, como a pele de camelo, cortantes, como a espada, ou sinuosos, como os rios. E as letras são vassalas da revelação. Estrelas em órbitas de fogo, consoantes em chamas, altas e indecifráveis, que aos poucos se agregam umas às outras – formando sistemas estelares – a seguir o rumo dos astros, do oriente ao ocidente. Deus disse *Kun!* (como o *fiat*, do *Gênesis*). E o mundo originou-se das letras: e formou uma vasta nebulosa, de que emergiram astros e galáxias. Depois disso, Deus escreveu os anjos. O amor entre os homens. As leis da gravitação universal. Auroras e ocasos. Deus escreveu nossa vida. Amores. Saudades. Somos uma página divina. Para alguns poetas da Pérsia, o alfabeto reveste os homens: o pescoço é um *dal*, a cabeça um *vau*, a boca um *mim* e os olhos um *sad*. Como se houvesse um pitagorismo das letras, assim como o poeta Khliébnikov entrevia pequenos números formando homens, árvores, animais. O mundo e o alfabeto coincidem, na trama das letras, que formam, sozinhas, tigres, rostos e pássaros. Deus é o primeiro poeta a redigir o livro do mundo.



Rûmî

ALQUIMIA ONLINE

José Augusto Mourão

No fim do século XIX e no começo XX, antes de 1914-1918, falava-se de "religiosidade vagabundeante" para designar uma nebulosa alternativa, fora das Igrejas, individualista e espiritualista, moderna a seu modo, pouco ou muito panteísta. A nostalgia do sagrado pervive e reaparece no meio das transformações jurássicas em que o social navega. Aquilo que julgávamos extinto reaparece, reposiciona-se em configurações de co-presença nunca antes vistas. O desencantamento do mundo não fechou o ciclo da "quest" do divino. Mas o reencantamento do mundo não equivale também ao renascimento de velhas ou de novas idolatrias. A alquimia, como discurso e prática, pelo empirismo que segrega (e que o rosacrucianismo desenvolveu), pela magia que convoca, pelo secretismo que estabelece, pelo divino difuso que disponibiliza, pelo culto de uma Natureza viva, estaria aparentemente mais abrigada de desmaterialização do que as religiões, por exemplo. A sua entrada no ciberespaço prova que afinal "tudo o que é sólido se dissolve no ar" e que este campo está sujeito à mesma devassa que qualquer outro. Pode adivinhar-se, por trás da miséria do sagrado que prolifera no ciberespaço, um novo espaço encantatório: o do cibersagrado?

.....

Peut-on se passer de dieu pour accéder à l'objet au-delà du politique?

Michel Serres

*...Et le dieu renaît dans le corps de l'homme
et l'homme renaît dans l'Esprit du dieu*

*et l'homme est le Christ et le Christ est l'Ame
qu'il faut traverser pour entrer en Dieu...
et l'Esprit qui est du Troisième Temps,
du temps transmuant, du Troisième Cycle
envahit la Terre, envahit les Eaux...*

Jean-Claude Renard, *Métamorphose du Monde*, 2. Points et Contrepoints, 1963, pp. 83-9

Never a separate domain of experience, religion pervades all culture. From global financial networks to the casinos of Las Vegas, from computer terminals to steel sculpture, contemporary culture displays an unexpected religious dimension.

(Nunca um domínio separado da experiência, a religião penetra toda a cultura. Das redes globais financeiras aos cassinos de Las Vegas, de terminais de computador à escultura de aço, a cultura contemporânea mostra uma inesperada dimensão religiosa).

Mark Taylor

Proliferação de transcendências

A imagem da "Internet como mundo" empurra-nos para lá do mundo: para a hiperrealidade. A palavra *network* traduz exatamente a idéia de renda, de malha, de rede, e a expressão *to fall into a net* designa exatamente "cair no laço". O fascínio pelo *depthless screen* - o "abismo superficial" toca-nos a todos como espaço de jogo, como êxtase da comunicação. Esta é a era do autômato e da repetição infinita. A *Web* anuncia, antes de mais, o fim do

círculo, o espaço *stereoreal* (Virilio). Muitos vêm nesta nova droga a transparência do Mal; não poucos vêm a tecnociência como uma nova forma de totalitarismo, como uma nova forma de eugenismo (Virilio), o reino da indiferenciação, do Human Xerox, do pensamento único (Baudrillard). Certo é que estamos a passar do mundo das coisas lidas ao mundo das coisas vistas, do *homo sapiens* ao *homo videns*. A tirania do video-poder instalou-se entre nós como um destino(1). Tornou-se evidente que o protagonista da evolução já não é o homem, sim a técnica. Jean Perret começa a sua carta manuscrita à IBM que o consultara para encontrar um equivalente francês de *computer* por esta frase: "*Cher Monsieur, Que diriez-vous d'ordinateur? C'est un mot correctement formé, qui se trouve même dans le Littré comme adjectif désignant Dieu qui met de l'ordre dans le monde*", carta datada de 16 de abril de 1955. A Time Magazine consagra em 1983 como "O homem do ano" um computador, com este título: "*The Computer Moves In*", especificando: "Um mundo emerge, resultando de uma reviravolta tecnológica que introduz o computador junto de quem quer que seja". "Como ninguém dominou este processo, a Time escolheu para 'Homem do ano', não um homem, mas o Computador". O Computador goza hoje de um estatuto de meta-instrumento que, sem confundir o espírito e o cérebro, instaura a validade de um híbrido de um novo tipo.

Hottos fala mesmo de tecno-evolução. Ora, a "opção em favor da tecno-evolução...coloca-se sob o não-signo e o não-sentido da transcendência negra"(2). Cabe aqui referir a proliferação de transcendências capitaneadas por ciber-gnósticos e ciber-místicos de todos os bordos, que combinam a magia, a psiônica e a conversão cibernética em função da iluminação a atingir.

No real ou no virtual, a vida é antes de mais a alma. A indústria cinematográfica já não se contenta com a animação assistida por computador, procura dar uma espécie de sopro a esses "seres" feitos de pixels e de algorítmicos, recriar "criaturas virtuais", capazes de aprender e de evoluir. Os clones, cada vez mais realistas, circulam nas redes com uma delegação de poder fascinante. Monika Liston e Hugo Jo casaram-se realmente no ciberespaço, pronunciando o "sim" através dos seus clones respectivos. É o prenúncio de comunidades virtuais de clones, baseadas na vizinhança virtual, metafórica, simulatória. O "adultério" é adultério, mesmo que seja virtual, de acordo com a "Famiglia Cristiana". A Argila virtual é um material audiovisual que se modifica e transforma os dados apreendidos numa representação abstrata da significação destes dados. É sintomático que a crença fundamental dos ciber-gnósticos seja que o mundo da matéria, a carne ou a entropia sejam o demônio e que seja a pura informação o verdadeiro objetivo da realidade. A virtualização do ciberespaço, i.é., a deslocalização e a desmaterialização do espaço social da comunicação leva fatalmente à desencarnação nas relações sociais. A imaterialidade da comunicação coloca-nos os problemas da desmaterialização e da dessubstancialização que John Perry Barlow muito argutamente enuncia:

"Os vossos conceitos legais de propriedade, expressão, identidade, movimento, e contexto não se nos aplicam. Baseiam-se na matéria. Aqui não há matéria." (John Perry Barlow, A Declaration of the Independence of Cyberspace, Davos, 1996)".

Se combinamos as sociedades de Minsky, que são sociedades de espíritos

(1988) e a sociedade como texto de Brown (1986) obtemos um conceito de sociedades como hipertextos. O hipertexto baseia-se em duas categorias fundamentais, nomeadamente nós (nodos, pontos nodais) e elos. Os nós são estruturas atômicas de hipertextos que não estão comprometidos com um tipo particular de dados. Podemos pensar num nó hipertextual como um pedaço de texto, ou uma lexia, mas pode também esse nó(nodo) como uma matriz(x) de dados relacional, ou como uma peça de informação de um outro tipo qualquer: entidades visuais ou unidades acústicas. Esta distinção traz-nos um eco distante do *Tatsachen und Sachverhalte* de Wittgenstein e permite a criação de um número infinito de redes semânticas de um dado conjunto de dados. Não podemos esperar *intensities of human consciousness* (intensidades de consciência humana) dos jogos de aventura porque essas construções são fundamental e paradoxalmente extensivas, fundamentalmente despedaçados, como os seus jogadores, entre um percurso e as suas alternativas, entre saga e interface, hierarquia e rede. Mas podemos detectar a emergência de uma sensibilidade fictícia mais harmonizada com as lacunas, as tensões, as fissuras com que o mundo inconsútil das linhas tradicionais sempre procurou controlar, "purificar". O ciberespaço radicaliza a racionalidade do espetáculo; nele, o indivíduo torna-se espectador de si mesmo, do seu poder e da sua liberdade. O ciberespaço "existe" no interior de um espaço virtual acentuadamente gráfico e configurável pelo sujeito. O sujeito pode, assim, organizar e ordenar o cosmos à medida do seu gosto pessoal. O nosso planeta não é já a terra mas o Windows (ou o Linux, ou ...). Os ambientes gráficos enquadram o ciberespaço numa ilusão de mundo configurável pelo indivíduo.

Catástrofe dos fundamentos

Que acontece ao sagrado na catástrofe das definições e dos fundamentos? Será a *quest* tecnológica uma "busca" espiritual, como pensam M. Bauwens e Ken Wilber? Anuncia o ciberespaço uma nova *religio*? Representa a cibercultura uma verdadeira "ruptura instauradora" (Michel de Certeau) da Igreja do Espírito face à Igreja de Cristo, a *ordo clericorum* de que fala Joaquim de Fiore? Não falta quem tenha feito a ligação da franco-maçonaria à corrente joaquinita(3). De resto, é sabido que S. João tem um lugar de destaque na Franco-maçonaria. As assembléias maçônicas tinham o nome de "lojas de S. João". Joaquim de Fiore (1135-1202) que Honório III (bula de 1220) considerava ter sido um católico que aderiu à fé santa e ortodoxa, anuncia nos seus escritos a idade do Espírito, o tempo em que triunfará a "inteligência espiritual". Se o primeiro tempo começou com Adão, atinge o seu apogeu a partir de Abraão e chegou ao seu termo com Cristo, o segundo começa com Ozias (século VII a J. C.) "frutificou" a partir de João Baptista e de Jesus e aproxima-se do seu fim. O terceiro foi inaugurado por S. Bento, "frutificará" com o regresso de Elias e terminará com o juízo final. Na hora presente estamos entre o segundo e o terceiro estado(4). Ou então entre a sexta *aetas* (inaugurada por João Baptista e realizada por Jesus) e a *septima aetas*, que será a hora do Sábado e do repouso(5). Um novo Pentecostes que abrirá para o mundo a idade da plenitude da inteligência (Concordia, V, cap. 84. fº 112a-b). Um grande lugar é dado a João Baptista como o anunciador de Cristo e a Elias, cujo regresso à terra, de acordo com a apocalíptica judaica, deve preceder o acontecimento do Messias. A herança joaquinita encontrou em Arnaldo de Vilanova (1238/40-1311), um teólogo leigo, médico de Bonifácio VIII, alquimista e cabalista, um desenvolvimento

insuspeitado. O seu livro principal *Tractatus de tempore adventus Antichristi* (1292) foi condenado três anos mais tarde pela universidade de Paris. Uma proliferação de pequenos grupos entre o começo do século XIII e que se prolonga pelo século XIV indicia uma herança joaquinita não extinta. O movimento dos *Apostolici* (1260) que tem à cabeça G. Segurelli, recusa a hierarquia. A heresia do "Livre Espírito" (XIII) será denunciada pelo inquisidor Bernard Gui sob o título de "beguinos". Este movimento continua, transmutado, no Pentecostalismo, hoje.

AS GNOSES COMPARADAS

Celio Augusto Rolim

(Membro da Sociedade Teosófica pela Loja Piracicaba, de Piracicaba-SP)

O que é Gnose?

GNOSE: conhecimento direto e profundo de si mesmo, percepção interior, que implica simultaneamente o conhecimento de Deus; e

GNOSTICISMO: um movimento filosófico e religioso comprovadamente existente antes da nossa era, que veio a cristianizar-se, em parte, após o drama Jesus, segundo os mais notórios estudiosos da atualidade. É interessante notar que, em sua obra "Retractationes", redigida por volta do ano de 400 D.C., o conhecido Santo Agostinho diz que "A mesma realidade que agora se chama cristã, já estava presente entre os antigos; nem faltou desde a origem do gênero humano, até que viesse Cristo na carne. É então, que a verdadeira religião - que já existia -- começou a tomar o nome de cristã"! Mais significativo, ainda, se torna o texto, quando Leonardo Boff, em seu livro "Igreja: Carisma e Poder", declara ser esta passagem "uma interpretação cristã" de Agostinho sobre os ritos pagãos!

A multiplicidade do Gnosticismo

Grande era a variedade de escolas gnósticas existentes nos primeiros séculos D.C., e de um modo geral, todas partilhavam do princípio básico de que "o mundo espiritual é bom e o mundo material é mau": os gnósticos viam o mundo em que vivemos como um mundo fora do reino de Deus, um mundo submetido ao mal; eles viam uma sombra recobrando a criação, uma verdadeira separação entre o reino da luz e o reino das trevas - uma imensa cortina era colocada entre o campo da criação da natureza e o reino do

Deus Desconhecido.

Negavam que o Deus criador do Antigo Testamento fosse o único deus do Universo - Jeová era para eles o Deus da vingança e das represálias; a própria bíblia o qualifica como o "Deus invejoso" que declara: "Eu sou o Deus único; fora de mim não há outro."

No texto do Gênese, antes da criação só existia o caos; mas para os gnósticos, a luz e a força, a energia divina e seu irradiar preenchiam o universo antes que a natureza fosse criada e povoada: o homem possui uma centelha desta luz original como núcleo de seu ser, e enquanto materializado roda em círculos nas trevas da criação do demiurgo. Daí entendermos porque eles recusavam o mundo da manifestação, pois "aqui, a imperfeição, as trevas e o mal são fundamentais".

Esse dualismo cosmológico, onde encontramos dois princípios eternamente conflitantes, foi exposto de várias maneiras em narrativas mitológicas, sendo que algumas escolas gnósticas, como p. ex., a dos seguidores de Valentino (140 D.C.), não estavam muito distantes da ortodoxia cristã; outras se opunham diretamente a ela, tanto na ética, como na teologia.

Mas, comparemos entre si alguns dos 52 códices encontrados dentro de urnas em 1945, em uma caverna no Alto Egito - região de Nag Hammadi. Estes textos coptas, cópias de originais gregos, manuscritos em pergaminho desde o primeiro ao quarto século de nossa era, foram os poucos que conseguiram escapar à obstinada ação "seletiva" dos padres da igreja, na época, ainda em organização.

Alguns textos comparados:

O EVANGELHO DA VERDADE

Apesar do nome, é mais uma meditação, ou mesmo um hino sobre a verdade; ignora os evangelhos canônicos e condensa o relato da paixão em apenas quatro linhas. Aborda, em linhas gerais, o seguinte:

- A gnose é essencialmente, o conhecimento das nossas origens celestes;
- A passagem por este mundo é embriaguez, sono, ignorância;
- A salvação não passa pela luta durante esta vida, mas sim pela gnose, que possibilita o despertar desta ignorância.

Nota: esta influência gnóstica está presente no apóstolo Paulo que, em suas epístolas aos Tessalonicenses, os encorajava à vigília e a abandonar o "sono".

TRATADO TRIPARTITE

Trata-se de uma suma teológica de 89 páginas onde se encontra um dualismo mais apagado, dividido em três partes que conta a história da origem do universo, da criação do homem, e da sua salvação:

- o mundo já não é tão mau e não totalmente apartado de Deus, mas sim por ele penetrado;
- a matéria é útil para a "salvação";
- existem três tipos de seres entre os humanos: o pneumático, o psíquico e o hílico - não há uma definição marcante entre os dois primeiros.

Nota: com certeza, estes conceitos influenciaram Agostinho, um ex-maniqueísta (gnóstico), que veio a desenvolver, após a sua conversão à igreja católica, doutrina sobre a Predestinação, onde asseverava que o homem é infectado pelo pecado, por conta de sua hereditariedade, e Deus, agindo com inexplicável sabedoria e justiça, escolheu apenas algumas pessoas para serem salvas; as demais seriam lançadas à danação eterna!

APÓCRIFO DE JOÃO

Revelação de Cristo a João, filho de Zebedeu; mas na realidade, trata-se de um drama místico que simboliza o caminho da alma humana, prisioneira da matéria, em busca da "salvação" - É um dualismo e responde a duas questões básicas dos gnósticos:

- Qual a origem do mundo? - Ele surge graças a inconsciência de Sophia que gera um filho monstruoso chamado Yaldabaôth, sem o consentimento de seu esposo, o Grande Espírito. Sophia é a divindade feminina principal nos sistemas gnósticos, sendo a própria Sabedoria Divina, a "Mãe de Tudo", em seu ponto mais alto; e no ponto mais baixo, a prostituta que cai na matéria, iludida sensualmente por ela.
- Como o homem pode escapar desse mal e voltar à pátria celeste? - o resgate da alma é feito pelo Salvador que luta contra as forças demoníacas criadas por Yaldabaôth.

O APOCALIPSE DE PAULO

Dualismo onde se encontra em abundância o simbolismo da apocalíptica judaica:

- representa o modelo da alma justa subindo ao céu, e a malvada rejeitada

para baixo;

- conta o arrebatamento de Paulo ao 3º Céu, onde ouviu palavras inefáveis. Daí vai para o 4º, subindo sucessivamente até o 10º céu. Encontramos aqui uma sugestiva similaridade com o judaísmo esotérico e o seu sistema de elevação de consciência através da "árvore da vida" - a Cabala, desenvolvida ao longo da idade Média.

APOCALIPSE DE ADÃO

Conta o desenvolvimento da história humana desde o 1o_ casal até o juízo final. É a revelação dada por Adão a seu filho Set e à sua descendência.

O SEGUNDO TRATADO DO GRANDE SET

Tratado gnóstico cristianizado que ataca o dogma da ressurreição, afirmando que o Antigo Testamento e Jeová são fundamentalmente maus, em contraposição com o Novo Testamento que é bom. Basicamente descreve o seguinte:

- o Salvador é enviado a este mundo pela Assembléia Celeste;
- encontra forças deste mundo e é crucificado;
- ocorre o simulacro da paixão, pois negavam a realidade da crucifixão;
- retorna ao Pleroma, o reino junto ao Pai, de Plenitude e Totalidade;

Obs.: aqui temos a doutrina do "Docetismo" segundo a qual o corpo de Cristo não era real, só aparente.

A PROTENÓIA TRIMORFE

Especulações filosóficas e apocalípticas sobre a natureza do universo:

- A personagem é Protenóia - O Primeiro Pensamento. É o revelador celeste que desce a este mundo por tríplice epifania (manifestação divina) com a finalidade de despertar o ser humano para o seu real ser.

O APOCALIPSE DE PEDRO

Encontra-se nesses escritos um encorajamento dirigido às "almas imortais", aos "eleitos", como se autodenominavam os gnósticos, perseguidos pela "grande igreja". Nota-se, também, um patente "docetismo":

- Na 1ª visão de Pedro, a denúncia da ameaça de morte que pairava sobre os gnósticos, por parte dos sacerdotes, que representavam seis grupos de inimigos, dentre os mais importantes aqueles que traficavam com a palavra do Senhor; aqueles charlatães que pretendiam possuir o mistério da verdade; aqueles que reivindicavam dignidades episcopais para se destacarem dos outros, etc...
- Na 2ª visão encontramos a distinção entre a aparência carnal de Jesus e a sua real natureza; diziam que enquanto os adversários acreditavam que o estavam crucificando, Jesus - O Vivente, zombava deles perguntando: "Aquele que tu vês sobre o madeiro, que se rejubila e ri, é Jesus Vivente. Mas aquele que está pregado pelas mãos e os pés é o seu invólucro carnal, o substituto..."
- Na 3ª visão encontramos o tema ortodoxo da ressurreição de Jesus e a interpretação gnóstica - a reunificação do corpo espiritual de Jesus com a luz

do Pleroma celeste.

TESTEMUNHO DA VERDADE

Trata-se de discurso radical que condena a "grande igreja" e mesmo outros sistemas gnósticos, e prega a renúncia a este mundo, desenvolvendo temas espirituais orientados contra a ortodoxia: a Verdade versus a Lei; a Gnose versus o martírio, a ressurreição, etc...:

- polemiza textos bíblicos e afirma que Jeová é demiurgo malfeitor, onde o autor pergunta-se [...mas que espécie de Deus é esse? Primeiro, enciúma-se de Adão por ter comido da árvore do conhecimento. Depois, ele diz: " Adão, onde estás?" Esse Deus não tem presciência, isto é, ele não o sabia desde o princípio. E ele diz ainda: "Expulsem-lo deste lugar, para que ele não coma da árvore da vida e viva eternamente". Está claro que ele apresentou-se a si mesmo como invejoso. Então, que espécie de Deus é esse?].

Nota: em nossos dias, um ex-jesuíta, teólogo, professor universitário e jornalista, de nome Jack Miles, em seu livro - "Deus: uma biografia" - , apresenta o Deus do Antigo Testamento essencialmente como personagem literário. Entre outras observações, diz: "É estranho dizer isso, mas Deus não é nenhum santo. Muitas objeções podem ser feitas a seu respeito e já houve várias tentativas de melhorá-lo. Muitas coisas que a Bíblia diz a seu respeito raramente são pregadas no púlpito porque, se examinadas mais de perto, seriam um escândalo."

O BATISMO DE JESUS SEGUNDO CERINTO

Líder religioso na Ásia Menor, promoveu a exegese dos relatos do Batismo de Jesus:

- não foi Deus que fez o mundo, mas uma força separada por distância considerável da Suprema Força. Nota: interessante esta afirmação de Cerinto, que nos remete ao loga Clássico de Patanjali (também dualista), para quem Deus não é concebido nem como o criador nem como o mantenedor do Universo, mas sim definido como um "Eu especial" (vicesa-purusa) .

- Jesus não nasceu de uma virgem, pois isso lhe parece impossível mas era filho de José e Maria por geração semelhante à de todos os homens;

- No batismo, o Cristo desceu sobre Jesus sob a forma de pomba - Daí anunciou o Pai Desconhecido, e por fim retirou-se dele;

- Jesus sofreu e ressuscitou , mas Cristo permaneceu impassível, visto que era espiritual.

O EVANGELHO DE TOMÉ

Trata da revelação das palavras secretas de Jesus à Judas Tomé (tradição siríaca). Não se assemelha aos evangelhos ditos canônicos, no que se refere à biografia do Jesus histórico. É constituído por 114 aforismos que apresenta algum parentesco com aqueles evangelhos, porém, com outra dimensão de significados:

- O primeiro aforismo define o objetivo desta coleção - escapar à morte definitiva e atingir o ideal da salvação gnóstica: E ele disse - "Aquele que encontrar a interpretação destas palavras não provará a morte".

O EVANGELHO DE MARIA

Exegese atribuída à Maria Madalena sobre as palavras do Salvador

dentro de um quadro narrativo entre Jesus e seus discípulos, tratando da viagem da alma após a morte:

- comentando as palavras do Salvador, Pedro pergunta: "Já que nos explicastes todas as coisas, diz-nos ainda isto: o que é o pecado do mundo?"
- Diz o Salvador: "Não existe pecado, mas sois vós que fazeis o pecado, quando vos comportais segundo a natureza adúltera daquilo que se chama pecado".

Gnose cristianizada X Igreja católica

Mas como conciliar, de um modo geral, um Jesus que fala em "pecado e arrependimento" (igreja), com um Jesus que fala em "ilusão e iluminação?" ; um tradicional ensinamento judaico que diz que "todo sofrimento vem do pecado", oposto ao ensinamento que diz "é a ignorância e não o pecado que leva uma pessoa sofrer?"; que "é o sangue de Jesus e o seu martírio que pode nos salvar", quando a interpretação gnóstica diz que "o discípulo deve crucificar a sua personalidade... e providenciar a sua ressurreição pelo espírito e não pela carne?"; como conciliar uma fé ortodoxa estática que diz que "o ensinamento original dos apóstolos é a norma; aquilo que se afastar é heresia", com um ensinamento dinâmico que prevê um aumento ininterrupto do conhecimento?".

A tática da vencedora

Diante de tamanha diversidade, os primeiros padres rejeitaram, praticamente, todos os escritos fora daqueles por eles escolhidos para constituírem os textos "autênticos e divinamente inspirados". Estes passaram a fazer parte dos escritos ditos canônicos; os textos não escolhidos, isto é, que contradiziam abertamente a sua "representatividade divina" e outros, foram considerados heréticos e duramente perseguidos.

Quem estuda a história do Cristianismo pode entender como política e religião estão juntas em seu desenvolvimento como religião institucionalizada.

Não obstante, a igreja católica foi capaz de tolerar em seu seio muitas idéias e práticas contraditórias, desde que esses elementos, de uma maneira ou outra, pudesse colaborar com a sua estrutura básica: nos primeiros séculos, p. ex., centenas de cristãos adotaram formas ascéticas de autodisciplina, buscando solidão e cultuando visões e êxtases, comportamento este essencialmente gnóstico ; mas, em vez de excluir tal monasticismo, a igreja trabalhou no sentido de alinhar os monges à autoridade episcopal!

Denominando-se a si próprios como "ortodoxos" (aqueles que pensam corretamente), esses cristãos interpretavam o mal como sendo basicamente uma violência contra os outros, dando uma conotação moral ao termo, revisando dessa maneira, o código mosaico.

Concebendo o Cristo como alguém descendo ao plano da experiência humana para torná-la sagrada, a igreja foi, pouco a pouco, elaborando rituais, vários dos quais absorvidos das antigas religiões, que aprovavam os principais eventos da existência biológica: a partilha dos alimentos com a eucaristia ; a sexualidade com o matrimônio; o nascimento com o batismo ; a doença com a unção ; e a morte com o funeral.

Tudo isso comportava, para o fiel ortodoxo, responsabilidades éticas de importância vital diante da comunidade, e da família; diante de um padre católico, o fiel ouvia advertências constantes contra a prática do pecado nas questões corriqueiras da vida: roubar, mentir, tyrannizar alguém, ignorar os pobres, etc... E até os pagãos da época reconheciam que os cristãos

ortodoxos conquistavam a simpatia dos miseráveis, pois que aliviavam as suas maiores ansiedades, alimentando os pobres e enterrando os seus mortos.

O cristão ortodoxo se via como um membro da "igreja universal" e da família humana, enquanto que o gnóstico se via como "um entre mil, dois entre dez mil", portanto, verdadeiros elitistas. Segundo o estudioso Helmut Koester, "a prova de fogo da ortodoxia é ser ela capaz de edificar uma igreja, e não um clube, uma escola, uma seita..." Desta maneira, o gnosticismo cristão multifacetado e sem uma eficaz organização hierárquica, provou não ser páreo para a fé ortodoxa.

Encontramos nestes fatores a sobrevivência do próprio cristianismo, pois atualmente sabemos que, não fosse a visão política do apóstolo Paulo e dos padres na organização da igreja, batizada como Católica, Apostólica e Romana, o cristianismo original poderia ter se desenvolvido em outras formas, ou até ter desaparecido.

Hoje, para ficarmos a par do que pensa a vanguarda da igreja, nada melhor do que apreciarmos, literalmente, os diálogos esclarecedores e inspiradores desenvolvidos entre o cientista Fritjof Capra e os católicos monges beneditinos David Steindl-Rast (comparado hoje a Thomas Merton) e Thomas Matus, em um recente e fascinante livro publicado pela Editora Cultrix denominado Pertencendo ao Universo - Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade:

"Fritjof: Vocês dizem que sempre houve várias perspectivas na teologia. Então, uma delas monopolizou a teologia católica e se autodenominou tradição católica. E agora, há novamente na teologia contemporânea várias perspectivas. No entanto, a igreja católica é conhecida como muito intolerante. O papa e a hierarquia da igreja têm sido,

com freqüência, muito intolerantes. Qual é a situação atual com relação ao pluralismo?

"Thomas: A situação é ambígua, como sempre... Atualmente, essa pluralidade é um fato, e minha impressão é a de que as tentativas que há hoje para se freá-la estão fadadas a serem menos bem sucedidas do que o foram no passado.

"David: Ter uma estrutura monolítica é, naturalmente, considerado uma vantagem por qualquer estrutura de poder monárquico.

"Fritjof: Uma ideologia.

"David: Sim, é isso o que uma ideologia é: uma doutrina que se torna subserviente ao poder. Desse modo, a teologia está sempre em perigo de se converter numa ideologia se for manipulada por uma hierarquia autoritária. Onde quer que você tenha uma estrutura autoritária de poder, e isso também em algumas das outras igrejas, a teologia tende a se tornar um instrumento de poder. O Concílio Vaticano II enfatizou uma distribuição sadia de poder dentro da igreja por meio de um colegiado de bispos. Naturalmente, de mãos dadas com esse evento, surgiu um pluralismo de opiniões teológicas dentro da igreja.

"Fritjof: Gostaria de voltar ao sistema monolítico do velho paradigma..., tanto na ciência como na teologia. Penso que há um paralelismo muito interessante entre os dois campos. Na ciência, a estrutura monolítica é vigorosamente preservada pelos conselheiros científicos dos governos, que são, em parte, administradores (eles constituem uma parcela da estrutura do poder) e, em parte, cientistas.

"David: Também temos exemplos desse tipo. Pessoas que certa vez

foram teólogos bastante progressistas e que agora ocupam posições de poder no Vaticano, exatamente como os seus conselheiros científicos em Washington... Eles temem que os fiéis fiquem confusos se permitirmos o pluralismo em teologia. O que parece contraditório aos conservadores é simplesmente a presença de toda uma variedade de perspectivas sobre uma única realidade.

"Fritjof: O ponto crucial aqui é o fato de você dizer que estamos falando a respeito de perspectivas sobre a mesma realidade. A teologia do velho paradigma sequer se preocupava com a realidade, mas apenas com o ensinamento. Se você considera o ensinamento como a realidade, então não podem haver perspectivas.

"David: ... Quando reduzimos a doutrina cristã a uma única versão, estamos excluindo todas as pessoas para as quais essa versão não é aceitável, mas nas quais outra versão igualmente válida encontraria ressonância.

"Thomas: O problema básico na teologia católica oficial sempre foi a tendência para confundir a integridade da doutrina com a integridade da fé".

A respeito de um progresso na teologia, é lançada a pergunta:

"Fritjof: Mas há um aperfeiçoamento? Há progresso? Na ciência há progresso; você se move em direção a teorias cada vez mais abrangentes, precisas e poderosas...

"David: Naturalmente, também ocorre progresso graças a novas informações em teologia... Em 1945, uma biblioteca inteira de escritos gnósticos foi descoberta no Alto Egito... As várias maneiras pelas quais os

estudiosos têm abordado as escrituras nas décadas recentes nos têm proporcionado descobertas completamente novas que nos revelaram que espécie de biblioteca é o Novo Testamento. Pois ele não é um único livro, como antigamente se presumia, de maneira mais ou menos tácita; é toda uma biblioteca de livros que expressam muitos pontos de vista diferentes. Assim, passamos a comparar esses pontos de vista." (os grifos são nossos)

É sumamente alentador quando ouvimos discernimentos dessa natureza!

Questão

Entretanto, podemos colocar aqui a seguinte pergunta: qual o preço pago pela civilização ocidental dita "cristã", durante quase dois mil anos de imposição dessa monolítica crença teológica organizada?

Será que o preço pago por nós não foi muito alto? Assim, particularmente nos parece, quando percebemos que entregamos passivamente e comodamente a nossa vida e crescimento nas mãos de terceiros, não obstante o valor social agregador do cristianismo junto aos povos, dando-lhes uma dimensão nobre nas relações interpessoais; todavia, outras religiões sempre apresentaram agregadores valores morais e sociais a serem seguidos!...

Ao retirarmos todas as interpolações colocadas nos evangelhos ditos canônicos, encontraremos um Jesus advertindo que a auto-descoberta envolve um tumulto interior: "Que o que procura continue procurando até encontrar. Ao encontrar ficará perturbado. Ao se perturbar, ficará maravilhado e então reinará sobre todas as coisas" (Evangelho de Tomé) . A busca do auto-conhecimento envolve o indivíduo num difícil, e no mais das vezes, solitário processo diante de sua condicionada resistência interior. "

Ninguém pode dizer a ninguém qual rumo seguir, nem o que fazer, nem como agir". O buscador não pode confiar no que os outros dizem, exceto temporariamente, até ter encontrado o seu próprio caminho.

Gnose e Vedanta

Estas preciosas descobertas em Nag Hammadi, além de revelar a atmosfera política e o embate religioso dos primeiros tempos da era cristã, permite-nos perceber claramente as influências espirituais e filosóficas sobre a formação do Gnosticismo, originadas nas antigas darsanas (filosofias da salvação) dvaitas do pensamento indiano, em especial a do Ioga e a do Samkhya: este, apresenta um tipo de conhecimento salvífico produzido pela investigação, onde o homem (purusha, i.é., o elemento espiritual) descobre que identificou-se de modo errôneo com níveis de existência sucessivamente mais grosseiros, inconsciente de sua liberdade e independência essenciais...; para alcançar a liberação, o homem precisa compreender a diferença entre ele mesmo e prakrit (matéria)... bastante similar aos sérios objetivos Gnósticos!..., nada obstante as superstições advindas das míticas escolas gnósticas!

Conclusão

O valor de um estudo comparativo das religiões encontra-se no desenvolvimento de uma atitude de discernimento para com todas elas e, primordialmente, na certeza de que qualquer fanatismo e desrespeito para com a opinião do próximo é incompatível com o procedimento de um verdadeiro teósofo. Os novos subsídios trazidos por um estudo desta natureza possibilitam-nos novas reflexões, cujo fecho fica a cargo de cada estudante.

Bibliografia:

Pagels, Elaine - Os Evangelhos Gnósticos ; Ed. Cultrix, 1979.

Kuntzmann, R - Nag Hammadi - O Evangelho de Tomé ; Edições Paulinas, 1990.

Mead, George R.S. - O Hino de Jesus - Um Rito Gnóstico ; Ed. Teosófica, 1994.

Rodhen, Huberto - O Quinto Evangelho ; Ed. Alvorada.

Hinnells, John R. - Dicionário das Religiões ; Ed. Cultrix, 1984.

Agostinho, Santo - A verdadeira religião; Ed. Paulinas, 1987.

Miles, Jack - Deus: uma biografia; Companhia das Letras, 1995.

Feuerstein, Georg - Manual de Ioga; Ed. Cultrix, 1975.

Capra, Fritjof - Pertencendo ao Universo; Cultrix, 1991.

Para falar com o autor deste artigo: ltpiracicaba@hotmail.com

Fonte: Loja Teosófica Fênix – Brasília (www.stb.org.br/lojafeni/).

(Arquivo Rizoma)

BATALHA ESPIRITUAL

Hakim Bey

Quando o Capital torna-se maior que o Capitalismo e as lutas anti-globalização vão para um nível esotérico, está na hora de revermos nossos parâmetros.

.....
 Novembro de 2000

1

A meu ver, a legislação corporativa é baseada na velha ficção judicial do Rei de Dois Corpos. O rei individual morre mas o Rei, a entidade, nunca morre, e certas características pertencem ao arquétipo, mas não ao mortal soberano. Por exemplo, o rei mortal não pode vender ou alienar terras - o reino em si - pertencentes ao Rei imortal. Mas o rei mortal partilha dos exclusivos direitos do seu sócia imortal, como o privilégio de conceder monopólios. Os monopólios (como a Companhia das Índias Orientais ou os monopólios chineses de sal) formaram os germes da corporação moderna. No entanto, a verdadeira corporação moderna passou a existir quando o conceito de monopólio foi desbloqueado e combinado com o conceito do corpo real em uma única entidade. Deste modo, perante a lei, uma corporação goza de muito mais privilégio e muito menos responsabilidade ("obrigações limitadas") do que qualquer reles humano. Uma corporação pareceria mais ser uma des-corporação, um ser espiritual, desencarnado, imorredouro, com vastos poderes no plano material. Parece a descrição de um demônio, não é verdade? Em um só século a legislação corporativa teve êxito em forjar um dublê oculto que faz o satanismo parecer um inofensivo hobby

para empregados insatisfeitos.

A área de finanças é outra atividade altamente espiritual, enraizada no fato de que os bancos primordiais eram templos. No final do quarto milênio, templos sumérios freqüentemente emprestavam dinheiro ou commodities: gado, cevada, prata – com taxas de até 33,3% ao ano. A tradição do Jubileu (presente na Bíblia), a periódica anistia de dívidas, aparece pela primeira vez na Suméria. A economia teria entrado em colapso sem tais válvulas de segurança. O banco moderno resolveu esse problema obtendo o monopólio da criação de dinheiro. A invenção de moedas na Lídia, no século XVII a.C., facilitou essa mágica. Ao emprestar (com juros) dez vezes as suas reservas, o banco simplesmente cria o dinheiro necessário para pagar as dívidas que lhe são devidas. O Federal Reserve Bank (um banco privado com um monopólio) efetivamente cunha dinheiro e o empresta ao governo. A maioria dos estados está, há séculos, em dívida com bancos privados.

A chave para tal mágica era cortar todos elos entre as commodities (por exemplo, cevada ou prata) e o dinheiro. O dinheiro, liberto de sua âncora de bens reais, pôde flutuar para sempre, forjando a si próprio eternamente. A história do dinheiro revela uma sempre atenuada conexão com a rude materialidade, até que em 1973 o (altamente mágico) elo com o ouro foi dissolvido pelo alquimista Nixon. Neste ponto, o dinheiro começou uma apoteose selvagem espiralada que ainda perdura. Hoje, mais de 95% de todo o dinheiro não tem qualquer conexão real com nenhuma substância material. Não se trata de capital produtivo, mas capital "puro" – não riqueza, apenas dinheiro. Dinheiro gera dinheiro, como Ben Franklin alardeou – a sexualidade do Morto. Pura espiritualidade e, entretanto,

provida de um absoluto poder sobre a materialidade e a própria vida. Dinheiro: não apenas a linha central, mas a única linha, o cercado final – o desaparecimento da Margem.

Em resumo, o dinheiro é mais um demônio. A paisagem das nossas velhas e cansadas Luzes efetivamente parece assombrada por espectros (ou "hobgoblins", como na primeira tradução inglesa do Manifesto Comunista). Corporações e bancos precisam ser compreendidos à luz da história das religiões. Estranhos fantasmas habitam a cabecinha do "neo-liberalismo" no seu triunfalismo sem controle. Precisamos de uma crítica hermética das instituições. Queremos uma ciência dos hieróglifos para nos ajudar a penetrar o transido labirinto de texto e imagem que esconde (no seu centro) o agudo não-ser das corporações e dos bancos, e a natureza puramente mágica do dinheiro.

A ideologia nos aparece agora como, ainda, outro fantasma. A ideologia nos traiu, não (como é o caso dos bancos e das corporações) ao ganhar, mas ao perder, no último milênio, a força da hegemonia paradigmática. Se a dialética vai arrancar de novo no século XXI, a ideologia não dará a partida. O movimento social precisa ser reestruturado, não apenas ressuscitado. Algo milagroso urge. Algo "impossível".

2

A biotecnologia apresenta mais um apavorante cenário supernatural. Mas comida Frankenstein e bebês de seis dedos por pé, ou qualquer possível fracasso da manipulação genética me assusta muito menos do que seus atuais êxitos. Em um mundo no qual toda decisão feita pela ciência é

determinada (pré-determinada) por "interesses-dinheiro" (por exemplo, o interesse do dinheiro e o interesse no dinheiro), tem-se um mundo no qual a ciência e a humanidade não têm sequer um interesse em comum. Quem, exatamente, será "beneficiado" com o iminente fim da reprodução humana tal como a conhecemos? Quais 3% do mundo vão se parecer com estrelas de cinema/TV (que já se parecem com mutantes) – e quais 97% se assemelharão a graduados fracassados da Escola do Terror de Chernobyl?

E por que os americanos parecem se importar tanto com a quem pertence cada pedaço de música gravada (gravações que nada mais são do que tumbas digitais de performances uma vez vivas) e tão pouco com a quem pertence o "copyright intelectual" do DNA do, digamos, arroz? A bioengenharia aliada ao Capital Puro já remodelou nossa realidade viva; as "aplicações assassinas" e "genes terminais" são meros detalhes. Este é o futuro; estamos vivendo nele agora. E nenhum escritor de ficção científica o previu.

3

Nada está acontecendo. Enquanto escrevo, temos uma situação presidencial schrodingeresca aqui nos Estados Unidos. Não podemos botar a água fora porque haveria o risco de matar, ao jogar junto o bebê; mas não podemos não jogar fora a água suja. Sempre há fatias mais e mais finas de irrealidade. O que você vê acontecendo é o que está efetivamente acontecendo – isto é, nada. Nenhuma conspiração, nenhuma profundidade, nenhuma ilusão. Não há nada escondido, nenhum dado deixa de ser processado. Toda a informação, todo o tempo; superfície infinita e profundidade micrônica. Toda a luz, nenhuma sombra.

O intermediário para esse êxtase de informação é, claro, a mídia. Unificada em escala global pela primeira vez desde que a escrita foi inventada, há cerca de seis mil anos, toda a mídia – TV, rádio, cinema, imprensa, internet, produtos de imagem, educação, música – propaga a mesma mesmice, a mesma avidez histórica por um ainda-menos-sedutor fetichismo, a mesma tela fina sobre um abismo de tédio. E o tédio em si é a débil cortina que mal contém nosso terror, nossa raiva, nossa vergonha. Fatias mais e mais finas.

"Mídia alternativa" significa uma coisa que não pode competir no mercado livre. Governos não estão mais interessados em subsidiá-la e, na realidade, ela tem uma influência quase nula em relação àquilo que passa como consenso. Toda a atividade de uma vanguarda depende da existência de uma Margem para a qual ela tenta se dirigir. Mas não há mais Margem. Apenas fracasso. Precisamos fazer do fracasso nossa Margem?

Isso constituiria uma maneira de renúncia e até de ascetismo: o não-conhecimento deliberado ou a recusa do conhecimento. Os mosteiros das Idades Médias eram pontos de luz em um mapa de escuridão sepulcral. A crise da epistemologia foi superada por ter sido mantido secreto o conhecimento. Talvez nestas Épocas Iluminadas precisemos de mosteiros de escuridão para nos limpar e preservar nossos últimos segredos até que o dia sem fim da praga tenha passado. Se passar. O que é certamente um convite ao desespero. Mas não vejo nenhuma maneira de evitar o labor da negatividade. Se não os mosteiros, então... a horda bárbara.

4

O Primeiro Mundo e o Segundo Mundo fracassaram; o Capitalismo morreu no mesmo momento que o Comunismo. Apenas o Capital Puro sobrevive. Não há Terceiro Mundo e não há Terceira Via. De um lado, a humanidade; do outro, o dinheiro. Não se trata mais apenas de uma questão de mera tática, "molecular" ou seja o que for. Conceitualmente isso é confrontação, estratégia, guerra.

Mas como se trava uma guerra contra entidades desencarnadas? Magia negra malásiana? Exorcismo? Provavelmente em vão. Poderia existir alguma forma de batalha passível de ser travada no plano invisível? Uma resposta em forma de guerrilha à Guerra Pura do Puro Capital? Uma estratégia, sim – mas qual? Como Frederick Jameson diz, parece ser "impossível imaginar uma alternativa" ao Capital. Talvez tenhamos menos necessidade de um novo Marx ou Kropotkin, e mais de um novo Von Clausewitz ou um Sun Tzu.

5

Não posso deixar de pensar que, de um jeito ou de outro, o ludismo ainda tem um papel. Os luditas originais não eram primitivistas, queriam uma tecnologia que pudesse apoiar as relações sociais, e não as destruir em nome do lucro e/ou eficiência. Aquilo que costumávamos chamar de "tecnologia apropriada" nos anos 60 e 70. Na intoxicação da internet e outras maravilhosas novas tecnologias, muitos radicais parecem ter abandonado seu velho comprometimento com noções "destruidoras de máquinas", como a de es renováveis, biodiversidade ou responsabilidade da ciência. Não é a teoria, mas a experiência pessoal que força em mim a impressão de que as "melhores mentes" da era curvaram-se em frente à Tela, perdidas no ciberespaço, transidas na crença de que o que lá acontece

está verdadeiramente acontecendo. E, no entanto, o Mercado já está entediado com seus novos brinquedos; a NASDAQ treme, e até as ações de biotecnologia parecem entorpecidas. Nada acontece – exceto ondas de operadores mortos caindo como folhas de outono. Entediante, entediante. Nem mesmo o dinheiro ainda é interessante.

Apesar do fato de que ludismo é historicamente um movimento de esquerda, alguns ideólogos despacharam-no como reacionário por não ser um movimento "progressista". De fato, se "Esquerda" requer as Luzes e sua "cruel instrumentalidade da Razão" (ou seja, não racionalidade, mas racionalismo), se "Esquerda" implica a cultura de um só mundo baseada na máquina e nas suas necessidades, então, alguns podem dizer que é chegada a hora de se posicionar "além da Esquerda e da Direita" e até de procurar por aliados entre outros ditos reacionários. É difícil encontrar um terreno comum com a Esquerda hoje em dia porque é difícil localizar qualquer Esquerda que seja. (O Partido Verde não conta; não tem o Partido Verde uma crítica coerente do Capital?). Um pouco de Esquerda seria ótimo. Diabos, até o "jovem" Marx parece bom, agora que todos os velhos marxistas estão mortos. Quanto à Direita, será possível que existam alguns verdadeiros conservadores que não sejam racistas, chauvinistas, nacionalistas, apólogos do neoliberalismo, fascistas da moda e nem diabolistas heavy metal? Conservadores interessados na conservação de coisas como a vida selvagem e fazendas, valores humanos, comunidade e outras virtudes fora de moda do tipo? Talvez, tanto a Esquerda quanto a Direita sejam categorias vazias, conjuntos vazios. Pode a biofilia unir os humanos contra a antibiose frígida da maquinaria do Capital? Tenho minhas dúvidas, mas estou tentando resolvê-las e achar uma saída para o

desespero. Enquanto isso, poderíamos, finalmente, esquecer a antiga tribuna da Assembléia Francesa e simplesmente dirigirmo-nos a nós mesmos, em vez de nos dirigirmos àqueles remanescentes que ainda sentem que a humanidade é algo mais do que um nicho de mercado a murchar?

6

Conforme Paul Virilio, um globo unido por uma tecnologia, uma economia, uma Imagem, tornou-se um ambiente ideal para Um Grande Acidente. Talvez já tenha acontecido: o fracasso da Ideologia, o movimento do social – o final, até mesmo, do Espetáculo e sua substituição pelo desviante Simulacro. Se não o fim da História, então a idéia do fim da idéia de História. Teologia e materialismo, ambos na lixeira: física e metafísica igualmente – 6.000 anos de imiserabilismo – culminando na vitória desses "outros corpos", alienígenas e inumanos, demônios de nosso vazio interior. Qualquer estratégia de resistência então – por mais "impossível" – teria que desenvolver um tipo de empirismo bruto capaz de transcender a falsa consciência, tanto do materialismo, quanto do imaterialismo. Esse processo de descoberta pode fornecer tarefas úteis para aqueles monastérios de sombras onde a crítica hermética e a teoria hieroglífica serão estudadas – tarefas tanto de negação, quanto de criação.

No meu ponto de vista, religião e espiritualidade são duas coisas diferentes. A religião na Suméria e no Egito apropriou-se da espiritualidade do xamanismo e do paganismo neolítico. A religião usou seu suposto monopólio da graça para reforçar a exclusão e a hierarquia. Sob essa ótica, a ideologia pode parecer simplesmente tão secularizada quanto a teologia, já

que seu resultado final é o mesmo.

A espiritualidade (por falta de uma palavra melhor) me atinge como uma coisa empírica, já que – como muitos outros – eu a experimentei através de plantas e químicos psicotrópicos, e por outros meios não menos naturais ou não-naturais. Acho interessante que o Capital Global pareça incapaz de digerir e "commoditificar" as "plantas do poder" e produtos da fantasia; além das vantagens econômicas da guerra das drogas permanece um resíduo de histeria psíquica quanto à repressão que, de algum modo, sugere que o poder real está em perigo. E o poder real é raro fora da esfera do dinheiro. Deveríamos prestar atenção aos fluxos de poder esotérico. Precisamos de toda e qualquer vantagem.

Uma resistência baseada no empirismo, me parece, terá que considerar a aparente atualidade do espírito. Neste ponto, devo admitir que estou esperando por um sinal, como um profeta menor do Velho Testamento. Não posso prever, mas tenho a sensação de que esse sinal envolverá, de algum modo, aquilo que estou chamando de espiritualidade. Por esta razão espero que o sinal apareça não nos Estados Unidos ou em qualquer outra das "zonas incluídas", mas talvez naquilo que costumava ser chamado de Quarto Mundo, o mundo das tribos, guardas florestais e camponeses (e xamãs e pagãos), as zonas excluídas onde as principais batalhas do Capital Global estão sendo travadas. Se tanto a religião como a ideologia nos traíram, então o sinal não pode tomar a forma de religião ou de ideologia. De algum modo, o sinal combinará elementos de diferença e também de solidariedade, e apresentará uma real oposição à mesmice assim como à exclusão. Parece um tanto paradoxal e, conseqüentemente, sugere a

espiritualidade do sinal. Sobretudo eu acredito que o sinal despontará espontaneamente e que ele não pode ser preparado em um exercício intelectual ou em um trabalho artístico. E absolutamente não tenho a menor idéia do que será. Ou se será.

7

O que significa isso tudo em termos de estratégia possível – ou até tática – "depois de Seattle", etc, etc? De que forma esta "espera por um sinal" se relaciona com a luta contra a OMC, o FMI, o World Bank, o NAFTA, o GATT, as grandes corporações, os superfundos, para não mencionar os velhos inimigos de sempre, como governos e exércitos, e novos e ambíguos inimigos, como as ONGs?

Eu gostaria de fazer um apelo à teoria, o que de modo algum implica ideologia. "Theoria" originalmente significa "visão" e inclui tanto vista como "experiência visionária". Desde a decadência da pós-desconstrução, do pós-modernismo e do pós-tudo o mais, a teoria caiu em maus lençóis. A teoria requer agora o tipo de empirismo evocado nos parágrafos anteriores; precisa de loucura psicotrópica e também de espontaneidade. A teoria precisa, sobretudo, clarear a questão do Capital, e este é um trabalho de negação. Os protestantes de Seattle ou de Praga de modo algum estão unidos na sua compreensão do capital. O elemento reformista acredita verdadeiramente no "Capital com uma face humana" e não partilha de nenhuma linguagem comum com os anarquistas, etc. Como resultado, alianças feitas acerca das emoções da confrontação tendem a se dissolver quando questões estratégicas são levantadas. O populismo seria um fenômeno bem-vindo e pode ter algum apelo em prol da reforma e até para

o capital produtivo, assim como também para a resistência. No entanto, o populismo no estilo do Partido Verde não tem futuro algum, a não ser eleições perdidas. Até que uma forma viável de populismo apareça, penso que os não-autoritários poderão, igualmente, trabalhar na afinação de sua teoria do Capital.

Outra urgência é por um real pensamento estratégico. Formas novas e não-usuais do velho protesto pegaram a polícia de Seattle de surpresa, mas as ações contra as convenções Democrática e Republicana fracassaram porque essas táticas eram adivinhadas pela polícia. (As ações anticonvenção também falharam, suspeito, porque ninguém realmente se importa com política. A melhor tática teria sido a de, deliberadamente, permanecer afastado das convenções e não protestar de modo algum, mas denunciá-las como fraudes entediantes.) Cada movimento por parte das forças do Capital requer uma resposta tática da resistência, e essas novas táticas apenas podem emergir do pensamento estratégico. Von Clauswitz elementar.

Enquanto isso, como encerramento, uma salvação ao fazendeiro francês José Bové. Ele fez mais pela causa ao dirigir seu trator McDonald's adentro do que todas as páginas de Web e todas ONGs juntas. E salve Vandana Shiva também. Ela e suas mulheres indianas são quase um "sinal" em si.

Texto retirado do site da Revista Play (www.pl4y.com.br)

BRUXAS E BRUXOS CONTRA O G-8

por Starhawk

Um chamado pagão para os protestos em Calgary. Entenda a perspectiva do "ativismo mágico" propagado pela guru wicca Starhawk.

.....
Sábado Junho 22 '02

Querida Comunidade Reivindicativa : Somos o Grupo de Afinidade Pagão em Calgary, Alberta, Canada. Estamos aqui porque os chefes de estado das 8 nações mais poderosas e corruptas (G8) vieram a Alberta para se reunirem e arquitetarem a subjugação contínua da Terra e de seus povos. A nossa intenção é usar conscientemente a energia e as ações desta semana para solapar a base da fortaleza do poder-soberba e provocar assim a sua ruína, abrindo espaço para a semente de culturas amantes de beleza, equilíbrio e deleite. Isto é uma magia que temos vindo a praticar longamente. Magia para romper o véu, para que resplandeça a clara visão de Brígida por entre as nuvens de enganos e confusão.

Os poderes que apóiam o G8 têm a sua 'magia' própria: um modo de inclinar e afetar a consciência das massas. Controlam vastos recursos de dinheiro, armas, forças policiais e militares. Tecem uma rede de medo em torno do globo, e lançam campanhas para criminalizar-nos, a nós dissidentes. Saturaram Calgary de medo. Sentimos nuvens de medo e de confusão, momentos de distração e de impotência. Desafiar as estruturas entrincheiradas do poder é perigoso. Aqueles dos nossos que estiveram em Gênova, na Itália, encontro do G8 do ano passado, tiveram experiência da força brutal exercida sobre os que põem em questão o privilégio das pessoas economicamente mais poderosas deste planeta. Os padrões que vemos em Calgary indicam-nos que a brutal energia da repressão de

Gênova do ano passado está aqui presente.

Precisamos de vossa ajuda. Há três meios fundamentais pelos quais lhes pedimos apoio mágico: Trabalho de Transe: No Sábado à noite, 22 de Junho, entre o solistício e a lua cheia, faremos um transe de grupo. Somos apenas algumas Bruxas Clamantes fisicamente presentes aqui. Mas junto com a nossa comunidade alargada, podemos ser uma poderosa força no mundo mágico. Quando entramos em ligação, fazemos a diferença. Por favor, una-se a nós Sábado à noite; por si própria(o) ou em grupo. Transe. Apoie-nos com proteção mágica, ou junte-se a nós no astral e ajude-nos a penetrar na fortaleza, a identificar as suas vulnerabilidades, a desatar as suas âncoras e a romper a sua 'mágica'. Sugerimos que se mantenha no seu próprio local de poder ou na Casa Comunal dos Clamantes se a conhece e a prefere, onde nós estaremos trabalhando. Tenha cuidado com sua blindagem e proteção. Para encontrar a fortaleza, encontre os caminhos que a fortaleza penetrou em nós, os caminhos que se internalizaram enquanto poder-soberba, dentro dos nossos grupos e dentro das nossas psiques. Lembre-se que, para realizarmos este trabalho mágico, temos de fazer o nosso trabalho de sombra interior também.

Começaremos cerca das dez da manhã, tempo da Montanha, mas a sincronização exata não é importante neste tipo de trabalho. Assegure-se em fazer um tipo de cura e lavagem a seguir, e de recapturar quaisquer energias que tenha libertado. Faça-nos chegar quaisquer informações e inspirações que receba. Trabalho de feitiço: Privado ou público (entre agora e 28 de Junho): Ruby da Ilha de Vancouver inventou um feitiço há alguns anos, em que um círculo ou coração no centro simboliza o coração do problema ou aqueles que precisam de cura e de apoio. Em volta dele, desenha anéis de apoio, representando aqueles que se posicionam próximo e aqueles que se posicionam mais longe. Cada anel do círculo é criticamente importante para o trabalho. Vindo do centro, trace linhas radiais para

drenar as energias negativas. Sugerimos que use a sua feitiçaria e que a ponha no altar no Sábado.

Mas também nos foi pedido que digamos às pessoas para realizar um feitiço semelhante ao que fizemos na noite passada por ocasião do solistício em Calgary: Com cerca de quinze pessoas tivemos um ritual improvisado no sítio do grupo de Estátuas da Praça Olímpica representando as Famosas Cinco, as mulheres que trouxeram a tribunal um processo nos anos 20 que estabeleceu que as mulheres eram pessoas legais. Formamos um vortex mágico, um dreno gigante para arredar o medo que tem sido derramado nesta cidade em torno das ações e reciclá-lo nas entranhas dos fogos subterrâneos. Criamos um contra-pólo, uma árvore mágica de vida para extrair as energias positivas da esperança, amor, justiça, liberdade, proteção e visão. Um ente espectral apareceu, entrou no nosso círculo e dançou a dança da Terra ferida, magoada e recebendo o nosso amor e cura. Estamos convictas que era uma Deusa revestida das aparências de mulher aborígene. Pedimos aos outros/as, entre este momento e a Lua Cheia, para irem para algum lugar público na vossa cidade e criarem um dreno para o grande medo no qual muitos se viram mergulhados, e um pólo positivo para importar influências positivas. Proteção em Curso (entre agora e 30 e Junho ou até os últimos manifestantes estiverem for a da prisão): Por favor, guarda-nos a nós e àquelas/es que se nos estão juntando em nossos corações e em nossos altares com as palavras mágicas seguintes: "Que estejam no lugar certo, no tempo certo, no caminho correto, com a proteção, o poder, a saúde, a energia, o apoio, a sabedoria, os recursos, e a sorte para fazerem o trabalho".

Estamos envolvidas agora mesmo numa batalha, um imenso combate que irá determinar o futuro do nosso mundo. Quaisquer que sejam os acontecimentos nas ruas, quaisquer que sejam os armamentos e exércitos que se estão acumulando, é em definitivo, uma luta entre o medo e o amor.

Este é o território que conhecemos e o terreno sobre o qual podemos nos fincar com o nosso poder de Feiticeiras. Com Amor, gratidão, e bênçãos. Escrito por Juniper, Lisa, Starhawk, Paul, e Charles em nome do Grupo de Afinidade Pagão.

lists.riseup.net/www/info/rs

Traduzido por M.B. para A-infos

Texto retirado da lista A- infos Serviço de Notícias (www.ainfos.ca)

O CYBERPUNK COMO ALQUIMISTA MODERNO.

Timothy Leary e Eric Gullichsen



A geração baby-boom cresceu num mundo eletrônico (de 1960 a 1970), de ligar e sintonizar telas de TV e de computadores pessoais.

Os Cyberpunks, crescendo nos anos 80 e 90, desenvolveram novas metáforas, rituais, e estilos de vida para lidar com o universo da informação. Mais e mais de nós estão se tornando xamãs de fuzzy-logic(1) e alquimistas digitais.

Os paralelos entre a cultura dos alquimistas e dos adeptos cyberpunks de

computadores são muitos. Ambos empregam conhecimento de um arcano oculto desconhecido pela população em geral, com símbolos secretos e palavras de poder. Os "símbolos secretos" compõe a linguagem dos computadores e matemática, e as "palavras de poder" instruem sistemas operacionais para realizarem tarefas hercúleas.

Conhecendo o preciso código de um programa digital permite que ele seja conjurado à existência, transcendendo assim o trabalho muscular ou a pesquisa mecânica. Ritos de iniciação e aprendizado são comuns a ambos. "Feitos psíquicos" de telepresença e ação a distância são realizados pela escolha de uma opção no menu.

Jovens alquimistas digitais têm ao seu dispor ferramentas de inteligência e poder inimagináveis pelos seus predecessores. Telas de computador são espelhos mágicos, apresentando realidades alternativas nos vários graus de abstração ao controle (invocação) do alquimista. O mouse ou caneta da mesa digitalizadora são o bastão, controlando o fogo do monitor e amplificando a força criativa do operador.

Discos rodopiantes, drives, são os pentáculos, inscritos com símbolos complexos, tabelas terrestres a receber a entrada do "ar," resultante da impressionante velocidade da eletricidade intelectual dos circuitos da CPU. Os chips RAM são literalmente, os buffers ("piscinas buffer"), a água, o elemento passivo capaz somente de receber e retransmitir a informação, a refletindo.

Programação visual iconográfica é um Tarô, o sumário pictórico de todas as

possibilidades, ativado para adivinhação pela justaposição e influência mútua. É uma Tabela Periódica de possibilidades, a forma ocidental do I Ching oriental. Linguagens de programação tradicionais, orientadas por palavras - FORTRAN, COBOL, e o resto, são uma forma primitiva degenerada desses sistemas universais, grimórios de corporações orientadas para o lucro.

Bancos de dados detalhados da atividade de sistemas operacionais formam os registros Akashicos numa escala microscópica. Num nível macroscópico, esta é a "rede mundial" de conhecimentos, a rede mundial de hipertexto, próxima de ser alcançada pela capacidade de armazenamento do CD-ROM e a transmissão de dados por fibra ótica - a "matriz" ciberespacial de William Gibson.

Transmutação pessoal (o êxtase do "hack derradeiro") é um objetivo velado de ambos os sistemas. O satori da comunicação harmoniosa homem-computador resultante do regresso infinito os metaníveis de auto-reflexão é a recompensa pela conceitualização e execução perfeita das idéias.

A Universalidade do 0 e do 1 através da magia e da religião - yin e yang, yoni e lingam, copa e bastão - é manifestada hoje em dia por sinais digitais, os dois bits por trás da implementação de todos os programas do mundo em nossos cérebros e em nossos discos operacionais. Esticando um pouquinho, mesmo a mônada, símbolo da mudança e do tao, lembra visualmente um 0 e um 1 sobrepostos pela ação centrífuga da velocidade sempre maior da rotação da própria mônada, curvando sua linha central.

1. Também conhecida nos meios científicos como lógica difusa ou nebulosa, definida como a lógica que suporta os modos de raciocínio que são aproximados, ao invés de exatos, como se está naturalmente acostumado a trabalhar. Ela se baseia na teoria dos conjuntos nebulosos e difere dos sistemas lógicos tradicionais em suas características e detalhes.

Traduzido por Eduardo Pinheiro

DESCONCERTANDO METAS, CURVANDO RETAS

Carolina Borges

A resposta está nas esferas. Se há uma linha de fuga a ser trilhada , o caminho é circular. Andar em círculo , em volta de algo. Sentar em círculo, pensar em círculo, saber do círculo. Tudo se dando na "esferofilia " termo este designado aqueles que percebem os ciclos anelantes da eternidade. Que se deleitam com os anéis do acontecer e do regresso .

Gaia girando em círculo, nos presenteando ritmicamente com primaveras, verões, outonos e invernos; nascer e pôr do sol.

Os povos primitivos adoradores de sóis, luas, estrelas e movimentos naturais do planeta Gaia -sábios do instinto vital da sobrevivência- já se reuniam em círculos. Rituais pagãos têm nos movimentos circulares, suas expressões. Basta ser uma tribo para estar em movimento circular.

Os menores seres vivos da categoria dos unicelulares são seres circulares. É através da união de milhões de pequenas esferas - me refiro as células – que se formam os seres vivos habitantes telúricos do planeta Gaia.

Sendo assim , vêm a questão : qual a justificativa do pensamento ocidental ter na sua estrutura a linearidade como principal manifestação ? Metas,

retas, pensamentos lineares compostos de passado, presente e futuro. Psicanálises baseadas em memórias do passado. Mídias da informação obtendo do futuro, tentáculos de dominação e manipulação. Como se o futuro estivesse nas mãos de cada ser pensante, neste caso, de cada consumidor. Futuro transformando-se em um produto. Apartamentos em condomínios fechados, carros OKm, transformam-se em desejos de felicidade, justificando atitudes mórbidas de pouca intensidade com o presente. Milhares de seres pensantes "morrendo" a vida com a nobre causa de possuir a dignidade de um futuro estável, e "feliz". Os dias, os meses, e os anos passam circulando em torno do sol enquanto os habitantes telúricos constroem abstratos planos de metas em linhas retas.

Comparando os rituais arcaicos pagãos realizados em círculos com os templos de religiões monoteístas onde o deus sagrado, puro e pleno ocupa um lugar superior, ao céu; percebemos diferenças de natureza vital e instintiva.

No primeiro caso, os participantes se expressam instintivamente, tribalmente, genuinamente para compartilhar momentos divinos. No segundo caso os participantes ajoelham, fecham os olhos e adoram o deus no seu altar, pedindo através de rezas sussurradas timidamente um futuro estável e feliz. Nos próprios rituais já se evidencia a distinção das naturezas de imanência e transcendência. Seres que dançam para compartilhar momentos divinos expressam naturezas imanentes, potências de afetos e de relações, enquanto os seres que se paralisam no presente -entregando o poder das maravilhas do acaso à um único deus superior – expressam naturezas transcendentais.

A espécie evolui. Percebe-se o poder que a técnica possui nas transformações sociais. Eis a tecnologia no terceiro milênio – contagem ocidental, calendário gregoriano – "metamorfaseando" hábitos, criando valores, destruindo morais e valorizando éticas. Eis o caos habitando realidades, desconcertando as metas, curvando as retas e abrindo espaço para as esferas circularem e habitarem os pensamentos humanos.

O PRINCÍPIO DA DISCÓRDIA

Ari Almeida e Mojo



Um cachorro-quente muito gostoso e uma manhã curitibana muito fria despertaram em mim um estranho senso de espiritualidade & lembrei que, no fim das contas, sou um cara religioso. Mais uma sincronicidade impressionante que me aconteceu nesta mesma manhã dia UM de julho, o número do ônibus era 23. Incrível não? Cachorros-quentes e o número 23 e 23 é o número sagrado do Discordianismo e Ari Almeida é um Discordiano. Na verdade (dizer "na verdade" quando se está falando de discordianismo é meio bobo, mas vá lá), o número sagrado é o 5, mas essa é outra história.

O Discordianismo é uma religião freak criada nos EUA, no início dos anos 60. É um aglomerado de nonsense com mitologia grega, religiões orientais e anarquismo, onde "todo homem, toda mulher e toda criança são um Papa". O Conluio Joshua Norton (sabem quem foi? fica pra uma próxima), que veio a originar todos os outros, se definia como "somos uma tribo de filósofos,

teólogos, magos, cientistas, artistas, palhaços e maníacos similares que estão intrigados com ÉRIS, DEUSA DA CONFUSÃO, e com Seus Atos".

Você aprenderá mais e entenderá menos sobre os discordianos se ler seu livro sagrado, o Principia Discordia. O nome completo do livro é "Principia Discordia (ou Como Encontrei A Deusa e o Que Fiz a Ela Quando A Encontrei), Onde Se Explica Absolutamente Tudo Que Vale a Pena Saber Sobre Absolutamente Qualquer Coisa", e foi escrito pelo profeta Malaclipse, o Mais Jovem. Por trás deste simpático heterônimo estão Greg Hill e Kerry Thornley, dois vagabundos pós-beatniks e pré-hippies que disseram ter escrito o Principia após serem contactados por Éris, a deusa grega da discórdia. Para quem não lembra, Éris foi a causadora da guerra de Tróia, quando forçou uma disputa para decidir quem era a mais bela de todas as deusas. O pomo da discórdia, feito de ouro e com a inscrição "kallisti" ('para a mais bela') é um dos símbolos do Discordianismo.

O Principia começou de leve, mimeografado e distribuído em escolas e universidades, e em poucos anos tinha virado um verdadeiro culto. Existem milhões de histórias esdrúxulas conectadas com o Principia, a maioria cheia de nuances paranóicas. Só para dar uma noção, Kerry Thornley foi companheiro de quarto de Lee Harvey Oswald - suposto assassino do presidente Kennedy - (e participa da coletânea de contos de ficção científica transgressores "Futuro Proibido", recém lançada pela Conrad), e algumas das primeiras cópias do Principia foram tiradas no escritório de Jim Garrison (o advogado que defendia a tese conspiratória para o assassinato de JFK). Os membros mais antigos da religião até hoje juram de pés juntos que a saudação dos hippies é um plágio do cumprimento discordiano (dois dedos para cima, três para baixo... oh! 23!).

Depois do lançamento da trilogia "Illuminatus!", de Robert Anton Wilson e Bob Shea, a religião explodiu no *weirdo* underground dos EUA e da Europa,

arrebatando milhares de adeptos auto-proclamados. Hoje em dia existem alguns herdeiros criativos da religião discordiana (como a Church of the SubGenius e a Church of Euthanasia), além de RPGs ("Illuminati", "INWO"), um provedor (<http://www.io.com>), vários websites, um grupo de Usenet (alt.discordia) e mil outras paradas de nerd metido a freak. É fácil reconhecer um discordiano: ele vê fnords por toda parte e sempre está procurando ocorrências bizarras do número 23.

Mas é isso aí. Para quem é chegado em nonsense e excentricidades, O "Principia Discordia" é um livro essencial. Dá pra encontrar versões ASCII na web (tem uma em <http://www.cs.cmu.edu/~tilt/principia/>), e uma versão em português (com ilustrações e tudo em: <http://www.fnords.blogger.com.br> mas legal mesmo é ler a versão original, cheia de colagens meio Monty Python e com uma diagramação podre de fuleira. É hilária, insuperável e baratíssima (tem na Amazon).

Para delírio da massa esquerdista & ativista & pro intolerantes de plantão, grudarei aqui três pedaços do Principia, numa tradução ligeira que fiz em uma noite de demência criativa (como todas as outras)

O PENTABARF : OS CINCO MANDAMENTOS DISCORDIANOS

*O PENTABARF foi descoberto pelo ermitão Apóstolo Zaratud no Quinto Ano da Lagarta. Ele o encontrou gravado em pedras gêmeas, enquanto construía um teto solar para sua caverna, mas seu significado se perdeu, pois estava escrito em uma cifra misteriosa. Entretanto, após 10 semanas & 11 hs de escrutínio intensivo, ele discerniu que a mensagem poderia ser lida se ficasse de cabeça para baixo e a lesse invertida.

SAIBA DISTO, Ó HOMEM DE FÉ!

I - Não há Deusa além da Deusa e Ela é Sua Deusa. Não há Movimento Erisiano além do Movimento Erisiano e é o Movimento Erisiano. E cada Batalhão da Maçã Dourada é o adorado lar de um Verme Dourado.

II - Um Discordiano Deve Sempre usar o Sistema Discordiano Oficial de Numeração de Documentos.

III - Durante sua primeira Iluminação, se Requer de um Discordiano que Saia Sozinho & Partilhe Alegremente de um Cachorro-Quente na sexta-feira; esta Cerimônia Devocional serve para Protestar contra os Paganismos populares do Dia: da Cristandade Católica (nada de carne na sexta-feira), do Judaísmo (nada de carne de Porco), dos Povos Hindus (nada de carne de Gado), dos Budistas (nada de carne de animal) e dos Discordianos (nada de Pães de Cachorro-Quente).

IV - Um Discordiano não deve Partilhar de Pães de Cachorro-Quente, pois Este foi o Consolo de Nossa Deusa quando Ela foi Confrontada com a Esnobada Original.

V - Um Discordiano é Proibido de Acreditar no Que Lê.

ESTÁ ESCRITO! QUE ASSIM SEJA. AVE DISCORDIA!
OS QUERELANTES SERÃO TRANSGRESSICUTADOS.

UMA HISTÓRIA ZEN

por Camden Benares, O Conde de Cinco
Diretor do Conluio Campo Dócil

Um jovem sério achava perturbadores os conflitos norte-americanos da

metade do século XX. Dirigiu-se à muitas pessoas procurando uma maneira de resolver dentro de si a discórdias que o aborreciam, mas permaneceu aborrecido.

Uma noite, em uma cafeteria, um Mestre Zen Auto-Ordenado lhe falou, "Vá até a mansão dilapidada que encontrarás neste endereço que te escrevi. Não fale com os que vivem lá; debes permanecer em silêncio até que a lua se levante amanhã à noite. Vá até a grande sala à direita do corredor principal, sente em posição de lótus no topo dos escombros do canto nordeste, vire-se para o canto e medite".

Ele agiu como instruído pelo Mestre Zen. Sua meditação foi interrompida freqüentemente por preocupações. Ele se preocupava se os encanamentos cairiam ou não do banheiro do segundo andar para se juntar aos canos e outros lixos sobre os quais ele estava sentado. Ele se preocupava sobre como saberia quando a lua se erguera na próxima noite. Ele se preocupava com o que as pessoas que caminhavam pela sala diziam a seu respeito. Sua preocupação e meditação foram perturbadas quando, como em um teste de sua fé, merda de passarinho caiu sobre ele do segundo andar. Naquele momento, duas pessoas entraram na sala. A primeira perguntou à segunda quem era o homem que estava sentado ali. A segunda respondeu: "Alguns dizem que ele é um homem santo. Outros dizem que ele tem merda na cabeça."

Ouvindo isto, o homem se iluminou.

=====

ENTREVISTA COM MALACLIPSE, O MAIS JOVEM

Alguns excertos de uma Entrevista com Malaclipse, o Mais Jovem, pelo BOLETIM E RELATÓRIO INTERGALÁCTICO DO MAIOR YORBA LINDA DIÁRIO-

FOLHA-NOTÍCIAS-HORA-JORNAL-CIRCULAR-FOLHETO METROPOLITANO E DO CONLUIO SOCIEDADE DISCORDIANA DE SAN FRANCISCO & PAPA PUP.

GRANDE PUP: Você é sério ou o quê?

MAL-2: Às vezes eu levo o humor a sério. Às vezes eu levo a seriedade com humor. De qualquer forma, é irrelevante.

GP: Talvez você seja apenas louco.

M2: Sem dúvida! Mas eu não rejeito estes ensinamentos como falsos porque sou louco. Eu sou louco porque eles são verdadeiros.

GP: Éris é real?

M2: Tudo é real.

GP: Até as coisas falsas?

M2: Até as coisas falsas são verdadeiras.

GP: Como pode ser assim?

M2: Não sei, cara, não fui eu quem as fez.

GP: Por que você lida com tantas negativas?

M2: Para dissolvê-las.

GP: Você desenvolverá este ponto?

M2: Não.

GP: Há algum sentido essencial por trás da POÉE (Parateo-Anametamisticandade de Éris Esotérica)?

M2: Há uma História Zen sobre um estudante que pediu a seu Mestre para explicar o Budismo. A resposta do Mestre foi "três toneladas de linho".

GP: Esta é sua resposta à minha pergunta?

M2: Não, claro que não. Isto foi apenas ilustrativo. A resposta para sua pergunta é CINCO TONELADAS DE LINHO!

=====

Ah, quase esqueci de falar sobre o 23.

O pomo da discórdia é uma maçã. Corte uma maçã ao meio. Está vendo a estrelinha de cinco pontas? São três pontas para cima e duas para baixo.

Isso dá 23.

O povo discordiano tem listas intermináveis de coincidências imbecis (ou não) com esse número maledetto, que de acordo com eles prova "A Lei dos Cinco" (leia o Principia para entender a farofa). O negócio é muito divertido e vicia horrores. Eu mesmo já descobri uma porrada de ocorrências bizarras do número. É uma prática religiosa adoravelmente inútil, experimentem.

Fonte: Centro de Mídia Independente (www.midiaindependente.org).

Link: <http://www.delinquente.blogger.com.br>

ÉTER: O MEIO SUTIL

Por Caio Benevolo

Comunicação apresentada durante a XVI Semana de Estudos Clássicos do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ - Setembro de 1.995

O pensamento antigo nos oferece poucas sendas tão fascinantes quanto à da concepção do *éter*, ou, como também costuma ser chamado, do meio sutil. Fascinante, porque mutável, dinâmica. Aqui, estamos diante da cena onde o pensamento, munido da razão, persegue o objeto, no intento de entendê-lo e postulá-lo cientificamente, mas, no decorrer de tal empreendimento, aquele contamina-se por esse, vindo a descrever os seus mesmos meandros e características. Este processo congeminativo, que subverte a dualidade sujeito/objeto indispensável à filosofia e à ciência, parece ter contribuído para a desistência, ocorrida no começo deste século, em perseguir-se a cientificidade de tal elemento.

Éter é palavra de origem grega: aithér, que significava, primitivamente, uma espécie de fluido sutil e rarefeito que preenchia todo o espaço e envolvia toda a terra (ubiqüidade). Destarte, ele iniciou sua carreira no pensamento ocidental; tal era sua forma na antiga crença popular grega. Aqui, era ainda concebido como vivo e divino, possuindo a mesma natureza do **fogo**.

Divinizado, a personificar o céu superior, onde a luz seria mais pura, desempenha papel primordial e genitor no panteão grego. Segundo algumas tradições, é filho de Érebo e Nyx ("noite"), irmão de Hemera ("dia"). Segundo outras, unido à sua irmã, teria gerado a terra, o céu, e o mar, além

de várias emoções, como a tristeza, a cólera, a mentira, etc., aqui vistas como personificadas. Além destes, unido à mesma parceira, teria gerado a muitos deuses, como Atlas, Saturno, Tártaro, etc. Cícero o considerava pai de Júpiter e de Urano, além de avô do Sol.

Os gregos, fazendo uso da linguagem, compuseram esse termo, provavelmente, a partir de aeí ("sempre"), e de theîn ("correr"); aquilo que sempre corre, o que está em *perpétuo movimento*. Associadas à mesma raiz, ainda temos as palavras itharós ("claro"), aithýsso ("tremar", "agitar"), e aîtho ("incendiar"). Admite-se que a voz latina aestvs ("estio") esteja associada à mesma raiz que, neste caso, galga uma profundidade indo-européia.

Vemo-nos diante de um campo semântico que abarca um elemento: o **fogo**, com quatro características derivativas, a saber, a *luz* (claridade), o *perpétuo movimento*, o *calor*, e a *dinâmica antigravitacional* (o sentido de propagação da chama é para o alto, no sentido oposto à gravidade). E, neste ponto, encontramos-nos imersos num problema pertinente à fenomenologia dessa percepção, pois o fogo parece ter sido eleito a melhor ilustração do éter a posteriori, a partir da comunidade de características derivativas. Por isso, diz-se que este tem a *mesma natureza* daquele, mas são diferentes. Tal necessidade em figurativizar o éter por analogia a outro elemento põe a descoberto a dificuldade que já havia, naquele então, inerente ao problema de acuidade perceptiva, para postulá-lo em primeira mão, isto é, sem uso de figuras.

A sua mais importante característica, já citada, é a *ubiqüidade*, ou seja, o

estar em toda a parte a todo o tempo. Vale, aqui, a questão: o sentido último da busca do arché ("princípio"), empreendida pelos filósofos pré-socráticos, não seria a busca daquilo que está *por toda a parte*, assegurando a unidade da natureza por um princípio comum a todos os seus seres fragmentários? A intenção daqueles filósofos é, essencialmente, buscar o fator agenciador da *totalidade*, da *completude*, do **uno**. O postulado desse fator acarreta, necessariamente, um raciocínio **congeminativo**, que dilui todas as diferenças na comunidade dele, que as envolve, suporta e perpassa.

De alguma forma, essa incitação ao congeminar já estava evidente no cenário em que fora divinizado; a um só tempo, como vimos acima, o éter era o responsável pela geração dos elementos, das emoções, e de deuses. Se considerarmos que muitos desses deuses e emoções eram, em realidade, a personificação de forças ou personagens cósmicas, tanto mais amplo se nos mostra o poder de abrangência da simbolização desse aspecto congeminativo. Ao longo deste trabalho, evidenciaremos o quanto a amplitude deste processo simbolizador corresponde à realidade do objeto.

Dos pré-socráticos, não restaram mais que fragmentos que nos convidam a *ousar* recompor a totalidade que lhes deu origem. De acordo com o já exposto, ousamos pensar o arché pré-socrático como uma associação do éter com outros elementos, portanto uma **congeminção**. Sobre a escolha desses elementos, recairá o gênio e a acuidade perceptiva de cada filósofo. Não dispomos de uma palavra que sintetize essa nova unidade elemento+éter, uma vez que a linguagem tem por viga mestra a segmentação dos objetos significados no espaço e no tempo; ela tem por

fim resgatar-nos do caos da totalidade. Neste ponto, esbarramos, novamente, com o problema que subverte o intento cientificista ao qual não nos furtamos neste trabalho.

O fato é que a associação com o éter parece se apresentar, em cada um daqueles filósofos, em diferentes níveis de percepção e inteligência; em alguns, parece inconsciente e intuitivo, em outros, claro, e, em outros, francamente assumido. Passemos em revista a algumas de suas concepções.

Tò ápeiron ("o sem-fim") foi a resposta de Anaximandro de Mileto (séc. VII-VI a.C.), discípulo de Tales, à busca do arché. Vê-se como sua percepção fora arrebatada pela ubiqüidade; o "sem-fim" consubstancia-se num processo de extensão material ininterrupto: está por toda a parte, não existe o vácuo. É provável que também transcenda os limites temporais.

"O deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e fome. Varia como o fogo, o qual, ateadado a especiarias, é denominado conforme o perfume destas." . Neste trecho de Heráclito de Éfeso (séc. VII a. C.), que se interpõe entre filosofia e poesia, vemos como se ilumina a identidade entre o conceito de éter e seu lógos, definido como o **fogo** (pyr) real e metafórico, dado por ele como resposta ao arché. Para tanto, concorrem as dialogias (dia/noite, inverno/verão,../...). Durante a leitura do fragmento, a linguagem impõe que estas sejam decodificadas por nós alternadamente, em sucessivos momentos plenos de significados mutuamente excludentes, dispostos dual e paralelamente. Nova oposição se introduz, com a figura de movimento ("varia") protagonizada pelo fogo; por outro viés semântico, este agencia a fusão dos limites ontológicos de seres particulares

("especiarias"), como aquilo que é comum, geral. A supracitada alternância dialógica passa por uma transcendência agenciada por essa figura de movimento, metamorfoseando-se em *simultaneidade*. Assim, o fogo abole também os limites temporais, consubstanciando a plenitude espaço-temporal; ainda que aparente particularizar-se ("denominado conforme o perfume destas"), o seu perpétuo movimento e a ubiqüidade são onipresentes e eternos. Mas onipresença e ubiqüidade são sinônimos; o pleonasma só não se deflagra pelos diferentes planos metalingüísticos, em que se encontra cada termo. No entanto a sinonímia, apesar deste nosso discernimento intelectual, magnetiza-nos, para que se consuma a confusão (congeminação), que dá a forma circular a este discurso: eis-nos a reproduzir os mesmos meandros do éter.

"Tudo está repleto de espíritos e demônios" : tomaremos esta afirmação, também atribuída a este filósofo, como introdução a outro canal congeminativo, a saber, a identidade do conceito de éter com o de *espírito*, ou de *princípio vital*, ou, ainda, centelha divina. "Ainda que tenhas percorrido todos os caminhos, não alcançarás as fronteiras da alma; tal é a profundidade de seu lógos." : nestes fragmentos, estão relacionados a ubiqüidade e o elemento sutil, o espírito. "Tales ensinava que o princípio (arché) do universo é a água, que o mundo tem alma e está repleto de espíritos." : aqui, vemos Tales de Mileto (séc. VII a. C.) confluir com a supracitada percepção de Heráclito.

Espírito, ou **alma**, nos reportam à vida. Os antigos vivenciaram ainda outro canal congeminativo, como o atesta a etimologia: à raiz latina anim (animus, anima, animal, etc.), corresponde o termo grego ánemos ("vento"). De

alguma forma, o princípio vital também está imbricado com a percepção e o conceito de *ar*.

"Como nossa alma, sendo ar, nos mantém soberanamente juntos, da mesma forma, o sopro e o ar o fazem em torno de todo o universo" : Anaxímenes de Mileto (séc. VI a. C.) assim responde à questão do arché, ao indicar outro elemento, o *ar*. Diógenes Laércio acrescenta, a este respeito, algo de substancial: "Como princípio (arché), concebia o ar e o sem-fim (ápeiron)" . O insight desse filósofo pode ser ilustrado fartamente; a etimologia do verbo alemão atmen ("respirar") sabe-se estar relacionada ao sânscrito atma ("alma"), ou, ainda, o Gênesis, ao encenar o sopro divino sobre o barro.

Em sua admirável concepção sobre o cosmo, a qual corresponde quase totalmente à da moderna astronomia, Pitágoras de Samos (séc. VI a. C.) inclui o éter como o meio sutil e ubíquo que penetra toda a matéria e preenche todo o vácuo. Especula-se que o tenha feito, a partir de contactos mantidos em viagens, com a ciência e filosofia orientais, mormente a hindu, de onde parece ter trazido sua crença na reencarnação. Muito de seu éter está em consonância com o conceito hindu de prana, que, igualmente, identifica o princípio vital com o ar.

À voz latina pvrvs ("puro"), corresponde a grega pyr ("fogo"). Esta relação nos desvela um viés de percepção que vê a pureza como efeito da ação do fogo, ou a atribui a ele, como parte integrante de sua ontologia. Por esta vereda, trilhará Aristóteles, ao postular o seu *quinto elemento*, incorruptível e imutável, além do fogo, da água, da terra, e do ar. O filósofo, ao postulá-lo, parece ter desejado furtar-se às congeminções confusas de então,

solucionando-as. No entanto seu intento apolíneo acabou por traí-lo, voltando a se congeminar; sua concepção de enteléquia (*entelécheia*; en ["em si mesmo"] + télos ["fim"] + échein ["possuir"]: "que tem o fim em si mesmo") contém a sua visão de princípio vital realizado no indivíduo, ao regenerar-se e conservar-se a si mesmo. Aristóteles nota ainda que ela produz calor nessa atuação, o que levou-o a associá-la ao fogo, e ao éter, novamente.

Em seus escritos, as elevadas alturas do firmamento estão relacionadas a este último. É freqüente neles a menção a Anaxágoras de Klazomen (séc. V a. C.), que o via como o fogo das altas esferas celestes. "O fogo ocupa o mais alto lugar entre todos, a terra, o mais baixo, e dois elementos correspondem a estes em sua relação mútua, o ar estando próximo ao fogo, a água, à terra." (Meteorologia, n. 339a). Decorrente desta topografia, descreve-o, ainda, em suas implicações sismológicas: "Anaxágoras diz que o éter, que naturalmente move-se no alto, é absorvido por orifícios para baixo da terra e assim a faz tremer." (Idem, n. 365a). Ou ainda no trecho:

"No entanto há alguns que sustentam que há fogo nas nuvens. Empédocles diz que ele consiste em alguns raios de sol que são interceptados; Anaxágoras, que ele é parte do éter superior (por ele chamado de fogo) que desce do alto. O relâmpago, então, é o brilho deste fogo, o trovão, o som tonitruante de sua extinção na nuvem." (Ibidem, n. 369b)

O grande uso conceitual e científico do éter, entretanto, ocorreu entre os estóicos, já nos primeiros séculos de nossa era. Eles estruturaram toda uma complexa compreensão da natureza sobre um tipo de materialismo

dinâmico, ou, se preferirmos, anímico. Nesta última fase, o éter passa a ser chamado também de pneûma; os dois termos são tomados, como sinônimos, por aqueles filósofos e cientistas.

Convém lembrarmo-nos de que pneûma significa "vento", ou ainda "hálito", cognato a pnéô ("respirar"). Relaciona-se, à mesma raiz, pnígos ("calor sufocante"), este especialmente importante, por fundir os conceitos de fogo e ar. O pneûma dos estóicos reedita a arcaica fusão conceitual de ar com fogo e espírito.

Tal conceito, no entanto, teve sua importância consideravelmente alargada por aqueles filósofos: trata-se do monismo estóico. Os mundos animado e inanimado diferem, apenas, por uma questão de tónos ("tônus"): este é designativo do aspecto quantitativo de circulação de éter, ou pneûma, pelo interior dos corpos. Os seres vivos o fazem circular densamente, os inanimados, fracamente. A ubiqüidade está, assim, garantida: o éter perpassa toda a matéria, qualificando-a em função de sua intensidade. Ele também passa a ser o responsável pela coesão do universo e o mútuo contacto entre suas partes, bem como meio propagador da luz, da gravidade, e do magnetismo.

Vislumbramos, também entre os estóicos, um crescendo da filosofia de Heráclito de Éfeso; no materialismo dinâmico desses, são listadas as fases de diakósmesis ("formação do mundo") e ekpýrosis ("consumação"), correspondentes às chamadas pólemos kai éris e homología kai eiréne, dadas por este filósofo pré-socrático. Esta relação de continuidade torna-se clara, ao termos em vista a natureza do pensamento dele, a qual se caracteriza pelo trânsito em dialogias; o meio mais eficaz de espelhar a

totalidade, e, conseqüentemente, a ubiqüidade, é o que encena os contrários em mútua e simultânea relação.

O conceito de éter, entre os antigos, associa-se às percepções de movimento perpétuo, calor, altas altitudes, luz, espírito e ubiqüidade. Sua pesquisa, naquele então, decepcionara todas as tentativas em destilá-lo, vindo sempre associado a outro elemento, principalmente o fogo e o ar, o que procuramos deslindar, na medida do possível, neste trabalho. Esta característica congeminativa, que vimos apresentar desde que fora postulado, parece criar sérios problemas associados à percepção do sujeito, que invariavelmente flagra-se congeminado ao objeto mais cedo, ou mais tarde. O transbordar de limites, decorrente da ubiqüidade, que é, sem dúvida, sua característica mais impressionante, subverte a busca epistemológica: vimos que a congeminção apresentada pelo éter com o ar e o fogo espelha-se, estando imbricada na etimologia, na origem da linguagem, pertinente ao sujeito, portanto, e presentificada, por meio da mesma linguagem, no mundo da phýsis (natureza), como objeto. A busca do éter como entidade científica foi, sem dúvida, um empreendimento, para explicar esta já histórica sensação oceânica, a partir dos instrumentos do sujeito, mormente a inteligência, que segmenta o objeto no espaço e no tempo, através da ramificação desta, que é a linguagem. Ela o realiza, ao buscar, na epifania do novo, fatores e fórmulas já conhecidas: trata-se do passado que emoldura e suporta a manifestação do presente. O supracitado espelhamento se consubstancia numa identidade entre a phýsis e a natureza do próprio sujeito. O diálogo entre algumas das mais célebres tentativas, ocorridas no mundo antigo, para conceituar o éter cientificamente, como vimos, vem a confirmá-lo.

O autor:

Caio Benevolo é mestrando em poética na Universidade Federal do Rio de Janeiro onde se formou em música (violoncelista, regente e professor).

Texto extraído do Orgonizando, site de teoria reichiana e orgone
(www.orgonizando.psc.br)

INSTRUÇÕES PARA O KALI YUGA

Hakim Bey

O Kali Yuga ainda tem mais ou menos 200 mil anos para brincar – uma boa notícia para advogados & avatares do Caos, mas uma má notícia para brâmanes, jeovistas(1), deuses da burocracia & seus lacaios.

Eu sabia que Darjeeling guardava alguma coisa para mim assim que eu ouvi o seu nome – *dorje ling* – cidade do trovão. Cheguei um pouco antes das monções, em 1969. Antiga estação montanhosa britânica, sede de verão para o governo de Bengala – ruas com a forma de escadas de madeira curvas, do mercado se avistava Sikkim & o Monte Katchenhunga – templos & refugiados tibetanos – belas pessoas de porcelana amarela chamadas Lepchas (os verdadeiros aborígenes) – hindus, muçulmanos, nepaleses & budistas butaneses, além de ingleses decadentes que perderam o caminho para casa em 1947, ainda à frente de bancos antiquados & lojas de chá.

Conheci Ganesh Baba, um *saddhu* gordo e de barbas brancas com um hiper-impecável sotaque de Oxford – nunca vi ninguém fumar tanta maconha, um narguilé cheio após o outro, perambulávamos pelas ruas, onde ele jogava bola com crianças barulhentas ou arrumava brigas nos bazares, perseguindo funcionários do comércio com seu guarda-chuva, & morrendo de rir.

Ele me apresentou a Sri Kamanaransan Biswas, um homem de meia-idade, pequeno e delicado, metido num terno surrado. Era funcionário do governo de Bengala, & se ofereceu para me ensinar tantra. Mr. Biswas vivia num minúsculo bangalô empoleirado num morro íngreme, enevoado e salpicado

de pinheiros, onde eu o visitava diariamente com doses de conhaque barato para *puja*(2) & bebericagens – ele me encorajava a fumar enquanto conversávamos, uma vez que, para Kali, também a maconha é sagrada.

Em sua selvagem juventude, Mr. Biswas havia sido membro do Partido Terrorista de Bengala, que incluía tanto adoradores de Kali & místicos muçulmanos heréticos quanto anarquistas & extremistas de esquerda. Ganesh Baba parecia aprovar este passado secreto, como se fosse um sinal da força tântrica oculta de Mr. Biswas, escondida por trás de sua aparência externa dócil e acomodada.

Nós discutimos minhas leituras de Sir John Woodruffe (Arthur de Avalon) todas as tardes. Eu caminhava até lá através da neblina fria do verão, de armadilhas de espíritos tibetanas adejando na brisa úmida que surgia da bruma & dos cedros. Praticávamos o Tara-mantra e o Tara-mudra (ou Yoni-mudra), e estudávamos o diagrama Tara-iantra para fins mágicos. Uma vez, visitamos um templo para o Marte hindu (como o nosso, ao mesmo tempo planeta & deus da guerra), onde ele comprou um anel de dedo feito de prego de ferradura de cavalo e me deu. Mais conhaque & maconha.

Tara: uma das formas de Kali, muito semelhante em atributos. Meio anã, nua, com quatro braços armados, dançando sobre um Shiva morto, colar de crânios de cabeças cortadas, língua gotejando sangue, pele de um profundo azul-cinza (a cor precisa das nuvens das monções). Todo dia, mais chuva – deslizamentos de terra bloqueando as estradas. Meu visto de permanência em área fronteira expira. Mr. Biswas & eu descemos as deslizantes montanhas dos Himalaias de jipe e de trem rumo à sua cidade

natal, Siliguri, localizada nas planícies planas de Bengala, onde o Ganges estende-se num encharcado delta verdejante.

Visitamos sua esposa no hospital. No ano anterior, uma enchente havia submergido Siliguri e matado dezenas de milhares de pessoas. Houve uma epidemia de cólera, a cidade inteira parecia um naufrágio, manchada de algas & arruinada, as paredes do hospital ainda estavam empastadas de lodo, sangue, vômito, os líquidos da morte. Ela se senta silenciosa na sua cama olhando sem piscar para destinos horrendos. O lado negro da deusa. Ele me dá uma litografia colorida de Tara que miraculosamente flutuou sobre a água & foi salva.

Naquela noite assistimos a uma cerimônia no templo local para Kali, um pequeno, humilde e meio arruinado santuário à beira da estrada – a luz proveniente de tochas era a única iluminação – cânticos e tambores com uma síncope estranha, quase africana, totalmente anticlássica, primordial & no entanto insanamente complexa. Bebemos, fumamos.

Só no cemitério, próximos a um cadáver meio-queimado, sou iniciado no Tara Tantra. No dia seguinte, febril & distante, dou adeus e sigo para Assam, para o grande templo do *Yoni* (3) de Shakti, em Gauhati, em tempo para o festival anual. Assam é território proibido & eu não tenho um visto. À meia-noite, em Gauhati, caio fora do trem, volto pelos trilhos sob chuva & com lama até os joelhos em total escuridão, ando às cegas até finalmente entrar na cidade & encontro um hotel cheio de insetos. Estou doente como um cão. Não durmo.

De manhã, viagem de ônibus para o templo, que fica numa montanha próxima. Torres enormes, divindades pululantes, pátios, edifícios anexos – centenas de milhares de peregrinos – *saddhus* esquisitos vindos de suas cavernas de gelo atarracados em peles de tigre & cantando. Ovelhas e pombos estão sendo abatidos aos milhares, uma verdadeira hecatombe – (nenhum outro *sahib* branco em vista) – as sarjetas escoam uma polegada de sangue – espadas-Kali de lâmina curva cortam cortam cortam, cabeças mortas rolam nas pedras escorregadias da rua.

Quando Shiva cortou Shakti em 53 peças e as espalhou sobre toda a bacia do Ganges, sua vagina caiu lá. Alguns sacerdotes amigáveis falam inglês e me ajudam a encontrar a caverna onde o *Yoni* está exposto. Nessas alturas, sei que estou seriamente doente, mas determinado a terminar o ritual. Uma multidão de peregrinos (todos ao menos uma cabeça mais baixos do que eu) literalmente me engolfam como a correnteza do mar, & me carregam suspenso enquanto descemos umas escadas curvas, asfixiantes e trogloditas até entrar numa caverna-ventre claustrofóbica onde eu giro nauseado & alucinado em direção a um meteorito cônico sem forma manchado por séculos de *ghee* (4) e ocre. A multidão se abre para mim, & me permite atirar uma guirlanda de jasmims sobre o *yoní*.

Uma semana mais tarde, em Katmandu, dei entrada no Hospital Missionário Germânico (por um mês) com hepatite. Um pequeno preço a pagar para todo aquele conhecimento – o fígado de algum coronel aposentado de uma história de Kipling! – mas eu a conheço, eu conheço Kali. Sim, absolutamente o arquétipo de todo aquele horror, mas para aqueles que a conhecem, ela se torne a mãe generosa. Mais tarde, numa caverna na selva

sobre Rishikish, eu meditei sobre Tara por muitos dias (com mantra, iantra, mudra, incenso & flores) & retornei à serenidade de Darjeeling, e de suas visões benéficas.

Sua era deve conter horrores, pois a maioria de nós não pode compreendê-la ou alcançar a guirlanda de jasmims além do colar de crânios, conhecendo até que ponto eles são a *mesma coisa*. Atravessar o Caos, cavalgá-lo como um tigre, abraçá-lo (mesmo sexualmente) & absorver algo de sua *shakti*, sua força-vital – este é o caminho de Kali Yuga. Niilismo criativo. Para aqueles que o seguem ela promete iluminação & até mesmo riqueza, uma parcela de seu *poder* temporal.

A sexualidade & a violência servem como metáfora num poema que age diretamente sobre a consciência através da Imagem-inação – ou talvez nas circunstâncias corretas elas possam ser abertamente distribuídas & gozadas, embebidas com o sentido do sagrado de *cada coisa*, desde o êxtase & o vinho até o lixo & os cadáveres.

Aqueles que a ignoram ou a vêem fora de si mesmos estão arriscados de destruição. Aqueles que a adoram como *ishta-devata*, ou ser divino, degustam de sua Era do Ferro como se fosse ouro, conhecendo a alquimia de sua presença.

1. Adeptos do jeovismo, culto a Jeová.

2. Cerimônia onde são feitas oferendas a deidades, normalmente hinduístas ou budistas.

3. Símbolo sagrado hinduísta representado o órgão genital feminino.

4. Espécie de manteiga indiana, também usada como óleo.

Tradução de Patrícia Decia e Renato Resende

Fonte: Baderna (www.baderna.org).

AMÉM, JEDI!

Revista 2k

Desde 1977, quando estrearam nas telas de cinema pela primeira vez, os personagens da trilogia [Guerra nas Estrelas](#), de George Lucas, sempre foram cultivados por seus fanáticos fãs como uma verdadeira seita. Em 1999, milhares de fãs da série chegaram a acampar na porta dos cinemas de todo o planeta só para ter o privilégio de assistir Ameaça Fantasma, o primeiro capítulo da saga de nove episódios, antes de todo mundo. No começo deste ano, uma multidão aterrissou em Sevilha, na Espanha, para tentar ver algum pedaço das filmagens do episódio 2, previsto para estrear no ano que vem. Uma verdadeira religião, certo? Mais que isso: o poder fictício dos Jedi, irmandade de guerreiros dotados de espírito bondoso e superpoderes - a Força, quem não lembra? - cujos grandes expoentes chamam-se mestre Yoda, mestre Obi Wan Kenobi, mestre Luke Skywalker e mestre George Lucas, pode **mesmo** virar uma religião oficial. Pelo menos nos países da coroa britânica.

É que o censo demográfico dos governos da Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália, Escócia, Irlanda e Irlanda do Norte anda apontando a crença na filosofia Jedi como uma das possíveis novas religiões oficiais entre os cidadãos britânicos. Não é só uma piada: nesses países, basta que um determinado número de pessoas assinale a mesma crença no item "religião" do censo para que o culto seja aceito pelo governo automaticamente. E, graças a essa brecha na lei e ao humor eschachado de um neozelandês fanático pela trilogia, a seita Cavaleiros de Jedi está prestes a se tornar, de fato, uma religião.

O censo começou em março, e se estende até o fim de abril. Na Nova Zelândia, onde tudo começou, para que uma religião seja oficializada é preciso que apenas 8 mil pessoas declarem-se praticantes no formulário do

censo. Lá, um fã anônimo resolveu, além de explicitar sua "crença", despejar na internet um e-mail incitando todos os fãs da série a responderem "Cavaleiros de Jedi" no espaço reservado à religião.

A brincadeira deu certo. O e-mail correu a Nova-Zelândia, onde o censo se realizou em março, passou pela vizinha Austrália e está se popularizando entre os jovens da Inglaterra, onde a pesquisa ocorre no próximo dia 29. Lá, é necessário um número um pouco maior de praticantes para que uma nova doutrina seja oficializada: 10 mil cidadãos.

Dizem que quem começou a brincadeira na Inglaterra foi Tom Bursnall, um ex-representante da Conservative Future, uma facção do partido conservador inglês, que enviou 30 dos e-mails originários da Nova Zelândia para seus amigos mais chegados. A piada virou febre. Hoje, não há como negar que a divulgação do assunto já é discutida até nas cúpulas dos partidos políticos, preocupados com a desmoralização do censo que se realiza de dez em dez anos e que, na sua última edição, em 1991, teve a credibilidade afetada com uma piada ainda mais prosaica: milhares de ingleses escreveram "Manchester United", o Flamengo de lá, no ítem religião.

Na Austrália, a história acabou forçando a agência que organiza o censo, a Australian Bureau of Statistics, a se pronunciar. O chefe da agência, John Struik, disse à revista eletrônica Newsbytes.com que fornecer informações falsas em um questionário do censo é crime que pode resultar em uma multa de até US\$ 491,00. E acrescentou que, neste caso, apenas o peso dos números não transformaria a "filosofia" Jedi numa religião oficial. Ainda seria necessária a comprovação de uma organização formal por trás dela.

Mal sabe ele, porém, que existem fãs que levam realmente a sério a [filosofia](#) Jedi, que na verdade surgiu há 25 anos, saída das mentes delirantes de

George Lucas e Francis Ford Coppola. O [The Jedi Creed](#), por exemplo, é apenas o maior e mais organizado entre as centenas de sites que discutem e pregam a filosofia, uma mistura de misticismo, paranormalidade e zen-budismo. Tudo informalmente, é claro. Mas agora, com a brecha aberta pela coroa britânica, seus expoentes procuram uma entidade oficial que responda pela empreitada. Quem sabe a Aliança Rebelde não se habilita?

Fonte: Revista 2k (www.o2k.com.br).

O SAGRADO SELVAGEM

Roger Bastide

É verdade que Nietzsche proclamou a morte dos deuses; entretanto Foucault proclama a morte do homem (o que é lógico, o homem não se constituindo enquanto homem senão por sua relação com os deuses). É verdade também que o cristianismo, e o Islã em certa medida, entraram em crise. É verdade, enfim, que os sociólogos nos martelam os ouvidos, há algumas décadas, com seus processos de "secularização" (sem se dar conta, no entanto, de que só fazem retomar Hubert Spencer e seus processos de diferenciação social: o religioso tende a se purificar de toda contaminação com aquilo que não é ele).

Mas a morte dos deuses instituídos entranha o desaparecimento da experiência instituinte do Sagrado à procura de novas formas onde se encarnar? A crise das organizações religiosas não provém de uma não-adequação, cruelmente sentida, entre as exigências da experiência religiosa pessoal e os quadros institucionais nos quais se quis moldá-la visando, muitas vezes, retirar-lhe sua potência explosiva, considerada como perigosa para a ordem social? Enfim, não se assiste hoje a uma nova busca apaixonada do sagrado entre os jovens - como se nossos contemporâneos, após um longo período de desenvolvimento do ateísmo, ou apenas de abandono à indiferença, se dessem novamente conta da existência, neles, de um vazio espiritual a preencher, e constatassem, a partir desse sentimento de vazio, que uma personalidade que não se enraizasse em algum tipo de entusiasmo sagrado seria, em definitivo, apenas uma personalidade castrada disto que constitui uma dimensão antropológica

universal e constante para todo homem vivo: a dimensão religiosa?

Este sagrado, porém, que se vê novamente aparecer, na cultura e na sociedade de hoje, se quer um sagrado selvagem. Ele procura, por vezes, seus modelos, nos transe coletivos das populações ditas primitivas, nos cultos de possessão que o cinema, a televisão e o teatro negro popularizaram. Não, certamente, para copiá-las, já que por definição um sagrado selvagem é criação pura e não repetição - ele se situa no domínio da imaginação, não no da memória - mas para extrair, absorver mesmo isto que nós podemos chamar de uma pedagogia da selvageria. André Gide, cansado de nossa civilização mecânica, artificial, racional, pedia já, há alguns anos, em suas preces, uma nova invasão dos Bárbaros, que destruísse nosso mundo e lhe desse uma chance de alteridade; estes bárbaros não vieram. Então, os jovens os recriaram - mas se inspirando mesmo nos cultos extáticos, violentos e sangrentos como se definiam aos olhos de alguns historiadores.

Aqui estão os dois pilares desta conferência: o sagrado selvagem das sociedades tradicionais e o sagrado selvagem de nossa civilização ocidental. Dois pilares que nos permitirão colocar, não propriamente o problema das relações entre a natureza e a cultura, nem aquele que lhe é vizinho, as relações entre a psicanálise e a sociologia, mas aquele - puramente sociológico - da domesticação do sagrado; as sociedades tradicionais se "dedicam", como tentaremos demonstrar, a passar do sagrado selvagem ao sagrado domesticado - nossa sociedade, ao contrário, a desagregar, o sagrado domesticado para fazer brotar, ou baixar, o sagrado selvagem em toda a sua fúria.

Durkheim, pondo a origem da religião nos estados de efervescência coletiva, é em parte responsável pelo erro que se comete definindo os transe primitivos como pura efervescência. Mas basta reler "As formas elementares da vida religiosa" para perceber que os exemplos que ele dá em favor de sua tese se voltam contra ele, porque o transe só aparece em certos indivíduos, ele começa e termina em hora fixa, ele se desenrola segundo um cenário dado de antemão e que não muda de uma cerimônia para outra; ele só faz representar na terra o que se passou outrora no mundo do sonho; quando há orgia, o que é raro, a orgia, ela mesma, obedece a regras estritas.

Porém, mais que Durkheim, certamente são os exploradores, os viajantes e os missionários os responsáveis por esta imagem de selvageria no encontro extático dos homens e dos deuses - sobretudo quando estes viajantes eram médicos ou ainda mais: psiquiatras, porque eles chegaram de um mundo "outro" com seus preconceitos de ocidentais, que desconfiam da linguagem do corpo - com seu cristianismo mais ou menos maniqueísta, que os impele a identificar os deuses e os demônios e a ver, conseqüentemente, nos cultos de possessão, um fenômeno análogo àquele dos possessos da Idade Média, pela legião de Satã - com uma educação médica que não lhes havia feito perceber senão crises de histeria e que, desse modo, não podiam pensar o transe senão através da única categoria que a clínica lhes havia revelado na Europa ou nos Estados Unidos.

Ora, o transe dos assim ditos "primitivos" é o contrário mesmo do desprendimento corporal, do abandono às pulsões inconscientes, da crise

histórica. É um jogo litúrgico - que se aproxima mais, no fundo, da representação teatral que das grandes crises de nossos asilos psiquiátricos. Porque ele é, do começo ao fim, controlado pela sociedade - porque ele preenche uma função social, a de estabelecer entre os deuses e os homens uma comunicação que permite a estes deuses descer novamente à terra para o bem da comunidade - porque ele constitui, para um número muito grande de religiões, um fenômeno normal, culturalmente instituído e dirigido - como posso dizer? - normal, obrigatório e sancionado. O que sempre me impressionou, pessoalmente, tanto na África quanto nas Américas negras, é justamente este conjunto de regras e de controles e nós só daremos aqui alguns exemplos: quando uma mulher está de luto, ou menstruada, ou mesmo se teve um pouco antes relações sexuais, por mais que ela tenha sido dedicada a uma divindade e assista à cerimônia ela não cai em transe - quando os tambores que ritimam a cerimônia não "comeram", ou seja, receberam o sangue sacrificial, que lhes permite chamar os deuses, as danças podem continuar por horas "a fio", que o fenômeno da possessão não se produz - longe de dar uma imagem de caos, de violência ou de distúrbio muscular, o transe toma freqüentemente uma forma calma, tão calma que desafio qualquer observador não habituado a afirmar que uma das dançantes está "possuída". E entretanto os yoruba da Nigéria reconhecem num tremor imperceptível de ombros, nas pálpebras que se fecham, que um deus desceu e páram imediatamente a cerimônia, porque basta que o deus esteja presente (a mulher ficará neste transe doce uma semana) para poder abençoar as colheitas e os habitantes da aldeia, para fazer cair a chuva ou acabar com uma epidemia; é inútil fazer vir outros e multiplicar o êxtase.

Eu consagrei muitos livros ou artigos a este controle para precisar insistir nisso hoje, onde nós só queremos falar do transe selvagem. O que nos interessa é mostrar que o transe selvagem existe tanto entre os africanos como afro-americanos de hoje, mas que ele é, assim que se manifesta, reinserido pela sociedade para ser domesticado por ela e utilizado em seu proveito.

Antes, porém, existe uma confusão a evitar; aquela entre o transe selvagem propriamente dito e o transe violento. Uma vez que a possessão consiste em ser habitado por uma divindade e em representar esta divindade - ou seja, consiste numa mudança de personalidade (os africanos dizem que uma parte de nossa alma é então expulsa para ser substituída pelo deus), é evidente que se se é possuído por um deus guerreiro ou mau, a crise que se exprimirá será violenta e com desencadeamento muscular, enquanto que se se é possuído por um deus do amor, da água doce ou da chuva benfazeja, a crise que se exprimirá será, pelo contrário, calma. A violência não é selvageria, e talvez o erro de certas descrições provenha da confusão entre estes dois conceitos. Mas o transe selvagem existe ainda assim porque é preciso passar por ele para que se possa, em seguida, domesticá-lo. Existem, com efeito, dois casos a considerar para entrar numa confraria de possuídos. Ou seja, alguém é uma pessoa normal, mas que é chamada, devido ao seu pertencimento a um clã ou família determinada, a se tornar uma sacerdotisa; nesse caso é preciso primeiro "quebrar" seu eu para torná-la acessível ao transe. Isso se consegue com um banho de folhas, quer dizer, droga-se a candidata e se incutem nela reflexos condicionados, permitindo-lhe cair em transe à audição de alguns leitmotivos musicais, o tempo que dure o efeito destas drogas. Se trata de uma pessoa que já tenha

apresentado perturbações psicóticas ou psicossomáticas, a primeira crise é de natureza puramente fisiológica: ela é considerada pela coletividade como o signo de um chamado divino; a pessoa é dita então justamente possuída por um deus "selvagem", e o ritual da iniciação, ao qual ela será submetida imediatamente depois, consiste, segundo a expressão bem significativa dos afro-americanos, em "batizar" o deus selvagem - o que quer dizer, sociologicamente falando, domesticá-lo.

O que definirá, portanto, as sociedades tradicionais por relação à nossa sociedade ocidental, não será tanto a não-existência do sagrado selvagem, quanto o esforço para submetê-lo a um controle da coletividade desde que se faça perceber; a necessidade deste controle responde a todo um conjunto de razões que são de ordem social tanto quanto religiosa.

A primeira razão, é que este sagrado selvagem não é interpretado como uma crise de loucura, mas como um chamado divino. Ora, é inútil insistir sobre esse ponto bem conhecido: todo ritual é comemoração de um mito. É o mito que o funda, que o estrutura e que o explica. Como diz Van der Leeuw; "A vida primitiva é uma vida representativa. Agir de modo primitivo, é reexecutar o ato original... Enquanto o homem moderno pensa que pode se arvorar, mais ou menos, em criador criando o mundo, o homem primitivo, ele, sabe que não pode senão repetir". A iniciação tem justamente por mote manipular a tendência ao transe do candidato para "construir" no seu corpo um certo número de gestos estereotipados, que são ditados pelos mitos e que aparecerão cada vez que este indivíduo for "montado" por seu deus. Será muito longo insistir sobre o conjunto de seqüências que vão condicionar esta futura representação de papel. Digamos apenas que os

sacerdotes que dirigem a iniciação são sensíveis aos perigos que ameaçam o equilíbrio psicológico do indivíduo e que temem, muito mais do que se suspeita, a aparição de crises selvagens incontroláveis. Desse modo, desde o banho de folha, se as plantas do tipo alucinógeno se revelarem muito fortes para a constituição de uma determinada pessoa, eles lhe temperam logo o efeito pelo recurso às plantas calmantes. Desse modo ainda, no curso da iniciação existe uma cerimônia dita "dar de comer à cabeça" que tem por finalidade fortificar a cabeça do candidato e impedir que a futura descida de uma divindade nela provoque, porque sua cabeça seria muito fraca para suportá-la, uma crise muito violenta.

A segunda razão é a importância do sentimento de vergonha nas sociedades não cristianizadas (o cristianismo substituindo o sentimento de culpabilidade, que é interior, ao sentimento da vergonha, que é uma resposta sociológica ao olhar do outro). Não é de bom tom, na África, ter transe violentos, sobretudo se se pertence a uma classe aristocrática; não é de bom tom, para uma mulher em crise, se despir; ela deve, mesmo no mais profundo de seu transe, respeitar as regras do pudor; não é de bom tom cometer excentricidades e não representar, seguindo escrupulosamente o mito, o papel que lhe é devido; existe em toda cerimônia - mesmo a mais frenética (aos olhos dos brancos) - indivíduos que não podem entrar em transe, como os músicos, porque isto introduziria a desordem na harmonia das danças extáticas. No Brasil, é uma impolidez, quando se visita um candomblé ao qual você não pertence, cair em transe quando se executam as cantigas do seu deus. E se isto acontece, é extremamente mal visto e objeto de reprovações manifestas. No Brasil igualmente, quando no curso de uma cerimônia, o que acontece às vezes, um deus não chamado se

manifesta, o que arrisca a perturbar a seqüência obrigatória dos gestos rituais, o babalorixá ou a ialorixá intervém imediatamente para expulsar o intruso. Logo, o comportamento de transe segue, como todos os outros comportamentos, as leis das boas maneiras. A crise selvagem não é aceita, porque ela não pode, por definição, obedecer a este código superior do permitido e não permitido, ao qual as sociedades tradicionais atentam particularmente porque toda ordem social é constituída sobre o respeito a esse código.

A sociedade e a religião jogam, portanto, igualmente, visando transformar o espontâneo em institucional. Mas naturalmente, e é este o ponto que nos interessa aqui, cada vez que o controle da coletividade relaxar, por uma razão ou outra, aquilo que pode haver de selvageria latente no transe fará rachar sua túnica institucional. E já que nós distinguimos dois modos de controle (que se juntam, além disso um ao outro) aquele da instituição religiosa e o do código de boas maneiras, distinguiremos, da mesma forma, dois fatores de retorno ao sagrado selvagem; um que tenderá a um enfraquecimento da instituição religiosa tradicional e outro que tenderá à passagem de uma sociedade orgânica (para empregar o jargão dos sociólogos) a uma sociedade anômica. O Brasil nos oferece excelentes ilustrações desse duplo processo de regressão.

A religião africana, centrada no transe, se reconstituiu, efetivamente, entre os escravos e entre seus descendentes, mas esta religião africana ficou submissa à pressão da sociedade global, às forças de secularização que caracterizam a vida urbana e a industrialização. Ela resistiu apesar de tudo, mas nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro, deixou-se aculturar pelo

catolicismo ou espiritismo dos brancos; ela se ligou, na defesa de classes marginalizadas, a uma outra religião popular: a dos índios, para dar nascimento a um culto sincrético: a macumba. Ora, a força de controle e domesticação de uma religião sincrética é evidentemente menos forte que a de uma religião não sincrética, porque partilhada entre muitas postulações diferentes, muitas vezes mesmo contraditórias.

Através dessas fissuras do controle, outras motivações aparecem e um outro Desejo se inscreve no transe, que não é forçosamente religioso, mas que utiliza os símbolos religiosos para mascarar outras preocupações. Na macumba vemos o transe domesticado do candomblé, sustentado pelo ritmo dos tambores e terminando em beleza tornar-se mais e mais violento, até tomar, muitas vezes, formas histeróides: rolar na terra, gritar, debater-se furiosamente - e o espasmo substituir o gesto estereotipado.

O controle relaxou. Não cessou completamente. Porque devemos fazer uma primeira distinção: a possessão pelo espírito de Velhos Africanos e a possessão pelos espíritos dos Índios. A violência só aparece na segunda e se ela não aparece senão na segunda é que as representações que o brasileiro se faz do negro e do índio regem ainda inconscientemente o desenrolar do transe. O brasileiro, efetivamente, considera o negro como fundamentalmente bom; ele concebeu, no tempo da escravidão, uma ideologia do negro da mesma natureza daquela que deu, nos Estados Unidos, a imagem do Pai Tomás; ele jogou no esquecimento coletivo o negro mulato ou rebelde para só guardar o negro submisso, respeitoso, amando seu senhor e se devotando a ele, como um velho cão, muitas vezes surrado, sempre contente. A possessão por espíritos africanos reflete a

persistência desse estereótipo. O índio, ao contrário, não aceitou a escravidão (pelo menos diz-se, por que houve uma escravidão índia e das mais importantes; mas não é o que realmente se passou que nos interessa: são as idéias que se faz disso), ele lutou contra o branco; foi vencido, sem dúvida, mas guardou toda sua altivez de homem livre; e é esta altivez de homem livre, guerreiro, valoroso, que o transe por espíritos índios reflete: a violência não é portanto, o ponto de partida, expressão da selvageria, mas expressão de um estereótipo étnico; apenas, a selvageria vai utilizar o estereótipo para melhor fluir. Como no sonho, tal como Freud o analisa, as pulsões do "aqui" (ou do "eu") se disfarçam para poder passar impunemente pela censura, na macumba o transe selvagem reprimido se autoriza da barbárie do índio para exprimir, contra a cultura branca, uma contra-cultura em formação ou uma anti-sociedade. E tem mais. Entre os deuses africanos que descem na macumba, um toma importância considerável: Exu.

Exu é uma divindade (ou quase divindade) yoruba; mas entre os yoruba da África como nos candomblés do nordeste do Brasil, Exu é antes de tudo portador dos pedidos dos homens aos deuses tanto como o portador do discurso dos deuses aos homens. É uma divindade intermediária, mensageiro divino e não se pode defini-lo melhor que comparando-o a Mercúrio da mitologia grega. E, porque não há transe de Exu, se Exu tem vontade (o que pode acontecer, se bem que a coisa me pareça muito rara) de possuir uma pessoa, ele não pode fazê-lo senão por divindade interposta, por Ogum, que é seu irmão, e não diretamente. Mas Exu apresenta também um outro caráter, como também Mercúrio criança: ele é "trickster"; ele adora pregar peças nos humanos, é vingativo, ele pune secretamente quem

não lhe rende homenagem. Tem-se, portanto, medo dele. São esses dois traços que fazem com que no sincretismo católico-africano Exu seja às vezes identificado com São Pedro, que tem a chave do Paraíso, ou seja, que é intermediário entre o reino celeste e o reino terrestre - ou com o diabo, que define então seu aspecto "trickster" e vingativo. E, bem, na macumba Exu primeiramente é considerado como o chefe dos demônios e não como mensageiro do divino; é seu aspecto sombrio que domina; em segundo lugar, contrariamente à ortodoxia africana, ele desce no corpo dos homens para provocar transe entre eles. Estes transes tomam um caráter demoníaco. Ora, nós vimos, desde a época em que Arthur Ramos estudou as primeiras macumbas até hoje, o lugar destes transes demoníacos se tornou mais e mais preponderante; toda cerimônia comporta pelo menos 3 partes: o apelo aos Exus, o apelo aos pretos-Velhos, o chamado aos espíritos ameríndios. Portanto duas seqüências de transes violentos para uma apenas de transe doce. Quer dizer que o declínio que podemos acompanhar na evolução e transformações das religiões africanas no Brasil é o declínio que vai do sagrado domesticado para um sagrado mais e mais selvagem. Por quê ? É aqui que outros fatores intervêm e que nós devemos juntar o enfraquecimento do controle religioso, pela lenta perda dos mitos originais e a mistura de religiões, o enfraquecimento do controle da sociedade global pela seqüência de profundas mudanças desta sociedade com a passagem de uma sociedade rural e pré-industrial a uma sociedade urbana e industrializada.

A abolição do trabalho servil não foi precedida por uma educação prévia da liberdade para escravos; estes refluíram de plantações nas cidades onde se chocavam, no mercado de trabalho, seja com mulatos libertos que já

ocupavam o estrato do pequeno artesanato, seja com os migrantes europeus, que forneceram os primeiros elementos do novo proletariado industrial. Também, se fizermos exceção das mulheres que puderam encontrar trabalho na domesticidade, os negros se encontraram marginalizados na sociedade de classes em formação. Marginalizados profissionalmente, porque foram finalmente jogados nas ocupações mais duras e menos pagas, em particular a construção, ou no semi-desemprego (ou sub-emprego); marginalizados ecologicamente, porque eles foram viver nos "subúrbios" (favelas do Rio de Janeiro, casebres e porões úmidos de São Paulo); marginalizados enfim socialmente porque muitos entre eles não encontraram outra solução para sobreviver que os pequenos furtos, o proxenetismo de baixa categoria, a vagabundagem com seu acompanhamento, a mendicância e, nas horas de grande aflição, a bebedeira. Neste estado de anomia, as confrarias religiosas afro-americanas puderam lhes servir de ponto de segurança mas, nelas, entretanto, eles deviam forçosamente introduzir suas ansiedades e suas frustrações, o que devia determinar, finalmente, a explosão desses cultos enquanto institucionalização do sagrado.

A situação melhorou depois. E a esta melhora corresponde a passagem da macumba a uma nova forma religiosa: o espiritismo de Umbanda. Eu já contei em outro lugar esta história. Mas a situação não melhorou, entretanto, ao ponto de fazer desaparecer inteiramente o sub-proletariado dos subúrbios, o capitalismo brasileiro necessitando para ser concorrencial, de uma reserva permanente de sub-empregados. Ao contrário, esta melhora só podia fazer nascer, neste sub-proletariado, novas aspirações, impossíveis de realizar - o sonho de uma vida melhor, que permanecia

utópica. Isso só fazia, conseqüentemente, multiplicar as frustrações, as tensões psicológicas, as revoltas abortadas. A macumba continuou, portanto, a existir ao lado do Espiritismo de Umbanda, e enquanto este último tendia a exprimir valores de uma pequena classe média em formação, a macumba regressava, paralela e simultaneamente, da religião para a magia negra, do sagrado domesticado ao sagrado enlouquecido, ou ao sagrado-rebelião. Ao sagrado enlouquecido primeiro porque, quando as tensões são muito fortes e a sociedade não pode lhes fornecer uma saída, elas não podem encontrar outras soluções senão a explosão selvagem que extravasa a energia numa breve crise de quase loucura. O transe religioso oferece, assim, às frustrações tornadas insuportáveis, o lugar de sua superação. É o aspecto que os psiquiatras ou os antropólogos brasileiros melhor expressaram, dando às religiões afro-brasileiras uma função catártica. Mas elas têm, também, uma outra função; aquela que Balandier bem demonstrou para os messianismos africanos da época colonial: quando a revolta política é impossível, ela se dá, para exprimir-se, um caráter religioso. O religioso torna-se, então, o símbolo de uma contestação. É talvez o que acontece também na macumba e o transe violento, que constitui o centro de sua cerimônia. O transe, com efeito, é um meio de extrair da sociedade presente "outra" que pode ser o contra-pé desta sociedade presente. Ele não pode, sem dúvida, sê-lo sempre, porque os caminhos do imaginário são múltiplos. A sociedade "outra" dos candomblés tradicionais é uma sociedade onde humildes vendedoras ambulantes e domésticas de grandes casas, representam o papel de deuses e heróis. Estamos, agora, no nível dos "Bonnes" de Genet, onde o assassinato da senhora branca só se efetua oniricamente. Mas a macumba, privilegiando, em detrimento das divindades africanas, os índios que souberam guardar

sua liberdade lutando contra aqueles que os queriam dominar e explorar, e entre as divindades africanas privilegiando Exu, transformando a significação de deus intermediador em um anjo da rebelião, permitiria à revolta do sub-proletariado descobrir uma via onde o desejo de uma sociedade "outra", impossível de realizar politicamente porque não estruturada e não pensada conceitualmente, poderia assim mesmo se exprimir, senão em um discurso coerente e construtivo, ao menos em gritos desarticulados, em gestos sem significação, logo em puro desencadeamento de selvageria.

Se insistimos nestes fenômenos de des-dosmesticação do transe, no interior dos cultos afro-brasileiros (e teríamos podido dar outros exemplos, no período da colonização africana; o filme de Jean Rouch, "Os deuses loucos", poderia aqui nos servir de ponto de partida), é que nós iremos justamente encontrar no sagrado selvagem de nossa civilização ocidental, as mesmas causas em jogo: a crise das instituições religiosas e a anomia social.

Quer aceitemos ou não o ponto de vista de Durkheim sobre os estados de efervescência social onde surgiria a religião, um fato é certo: é que estes estados de efervescência não são duráveis - eles são esgotáveis, escreve Durkheim. Há, portanto, em seguida, uma recaída do fervor sociológico; a religião se desenvolve a partir dessa "recaída" como instituição de gestão da experiência do sagrado. Esta "administração" do sagrado pela igreja tem um valor positivo, certamente: ela permite sua continuação sob forma de uma comemoração, e como uma lembrança ensurdecida - mas, por outro lado, a instituição se volta contra o vivido, para aprisioná-lo atrás das grades de seus dogmas ou de sua liturgia burocratizada, de modo que ele não

desperte mais, em inovações perigosas, em um outro discurso além do único discurso aceito pela ortodoxia, ou não se exalte na desmedidamente. Toda Igreja constituída tem, sem dúvida, seus místicos, mas ela desconfia deles, ela lhes delega seus confessores e seus diretores para dirigir, canalizar, controlar seus estados extáticos, quando ela não os prende em algum convento que seus gritos de amor perdido não possam perfurar.

A sociedade em torno desse bloco, que quer manter um passado revoltado, no entanto, muda. Donde os despertares, os movimentos de reformas, as heresias, os messianismos e os milenarismos, para tentar lutar contra o descolamento crescente entre as infra-estruturas móveis e as superestruturas conservadoras. Donde todos esses "deuses sonhados" de que fala excelentemente Henri Desroche e todos estes delírios místicos que abalam a intervalos regulares o equilíbrio das igrejas. Por que Deus, que já falou outrora aos homens, teria se tornado subitamente mudo e não teria mais mensagens a transmitir à humanidade sofredora? Os católicos sonham, com e após Joaquim de Flore com um reino do Espírito-Santo que substituiria aqueles da lei e da graça, que fizeram seu tempo. Os protestantes, com o pentecostalismo, substituem a religião do livro pela de inspiração divina. Os revolucionários tentem ler, nas mudanças da sociedade, o discurso ininterrupto do Senhor da história. E certamente, estes despertares, que podem se acabar em danças, estes messianismos que podem se acabar em transes, esses pentecostalismos que inventam novas línguas extáticas, não rompem inteiramente com o passado; trata-se de uma descontinuidade contínua mais que de ruptura propriamente dita; entretanto, nos estamos, com o advento desses novos deuses sonhados, muito próximos, já, da busca desse sagrado selvagem que vai fazer, nós

veremos, repentinamente irrupção hoje, após todos esse sagrados revoltados ou todos estes sagrados oníricos.

Porque estes sagrados revoltados desembocam em utopias, em construções da razão, em programas planejados de transformação da sociedade: o Novo cristianismo de São Simão em uma República de Produtores - a religião harmoniosa de Charles Fourier em um Novo Mundo industrial - o verdadeiro cristianismo de Étienne Cabet em um comunismo messiânico. Porque, igualmente, todos esses sagrados oníricos no fim das contas acabaram em heresias, ou seja, em igrejas paralelas, portanto em instituições; caos, sem dúvida, na origem de sentidos desregrados, sentimentos liberados, imaginação desenfreada, mas caos que acaba por se dar normas, como se houvesse uma lógica no excesso que não seria possível não respeitar, e que arrasta atrás dela, na liturgia e dogmática das novas seitas inventadas, abas inteiras da memória coletiva, palavras de profetas, parábolas de Jesus, vide os apocalipses proibidos. A heresia pode aparecer como uma contra-religião, mas inverter uma religião não é, ainda, segui-la? Entretanto, através dessas crises, a instituição religiosa parece bem atingida; ela se enfraquece de vez em quando, malgrado seus esforços para se reformar, responder aos críticos, exorcizar os pesadelos e encontrar um novo equilíbrio com a sociedade em mudanças. Equilíbrio cada vez mais precário e que faz, como eu disse no começo, vaticinar a morte de Deus.

A industrialização, desenvolvendo o pensamento racionalista - a urbanização, quebrando a solidariedade comunitária - a escola laica, colocando a religião entre parêntesis - a sociedade de consumo enfim, apoiando-se na propaganda insidiosa dos mass media, canalizando as

aspirações dos homens para os bens materiais, retiram destas igrejas rasgadas porções cada vez maiores de fiéis. Mas a morte de Deus não é necessariamente a morte do sagrado, se é verdade que a experiência do sagrado constitui uma dimensão necessária do homem. À medida que a igreja perde seus fiéis, vê-se pulular, em particular nas grandes metrópoles, as pequenas seitas esotéricas, os consultórios de astrólogos, clínicas de novos "curadores". Espécies de compromisso entre o racionalismo, que constitui o ideal de nossa nova sociedade planificadora, e a necessidade de religião, porque o esoterismo se funda sobre sistemas de idéias simbólicas bem ligadas - a astrologia tem caráter matemático que afirma nosso pensamento - os "curandeiros" opõem ao empirismo dos médicos uma teoria terapêutica utilizando a linguagem dos físicos: ondas, fluidos, átomos. Pode-se, desse modo, deixar-se guiar pela religião sem temor, já que essa religião se exprime, aparentemente, na linguagem mesma da ciência.

Este compromisso entre o racionalismo todo poderoso e a aspiração subjacente a uma experiência "outra" só pode ser, entretanto, uma solução efêmera. Um momento virá forçosamente - e parece que esse momento chegou para nossa civilização ocidental - onde a aspiração subjacente acaba por se desprender da "canga" da razão para inventar novos deuses de homens. Logo, a crise do instituído, ou seja das igrejas, não entranha em sua continuação uma crise do instituinte, quer dizer, da efervescência de corpos e corações, da buscada experimentação da dinâmica do sagrado. Apenas, as jovens gerações querem permanecer no fervor do instituinte sem ir até a constituição de novos instituídos, que o cristalizariam logo e o mineralizariam em novas instituições, de idéias sistematizadas, gestos estereotipados, de festa regulada e incessantemente recomeçada. Eis

porque o sagrado de hoje se quer um sagrado selvagem contra o Sagrado domesticado das Igrejas.

Tal é o primeiro movimento que conduz, a partir das instituições religiosas históricas, até a selvageria do transe instituinte. Mas há, paralelamente um segundo movimento que devemos seguir, agora, que nos fará igualmente "desmanchar" a necessidade de um novo sagrado: é o movimento de natureza mais sociológica, que resulta da anomia social a qual, malgrado todos os esforços dos governos, apesar de todas as ideologias políticas que se ofereceram aos jovens no mercado de idéias, nós não chegamos a produzir - porque a solução dos problemas da anomia só pode ser encontrada num além de idéias, a menos bem entendido que o político, o que é freqüente hoje, seja só uma simples máscara que dissimule o baixo do rosto coberto de um messianismo sem nome; apenas na medida em que seja assim, nós encontramos até na política o fervor do Sagrado instituinte. "A imaginação no poder", gritava-se em maio de 1968, e não: "a razão no poder". A imaginação, quer dizer, o fervor instituinte. E não a razão, ou seja, novos sistemas de leis como remédio à anomia; recusa de todo instituído. Simples variação, vê-se, sobre o tema desta conferência e que um estruturalismo do tipo Lévi-Strauss poderia facilmente inserir num mesmo grupo de transformações, que eu chamaria aquele de "selvageria".

Nós não temos que refazer um quadro da anomia, tantas vezes apresentado, mas que sublinhar apenas os fatores que puderam agir sobre os indivíduos para impeli-los à novas formas de transe. Há, primeiramente, a passagem da comunidade, com seus caracteres mais igualitários, sua solidariedade mais íntima, a homogeneidade relativa de suas crenças e seus

valores, à sociedade que distende as ligações, aprofunda os vazios, a solidão dos homens, perdidos na massa indiferente. A família nuclear, que ajudou durante muito tempo o homem a levar mais facilmente este fardo de isolamento, sofre uma crise, onde a concorrência entre os sexos substitui sua complementaridade, não tanto (como se repetiu) porque os jovens se revoltaram contra seus pais mais velhos, mas antes porque eles se sentiam abandonados por seus pais. Há, em seguida, a ruptura do mundo mecânico, artificial, de máquinas e casas de concreto armado e do mundo vivo; as árvores mesmo são domesticadas nas grandes aglomerações, a evasão das férias com seu fluxo massivo de machos transpirantes e fêmeas nervosas, termina nos cenários organizados, nas festas planejadas, o casamento do homem com o céu, a água, as plantas, os pássaros não é mais possível; é preciso se contentar com relações frágeis, no nível dos momentos, em qualquer hotel de passagem, dito de campanha. Enfim, como Max Weber demonstrou, toda nossa cultura é uma cultura da razão, da ciência, do progresso que não deixa nenhum domínio de nossa vida fora de seu campo, nenhuma gratuidade possível: ora as regras da razão, se são imperativas, postulam a adesão prévia do espírito que se submete a um certo número de valores que as justificam a nossos olhos; e estes valores podem ser contestados se a regra que se extrai deles não o podem ser. Mas se elas (as regras) são contestadas, a lei social não aparece mais, então, senão como um instrumento de opressão, como um constrangimento arbitrário, ou, se se prefere: como a última ameaça de castração dos filhos por aqueles que detêm o poder, em nome do Pai.

Não é impunemente que o despertar do sagrado selvagem foi historicamente precedido pelo triunfo da filosofia do absurdo, que só fazia

traduzir, numa linguagem sábia, estes traços da anomia que acabo de enumerar; a solidão do homem que vai fazê-lo buscar uma "alteridade" nova, capaz de saciar uma sede que ele não pode extinguir - a ruptura com a natureza viva, que vai despertar no fundo de seu ser a nostalgia de uma experiência cósmica - o triunfo da Razão, que só pode forjar novas cadeias, sejam elas douradas, onde vai aprisionar sua jovem liberdade, apenas nascida com a crise da adolescência.

A revolta contra o instituído social faz parte, desse modo, dos mesmos fenômenos coletivos que a revolta contra o instituído religioso; é que é preciso criar um social *in statu nascendi*, como é preciso, sempre, criar uma religião a partir da experiência instituinte do sagrado, vivida no interior do transe original. Nestes dois casos, é o mesmo recurso ao "selvagem" entendido como o "anti-domesticado". Mas pode haver muitos tipos de transe e assim não retornamos, por um outro caminho, ao mesmo sagrado selvagem que aquele onde nós sempre chegamos, seguindo a história das igrejas? Pessoalmente, acredito nisso. Em todos os casos, as duas buscas se fundem sempre, porque o Sagrado selvagem dos religiosos ultrapassa o exotismo dos sonhos do imaginário ou expressões corporais desencadeados para se tornar um combate político - porque de seu lado social vivido *in statu nascendi* nas diversas experiências comunitárias que se multiplicam em nossos dias, transcende rápido o retorno à grande família camponesa, à economia de auto-subsistência, ou à promiscuidade sexual, para buscar, além, um fundamento espiritual que enraíze, ele também, à sua, vez o sagrado instituinte. "Nem Marx nem Jesus", proclamavam eles. O slogan é significativo dessa ligação, ou desta confusão de domínios.

É preciso analisar este sagrado selvagem tal como ele se manifesta hoje. É curioso notar que ele busca muitas vezes, para instituir-se, os modelos das sociedades arcaicas. Por exemplo nos cultos de possessão, onde não se sabe por quem se é possuído, já que o deus imaginado que se agita em seu ser não tem nome. Os haitianos que trouxeram o Vodou a Paris viram bem os espectadores parisienses, durante o curso de suas cerimônias, tomados por "saltos" selvagens que os faziam cair no chão. Sabe-se a importância tomada pelas drogas na juventude de hoje, como elas estavam na base de certas iniciações religiosas; o ponto de partida é o mesmo nos dois casos; trata-se de estilizar a personalidade antiga, aquela que foi modelada pela sociedade, mas nos rituais de iniciação dedica-se, logo após, a criar, construindo-lhe todo um conjunto de reflexos coordenados, uma nova personalidade que substituirá a antiga cada vez que a chamado dos tambores sagrados, o cavalo dos deuses cair em crise; é isto que nos chamamos a domesticação do transe. Os jovens de hoje, que querem permanecer no selvagem original, não procuram, naturalmente, o desdobramento da personalidade - ainda que se encontre traços dele, às vezes, nas mudanças de nomes que acompanham a entrada numa comunidade de drogados: Gros Oswald, Jacques Le Thibetain, Savonette; todavia esta mudança não significa tanto que se rompeu com os pais, o que é simbolizado pela recusa em usar o nome de sua família, quanto a aquisição de uma nova identidade; porque a mitologia da droga é aquela da "viagem", viagem no imaginário, "pegar a estrada"; que permite a todas as aventuras oníricas, "decolar" da realidade para poder "planar" num espaço sobrenatural (estes são os termos próprios do jargão dos drogados) e sabe-se que esta viagem é muitas vezes acompanhada de uma outra viagem, no espaço geográfico, aquele que leva a Katmandu.

Esta mudança de mitologia, quando passa das cerimônias tradicionais da iniciação (aquisição de uma nova personalidade) para os rituais contemporâneos da droga (ir até o início da viagem no desconhecido, do qual não se sabe o que ele lhe reserva, talvez a morte, mas tanto pior : "é preciso saber mudar a campã em beleza"), é significativo justamente de tudo isto que separa o transe tradicional (controlado e, portanto, instituído) do novo transe (que quer permanecer no instituinte, não desembocando em nenhuma possibilidade de instituição).

E isto nos permite, talvez, ir mais longe. O transe domesticado é funcional em relação à sociedade global no interior da qual ele está inserido, seja que lhe favoreça uma melhor complementaridade entre os sexos e os estatutos sociais, seja que ele sirva para atrair, de algum modo magicamente, a benção das divindades descidas (baixadas) na comunidade aldeã. O sagrado é investido numa instituição que o gere em benefício de todos.

O transe selvagem de hoje se quer, pelo contrário, desfuncional; ele não busca nenhum resultado positivo, nem mesmo para o indivíduo que a ele se abandona, já que ele pode ir até o não ser senão uma técnica de suicídio; ele quer ser pura experimentação de uma alteridade que permanecerá confusa e difusa, ato gratuito, ou simples gestos de revolta. Não demência, compensação, catarse, nem a violência e o delírio, como pretendem os psiquiatras, porque então o transe se tornaria funcional e perderia sua ponta revolucionária. Mas a contestação, por sua vez, do social como sistema de regras, e do indivíduo como identidade pessoal - do social, abandonando-se ao interdito; do indivíduo, fazendo-o levantar dos abismos

interiores a legião anárquica dos fantasmas censurados. O selvagem é primeiramente, e antes de tudo, a decomposição, a desestruturação, a contra-cultura que não pode, nem o deseja, acabar em uma nova cultura.

Aqueles que estudaram os cultos de possessão nas sociedades tradicionais, muitas vezes se espantaram com seus aspectos espetaculares e seus caracteres de festas coletivas. Estes aspectos são tais que às vezes o transe é representado, mais do que vivido; fala-se então de simulação, ainda que não se trate propriamente de simulação, sendo dado que todo rito, mesmo consciente, é comemoração dos gestos dos deuses. Ora, nos encontramos fenômenos análogos no transe selvagem de hoje. De Antonin Artaud, com seu teatro da crueldade, a Jerzy Grotowski, com seu teatro de tensão, a possessão é moldada sobre chapas. Parte-se então da improvisação, mas à procura de um cenário; da espontaneidade, mas à procura de um novo ritual; do transe violento (ficar nu, fazer amor, gritar, se debater, dançar até o esgotamento...) e que se desejaria contagioso; que desejaria entranhar finalmente o conjunto dos espectadores numa mesma comunidade extática, mas que permanece regulada pelo diretor (a nudez é comandada, o amor é simulado, o grito é modulado, a violência esteticamente representada, o espectador permanece geralmente em sua poltrona). Pode-se muito bem falar, então, de simulação, como certos etnólogos o fazem a respeito dos transe que permanecem apenas representados e não vividos nas sociedades tradicionais. Mas um certo número de observações são necessárias aqui: o que é representado, nas sociedades tradicionais é o mito fundador da ordem; o que é representado no Living Theater, ou qualquer outra forma de teatro contemporâneo, é o transe disfuncional - a festa primitiva que encontra sua culminação no transe é o lugar da comunicação,

da solidariedade aldeã reconstruída, da unidade a um tempo cósmica e sociológica, fundada sobre isto que é a um tempo a base do cosmos e do social : o sagrado politeísta; a festa teatral de nossos dias não é, numa sociedade anômica, senão pura provocação, que não pode, apesar de sua vontade, acabar em comunhão. Mesmo entre os atores: nos Estados Unidos os africanos quiseram se misturar às danças afro-americanas ou dos brancos "desatados", mas eles não chegaram a entrar no jogo porque os ritmos corporais dos africanos não são os ritmos corporais dos afro-americanos, ainda menos os brancos; quer se queira ou não, a sociedade age até sobre o psicológico para modelá-lo, e o somático é ele também, como o psíquico, socializado; é o que faz com que a dança selvagem que desejaria entranhar numa mesma roda extenuante os homens de culturas e sub-culturas diferentes, se paralise na impossibilidade de uma qualquer intercomunicação dos seres. Aqui, ainda, como no nosso parágrafo precedente, as diferenças prevalecem sobre as semelhanças; o transe selvagem simulado não é da mesma natureza que o transe domesticado simulado; e ele não quer sê-lo, porque o transe domesticado é aquele das comunidades homogêneas; o transe selvagem aquele das sociedades heterogêneas.

E é bem aqui, talvez, que se separa mais nitidamente o sagrado selvagem do sagrado domesticado. É que o sagrado domesticado é um sagrado coletivo, mesmo se um único dos dançantes é possuído por seu deus. Nas comunidades hippies ou outras, mesmo quando os corpos alongados se misturam uns aos outros, na inconsciência dos gestos, cada um permanece sozinho. Não há trocas de experiência, nem dons nem contra-dons, mas coexistência e paralelismo de experiências que permanecem, para cada um,

de um domínio estritamente pessoal. Não há coletividade possível senão pela e na regulação, o que obriga a um salto fora da selvageria, a fim de entrar no domínio da lei. Ora, por definição, o selvagem é aquilo que está fora de toda lei, quando ele não se deseja ainda mais, contestação de uma Regra qualquer. E entretanto...entretanto, já que nós estamos nas comunidades, e que nós definimos as comunidades de jovens como sociedades *in statu nascendi*, é preciso que haja, para que se possa falar de comunidade (em fracasso da regulação) um mínimo de troca interindividuais; apenas, estas trocas se situam no nível do discurso. Mas a palavra não é o vivido congelado? O instituinte, na medida em que é continuamente falado, não se arrisca a se constituir imediatamente em novos instituídos. O sagrado selvagem não seria mais, então, senão uma usina de fabricar deuses ou inventar mitos, ou seja, de fazer o instituído.

Tal é o nó do problema colocado pelo sagrado selvagem. A bíblia nos propõe toda uma série de ilustrações impressionantes destas metamorfoses do sagrado selvagem em sagrado domesticado, como se o selvagem não pudesse sobreviver senão com a condição de se domesticar. O encontro de Moisés com Deus sobre o Monte Sinai, entre as tempestades e nuvens permeadas de relâmpagos, se prolonga pela chegada da lei ao povo de Israel. A mata ardente que queima no deserto de mistério torna-se símbolo decifrável; a luta noturna de Jacó com o Anjo deixa sua cicatriz indelével no corpo extenuado do combate... Os inovadores de hoje, sociais como religiosos, se dão conta dessa necessidade; eles devem elaborar, a partir de suas experiências-piloto, outros modos de viver ou de adorar em conjunto: as festas coletivas se arrefecem em liturgias repetidas; o fascinante do sagrado se traduz em planos de utopias, em reformas de Igrejas ou em

contra-igrejas luciferianas. Mas não vê que neste esforço para passar do instituinte a novos instituídos, para substituir os instituídos antigos, que faliram, a imaginação é obrigada a apoiar-se na memória coletiva. A psicologia o demonstrou: a imaginação criadora se apóia sempre, nesses processos inovadores, sobre o material que lhe fornece a imaginação reprodutiva. O sagrado selvagem não é, definitivamente, senão o sagrado difuso, que não pode se precisar, a não ser pela utilização de formas arcaicas significativas. Eis porque o sagrado selvagem, que acredita inventar novos deuses, é mais freqüentemente o momento da ressurreição (para empregar a expressão de Halbwachs) de antigos deuses que se acreditava mortos.

A filosofia dos hippies já deu lugar, sobretudo nos Estados Unidos, a artigos ou livros interessantes. Ora, percebe-se, lendo-os, que esta filosofia é apenas um bric-à-brac de velhas religiões, orientais e cristãs, leituras mal digeridas ou apreendidas na telinha da televisão. Georges Balandier empregou a expressão "mercado de pulgas" que dá bem a impressão destes instituídos recuperados mais que inventados. Os deuses sonhados são apenas múmias das antigas divindades, das quais se desenrola a bandagem para ver se elas não podem servir outra vez ... Entretanto, além dessas religiões que falharam, ou dessas propostas deliberadas de voltar a formas esquecidas por nossa civilização ocidental, os cultos de possessão africanos ou as igrejas primitivas do cristianismo nascente, com seus carismas explosivos, o dom das línguas, o dom de profecia - estes cultos e estas igrejas primitivas cristãs consideradas com efeito por aqueles que as aceitam como coquetéis molotov capazes de incendiar nossa civilização condenada, não podem encontrar, ao menos numa pequena elite, um

sagrado selvagem puramente instituinte, desejado como tal, que não cria nenhum instituído, que escapa para sempre às recaídas sociológicas? Talvez. Mas se coloca, então, a questão de saber se este instituinte não é ainda um Instituído. Na medida em que ele não é senão a manifestação de um arquétipo inscrito de algum modo, seja na natureza humana, como quer Jung, seja na história da humanidade, como quer Eliade. O sagrado selvagem, com efeito - e que permanece selvagem - se quer experiência vinda do caos, da explosão de toda ordem cósmica ou psíquica, do embargo de um Deus que flutua, ovo não aberto, sobre um mar de trevas agitadas. E se situa, portanto, numa categoria arquetípica "a priori" que lhe dita a lei obrigatória da desordem e do desfuncionamento, categoria que se encontra em todas as mitologias dos povos, desde a Ásia suméria ou hebraica, até aqueles das ilhas perdidas nos arquipélagos da Oceania. Eu acabei de empregar a expressão de "categoria a priori" que lembra a filosofia de Kant e com efeito, aqui como no mundo kantiano, é impossível ao indivíduo atingir o novo (nós diríamos o sagrado puro, em sua transcendência absoluta); ele se molda com aquilo que nós o impressionamos, seja através do corpo, seja através do espírito, nas formas arquetípicas que nos são constitutivas; não pode portanto haver para o homem, instituinte já - e do princípio - instituído.

Pouco importa, porque saímos de um período - aquele que os sociólogos chamam de a "secularização" - onde a religião não estava morta, é certo, mas se escondia sob os substitutos emprestados ao mundo profano - o culto às vedetes substituiu o dos santos, as novas mitologias dos mass media substituindo as das antigas igrejas (Karl Marx já havia tomado consciência disso quando não existia ainda, entretanto, à sua época senão o mundo dos

jornais) ou ainda sob a valorização de heróis sacrílegos (Prometeu, Ícaro, Axion e, com a psicanálise, Édipo), mas não há propriamente sacrilégio sem postular ao mesmo tempo um sagrado contra o qual se luta - mas hoje todos esses substitutos da religião colocados pela sociedade de consumo ou pela psicoterapia analgésica, são objetos de uma contestação crescente.

Então, permitam-me ver nestas experiências do sagrado selvagem, mesmo se elas são ainda desajeitadas, a vontade de retomar o gesto de Moisés quando bateu sua vara - mesmo se os psicanalistas não vêem nela senão uma vara fálica - no solo ressecado para fazer dele brotar a água que faz reflorescer os desertos".

Roger Bastide - "Le sacré Sauvage" In: Le Sacré Sauvage et autres essais. Payot, Paris, 1975.

Tradução de Rita Amaral

Texto extraído do sítio Os Urbanitas (www.aguaforte.com/antropologia/), de antropologia urbana, criado e mantido pela antropóloga Rita Amaral. Com muitos artigos e traduções interessantes.

PAGANISMO

Hakim Bey

CONSTELAÇÕES PELAS QUAIS orientar a barca da alma.

"Se o muçulmano entendesse o Islã ele se tornaria um idólatra" - Mahmud Shabestari

Elegbá, horrendo abridor de portais com um gancho em sua cabeça & búzios como olhos, negro charuto de santeria & um copo de rum — o mesmo que Ganesha, gorducho garoto dos Inícios, com cabeça de elefante, que cavalga um rato.

O órgão que sente as atrofias numinosas com os sentidos. Aqueles que não podem sentir baraka(1) não podem conhecer a carícia do mundo.

Hermes Poimandres ensinou a animação dos eidolons(2), a incorporação mágica de ícones por espíritos — mas aqueles que não podem realizar este rito em si mesmos & em todo o tecido palpável do ser material herdará apenas tristeza, lixo, decadência.

O corpo pagão torna-se uma Corte de Anjos que percebem todos este lugar — este mesmo arvoredo — como um paraíso ("Se há um paraíso, certamente é aqui!" — inscrição em um portão de um jardim mongol).

Mas o anarquismo ontológico é por demais paleolítico para escatologias — as coisas são reais, a feitiçaria funciona, espíritos da mata unos com a Imaginação, morte como uma desagradável imprecisão — a trama das Metamorfoses de Ovídio —, um épico de mutabilidade. A mitologia pessoal.

O paganismo ainda não inventou leis — apenas virtudes. Sem sacerdócio,

sem teologia ou metafísica ou moral — apenas um xamanismo universal onde ninguém atinge a real humanidade sem uma visão.

Comida dinheiro sexo sono sol areia & sensimilla (3)— amor verdade paz liberdade & justiça. Beleza. Dionísio o garoto bêbado em uma pantera — rançoso suor adolescente — Pã homem-bode abre caminho através da terra sólida até sua cintura como se estivesse no mar, sua pele incrustada de musgo & líquen — Eros se multiplica em uma dúzia de jovens pastorais nus de Iowa com pés embarrados & limo de açude em suas coxas.

Raven, o embusteiro do *potlatch* (4), às vezes um garoto, uma velha, pássaro que roubou a lua, agulhas de pinho flutuando em um açude, cabeça de totem de Faísca & Fumaça, coro de corvos com olhos de prata dançando na pilha de lenha — o mesmo que Semar, o corcunda albino hermafrodita marionete de sombras, patrono da revolução Javanesa.

Iemanjá, estrela azulada, deusa marinha & madrinha das bichas — o mesmo que Tara, aspecto cinza-azulado de Kali, colar de crânios, dançando no rígido lingam(5) de Shiva, lambendo nuvens de monção com sua língua longuíssima — o mesmo que Loro Kidul, a deusa marinha verde-jaspe javanesa, que concede o poder de invulnerabilidade a sultões através de intercurso tântrico em torres & cavernas mágicas.

Sob um ponto de vista o anarquismo ontológico é extremamente vazio, desprovido de quaisquer posses & qualidades, pobre como o próprio CAOS — mas sob outro ponto de vista ele pulula de barroquismos como os Templos de Foda de Katmandu ou um livro de emblemas alquímicos — esparrama-se em seu divã comendo loukoum (6) & acolhendo noções heréticas, uma mão dentro de suas calças frouxas.

Os cascos de seus navios piratas são laqueados de negro, as velas

triangulares são vermelhas, bandeiras negras exibindo uma ampulheta alada.

Um Mar do Sul da China na mente, próximo de uma costa coberta por uma floresta de palmeiras, apodrecidos templos dourados dedicados à deuses de bestiários desconhecidos, ilha após ilha, a brisa como úmida seda amarela na pele nua, navegando por estrelas panteístas, hierofania sobre hierofania, luz sobre luz contra a escuridão luminosa & caótica.

1. A energia vital, graça, benção, de acordo com os sufis (Nota do Rizoma).
2. Cf. ídolos (N. do Riz.).
3. Tipo de maconha extremamente potente, colhido de plantas fêmeas não polinizadas (N. do Riz.).
4. Prática ritual dos índios da costa noroeste dos EUA, consistindo na troca e distribuição de presentes, e eventual dissipação dos bens do anfitrião (N. do Riz.).
5. O Falo sagrado do deus Shiva (N. do Riz.).
6. Doce típico da Turquia (N. do Riz.).

Capítulo de "Caos: os Panfletos do Anarquismo Ontológico" (Parte 1 de TAZ, recém lançado no Brasil pela editora Conrad).

Traduzido por Daniel Pellizzari, com revisão e notas pelo Rizoma.

(Arquivo Rizoma)

PANDÆMONÆON

Tzimon Yliaster

O termo Pandæmonæon é muito utilizado por magos caóticos. A palavra em si parece haver sido cunhada por Peter Carroll, mas, como o conceito de gnose, não é uma idéia nova. A mesma idéia aparece no pensamento indiano antigo como *pralaya*, por exemplo. O Pandæmonæon é, na verdade, o "fim do mundo" – pelo menos em termos de qualquer coisa por nós reconhecível como uma sociedade ou civilização. Abundam as especulações sobre circunstâncias de como isso se manifestará, mas tais exercícios são um pouco tolos, dado que não há **nenhuma** circunstância possível dentro do próprio Pandæmonæon!

Isso é compreensível, já que nosso objetivo supremo é invocar a manifestação completa do Pandæmonæon em cada nível de nossas realidades. Mas nenhuma definição clara foi oferecida até agora sobre os efeitos que sua invocação terá sobre os vários ingredientes das realidades – não apenas aquelas observadas pelos magos caóticos, mas aquelas que de fato são experimentadas por aqueles que não trabalham intencionalmente em prol da Grande Obra. É certo que existem tantas visões sobre a natureza do Pandæmonæon quanto existem magos caóticos, e é assim que deve ser. O que virá a seguir é uma visão geral sobre o efeito da chegada do Pandaemonæon sobre as realidades sociais da humanidade.

Em seu Liber Kaos, Peter Carroll define o Pandæmonæon simplesmente como a evolução da ciência para a magia, principalmente através das disciplinas científicas descendentes da atual física quântica. Carroll se abstém de fazer quaisquer projeções firmes sobre os efeitos das ramificações de tal evolução sobre a humanidade. Mais importante que a compreensão de que novas tecnologias surgirão para cobrir o vão entre o materialismo científico e a magia é a compreensão do que acontecerá com a

humanidade e a sociedade quando o paradigma caos-mágico ganhar ascendência envolvendo tanto a ciência quanto a religião dentro de si.

O aspecto mais importante é a transferência de informação. Atualmente, a velocidade pela qual a informação pode ser transmitida do emissor ao receptor é limitada pelo tempo, que se manifesta aqui na velocidade da luz. Isto é, entretanto, uma restrição ilusória. A informação não é matéria manifesta, e assim não cai sob o domínio das "*leis universais*" que parecem governar o comportamento dos meios pelo quais é transmitida. Para simplificar, precisa-se apenas imaginar o telefone. Pode parecer que a informação é transferida imediatamente, mas isso não é o caso. Há um atraso entre a partida da informação e sua recepção que é ditada pela velocidade de uma transmissão elétrica através de um fio, ou de luz através de um cabo de fibra ótica. Em outras palavras, a informação deve primeiro ser convertida em algo material e então ser movida através de outra matéria. Em última análise, não é a informação que se move; são elétrons ou fótons, que são então convertidos novamente em informação quando chegam a seu alvo. Mas a informação em si não é o elétron ou o fóton (embora estes contenham e sejam compostos de informação). A informação, como é atualmente, não pode ser medida. Ela é intangível para nós, algo que nunca pode ser experimentado diretamente.

Então, o que é a informação? É aquilo que os antigos xamãs teriam batizado de mana. Não é material, nem é energia. Na falta de um cognato melhor para a idéia, ele pode ser descrito como *Aethyr* (éter); os quanta dispersos que se unem temporariamente para formar um fenômeno qualquer. Um *Aethyr* não é limitado pela velocidade da luz, não ocupa espaço algum e nem está sujeito ao tempo. É capaz de estar em mais de um lugar no mesmo momento, ou em lugar nenhum, ou quaisquer combinações de ambos.

O Pandæmonæon, então, é a um nível a destruição de todas as coisas em

Aethyr, ou informação. Tudo se torna aglomeração temporária mutável de acordo com a vontade, a vontade em si sendo compreendida como uma aglomeração transitória. Isto espelha exatamente o processo através do qual qualquer ato de Magia do Caos é realizado; alguém define previamente uma série de parâmetros através de várias técnicas, mas as técnicas em si não são magia. A magia se manifesta apenas quando um estado de Gnose é atingido. A Gnose é o dissipar da mente de volta ao manancial etérico através da cessação de todos os processos mentais. Qualquer número de variáveis (quanta) são então permutadas entre o oficiante mágico e o campo de potencialidades infinitas (*Aethyr*). A forma sob a qual se manifestarão é determinada pelos parâmetros estabelecidos pelas técnicas empregadas. Em outras palavras, as técnicas agem de forma muito semelhante à linha telefônica do exemplo anterior. Quando o Pandæmonæon tiver sido invocado, entretanto, tais passos intermediários não serão necessários. A vontade manipulará diretamente o *Aethyr* em configurações variadas, e nada existirá além do que foi assim configurado. A informação é transmitida, processada e configurada fora dos limites de qualquer conceito de tempo, ou seja, instantaneamente.

Que efeito, então, isto terá sobre as estruturas sociais da humanidade? Deve-se primeiro compreender que qualquer estrutura social não passa de um produto de processos mentais. Estes podem, idealmente, ser modificados ao sabor daqueles que participam em dada estrutura. Indo mais longe, as estruturas sociais de qualquer tipo são tentativas de controlar a transmissão e manifestação da informação e do *Aethyr*. É sempre através do visor de suas estruturas sociais que o homem forma a realidade consensual. Implicitamente, então, o Pandæmonæon é o colapso de todas as estruturas sociais, já que não existirá nenhum meio através do qual transmitir a informação. Em outras palavras, todo o *Aethyr* é acessível instantaneamente de qualquer ponto, em quantidade infinita. As fronteiras dos construtos sociais, e também a mente individual, incharão até explodir. Todo sujeito e

todo objeto serão unidos: individualidade e grupo, passado presente e futuro, todos formarão uma singularidade infinita, sem limites e em um constante estado de fluxo. Toda a separação de conceitos desaparecerá juntamente com todos os conceitos de separação. Austin Osman Spare define isto como um estado de nem/nem; E.E. Rhemus o define como uma implosão escatônica; o misticismo oriental o proclama como união com a divindade. Eles são de fato, o mesmo e o único.

Assim, deve ser a meta do mago caótico remover toda e qualquer barreira à transmissão da informação. Hierarquias são derrubadas não apenas pelo simples ato, mas para apressar a chegada do Pandæmonæon através da destruição de tais barreiras. Qualquer organização, não importando seus objetivos, é uma força anti-Pandæmonæonica se intenta controlar de alguma forma o fluxo de informação. Governos, redes de comunicação, instituições religiosas e sociedades secretas se incluem nesta categoria. O verdadeiro mago caótico não buscará reter informações sobre as técnicas da magia, nem formar sociedades secretas que criem oligarquias e burocracias que são tão restritivas quanto aquelas que afirmam querer destruir. Qualquer informação deste tipo deve ser disseminada tão rápida e vastamente quanto possível; isto não apenas apressa diretamente o Pandæmonæon na medida em que aumenta um pouco mais a velocidade da transmissão, mas também assegura que outros possam encontrar e utilizar as técnicas necessárias para realizarem a Grande Obra. Qualquer outra coisa não pode ser Magia do Caos, pois fazer as coisas de outra forma é atrasar a invocação do Pandæmonæon.

Traduzido por k-Ouranos 333.

Fonte: Pacto Gnóstico NOX
[\(http://geocities.yahoo.com.br/narakamus/nox/\)](http://geocities.yahoo.com.br/narakamus/nox/).
 (Arquivo Rizoma)

PRINCIPIA CAOTICA

Peter J. Carroll

Na Magia do Caos, crenças não são vistas como fins em si, mas como ferramentas para criar os efeitos desejados. Entender isto completamente é encarar uma terrível liberdade na qual nada é verdadeiro e tudo é permitido, que é o mesmo que dizer que tudo é possível, que não há certezas, e que as conseqüências podem ser desastrosas. A gargalhada parece ser a única defesa contra a compreensão de que não se possui sequer um Eu real.

O objetivo dos rituais do Caos é criar crenças agindo como se elas fossem verdadeiras. Nos Rituais do Caos você finge até sentir, para obter o poder que uma crença pode prover. Em seguida, se fores sensato, você rirá delas e buscará as crenças necessárias para qualquer coisa que queira fazer depois, à medida em que é movido pelo Caos.

Assim, o Caoísmo proclama a morte e o renascimento dos deuses. Nossa criatividade subconsciente e nossos poderes parapsicológicos são mais que adequados para criar ou destruir qualquer deus ou Eu ou demônio ou qualquer outra entidade espiritual na qual possamos acreditar ou desacreditar, pelo menos, para nós mesmos e, às vezes, também para os outros. Os resultados freqüentemente aterradores alcançados pela criação de deuses através do ato de comportar-se ritualisticamente como se eles existissem não deverá conduzir o mago Caótico no abismo de atribuir realidade definitiva a qualquer coisa. Este é o engano transcendentalista, que leva a um estreitamento do espectro do Eu. O verdadeiro terror reside

no leque de coisas que podemos descobrir que somos capazes de fazer, mesmo se tivermos que temporariamente acreditar que os efeitos se devem a algo externo para que possamos criá-los. Os deuses estão mortos. Longa vida aos deuses.

A Magia apela aos que têm muito orgulho e uma imaginação fértil, somadas a uma forte suspeita de que ambas, a realidade e a condição humana, possuem as características de um tipo de jogo. O jogo possui final aberto, e joga a si mesmo por diversão. Os jogadores podem criar suas próprias regras até certo ponto, e, se desejado, trapacear usando parapsicologia. O tipo de magia apresentado aqui, consiste em uma série de técnicas que atuam como extensões extremas das estratégias normais que são possíveis dentro do jogo.

Um mago é alguém que vendeu sua alma pela chance de participar mais inteiramente da realidade. Apenas quando nada é verdadeiro e a idéia de um Eu verdadeiro é abandonada, tudo se torna permitido. Existe alguma exatidão no mito de Fausto, mas ele falhou ao levá-lo à sua conclusão lógica. Precisa-se apenas da aceitação de uma simples crença para que alguém se torne um mago. Esta é a metacrença de que a crença é uma ferramenta para obter efeitos. Este efeito é geralmente muito mais fácil de observar nos outros do que em nós mesmos. É comumente muito fácil ver como outras pessoas e, até mesmo outras culturas, são mais ou menos capazes, de acordo com as crenças que possuem. Crenças tendem a levar a atividades que tendem a reconfirmá-las, num círculo normalmente chamado de virtuoso, ao invés de vicioso, mesmo quando os resultados não são agradáveis. O primeiro estágio de ver através do jogo pode ser uma

iluminação chocante, que leva a um cinismo tedioso, ou ao Budismo. O segundo estágio de real aplicação do insight em si mesmo pode destruir a ilusão da alma e criar um mago. A compreensão de que crença é uma ferramenta, ao invés de um fim em si, tem imensas conseqüências se aceita por completo. Dentro dos limites impostos pela possibilidades físicas, e estes limites são muito mais vastos e maleáveis do que a maioria das pessoas imagina, pode-se fazer reais quaisquer crenças escolhidas, incluindo crenças contraditórias. O mago não é aquele que busca por uma identidade particular e limitada, mas aquele que deseja a meta-identidade que o torna capaz de ser qualquer coisa.

Assim, seja bem-vindo ao Kali Yuga do pandaemonaeon, onde nada é verdadeiro e tudo é permissível. Nestes dias de pós-absolutismo, é melhor construir sobre areia movediça que em pedra, que lhe confundirá no dia em que vier a rachar. Os filósofos têm se tornado não mais do que proprietários de sarcasmos úteis, pois foi revelado o segredo de que não há segredo no universo. Tudo é Caos, e a evolução não está indo a nenhum lugar em particular. É o puro acaso que comanda o universo, e assim, e apenas assim, a vida é boa. Nascemos acidentalmente em um mundo aleatório, onde apenas causas aparentes levam a efeitos aparentes, e muito pouco é pré-determinado, graças ao Caos. Como tudo é arbitrário e acidental, talvez estas palavras sejam muito simplórias e pejorativas; ao invés disso seria melhor dizer que a vida, o universo e todo o resto são espontaneamente criativos e mágicos.

Deleitando-se com a realidade estocástica, podemos nos regalar exclusivamente com as definições mágicas da existência. As estradas do

excesso podem ainda levar ao palácio de sabedoria e muitas coisas indeterminadas podem acontecer no caminho do equilíbrio termodinâmico. É inútil buscar chão sólido onde pisar. A solidez é uma ilusão, como o pé que a pisa, e o Eu que pensa possuí-los é a mais transparente de todas as ilusões.

As pesadas embarcações da fé estão furadas e afundando juntamente com todos os botes salva-vidas e suas jangadas engenhosas. Então você vai fazer compras no supermercado de crenças ou no supermercado de sensações e permite que suas preferências de consumo definam seu eu verdadeiro? Ou você, em um estilo corajoso e alegre, roubaria ambos apenas por diversão? Pois a crença é uma ferramenta para obter qualquer coisa que se considere importante ou prazerosa, e a sensação não tem nenhum outro propósito além da sensação. Assim, ajude-se a obtê-las sem pagar o preço. Sacrifique a verdade pela liberdade, em cada chance que tiver. O maior divertimento, liberdade e realização estão em não ser você mesmo. Há pouco mérito em simplesmente ser quem quer que você seja por um obra congênita acidental e circunstancial. Inferno é a condição de não ter alternativas.

Rejeite então as obscenidades da uniformidade planejada, da ordem e do propósito. Vire-se e encare as ondas das marés do Caos, das quais os filósofos têm fugido apavorados por milênios. Pule para dentro e saia surfando em sua crista, exibindo-se em meio à estranheza sem limites e o mistério em todas as coisas, rejeitando falsas certezas. Graças ao Caos isso nunca terminará.

Crie, destrua, divirta-se, IO CAOS!

Traduzido por Lucifer 149 e k-Ouranos 333

SAGRADA DOIDEIRA

[Simone Muniz](#)

Religião e gosto musical não se discutem, certo? Mas e quando a crença está relacionada a experiências lisérgicas para alcançar outros níveis de consciência? Desde que surgiram as raves, muita gente deixou de interpretar a saída noturna como diversão e passou a buscar o que se chama de transcendência ou espiritualidade nas festas que associam drogas a imagens da cultura mística, símbolos de deuses e rituais sagrados tribais, oferendas à natureza. Quase dez anos depois do surgimento das primeiras raves, esses elementos se mantêm, e para muita gente já ganharam cores de religião, conhecida como Tecno-Xamanismo. O nome é uma referência às batidas da música eletrônica e às experiências com plantas alucinógenas dos índios xamãs, reveladas ao mundo pelo antropólogo e escritor Carlos Castanheira, nos anos 70. Enquanto cada vez mais gente continua acreditando que o uso de drogas pode ajudar na busca da espiritualidade, djs e produtores explicaram à 2K o que realmente acontece na cultura tecno-xamã, e apontam as fragilidades óbvias dessa suposta filosofia.

A expressão Tecno-Xamanismo foi cunhada no final da década de 80, pelo inglês [Fraser Clark](#), dono do club londrino Megatripolis. O termo ajudou a formar opiniões sobre a ligação da cultura eletrônica neo-hippie com os rituais sagrados do tribalismo. Nas solenidades xamânicas, ritmos fortes e rápidos e ervas psicodélicas naturais provocavam os efeitos de transe necessários para alinhar corpo, mente e alma e conseguir uma suposta comunicação dos índios com os seus deuses. Nos tempos modernos, acrescidas do prefixo tecno, as batidas do xamanismo se tornaram

eletrônicas e as drogas, em grande parte, sintéticas.

Mas a filosofia tecno-xamã não é só rave e drogas. Tem uma teoria também. Parca, mas tem. Segundo seus seguidores, busca-se através dela ampliar os limites do corpo e da consciência através da observação da natureza e do ambiente que os cerca. Alguns adeptos compararam as experiências dos líderes xamanistas com as técnicas de bricolagem - o chamado faz-tudo da construção civil, a pessoa que não tem conhecimentos técnicos como um engenheiro, mas que resolve os problemas. "O tecno-xamanista não precisa saber porque algo funciona mas sim que funciona", tenta explicar [Erich Schneider](#), um partidário britânico do [Tecno-Xamanismo](#).

No Brasil, as opiniões de quem lida - e entende - do assunto se dividem. O dj baiano Claudio Duarte de Souza, que participa do projeto de drum'n'bass [Pragatecno](#), concorda que existe uma forte relação dos rituais indígenas com a base sonora repetitiva da música eletrônica. "Principalmente por causa do ritmo que confere o caráter hipnótico à música", analisa Claudio, que produz uma [tese de mestrado](#) sobre música eletrônica na Faculdade de Comunicação da UFBA. "A repetição dos sons fortes nas danças tribais representava a busca por um estado de transcendência coletiva. Como acontece nas raves. Uma tentativa de contactar um mundo mágico", acredita Cláudio. E, assim como os líderes espirituais controlam o ritmo dos rituais, nada mais natural que o dj's recebam o carinhoso apelido de Xamãs Digitais, como estabeleceu a tradição. "Os dj's manipulam a frequência e a velocidade nas pistas de dança assim como os pagés nos rituais coletivos dos índios brasileiros", compara Cláudio.

Imagens relacionadas às religiões estão presentes, principalmente, nas músicas que misturam mantras e timbres hipnóticos com batidas eletrônicas rápidas e bem marcadas, como no chamado psytrance ou goastrance - este último uma referência ao som das raves de Goa, na Índia, uma das mecas mundiais desse movimento. O dj de trance paulista Rica Amaral, principal organizador desde 1996 de uma das maiores raves do país, a XXXperience, diz já ter sofrido "curas espirituais incríveis" nas festas. "Cheguei a chorar de alegria dançando", conta Rica. "Quando se movimenta o corpo com ritmo e intensidade, se trabalha o alinhamento do corpo e da alma", tenta explicar Rica, que faz questão de ressaltar que seus transe nada tiveram a ver com drogas. "Sei que muita gente só consegue chegar a um estado extra-corpóreo com o uso desses ferramentas. Respeito essas pessoas, mas não é o meu caso. Drogas fazem mal", diz.

Já o dj Mad Zoo, que toca trance e ambient nas raves paulistas, acredita que o conceito de trance como música espiritual está falindo. Segundo ele, é impossível haver espiritualismo em um ambiente excitado pelas batidas rápidas. "As pessoas ficam muito ansiosas por causa do ritmo. Mas, contraditoriamente, buscam a paz", justifica. A velocidade da música está a cerca de 140 batimentos por minuto. "Ninguém consegue alcançar tranquilidade num ambiente assim. Então, as pessoas buscam no desconhecido, nas drogas, instrumentos para ficar bem", completa. Segundo ele, há uma confusão de valores. "É a mesma coisa que dizer que acredito em Deus, mas preciso do diabo", filosofa. Rica Amaral defende outro ponto de vista: "Já ouviu a música dos índios americanos? A batida tem a mesma velocidade", teoriza. E acrescenta: "Depois de duas horas dançando, você descola do chão. Isso é meditação".

O dj Manoel Vani, do grupo de drum'n'bass M4J, acredita que a associação das religiões orientais com trances coletivos foi tão explorada que tornou-se oportunista. "É uma pseudo-espiritualidade. Muito mais um comércio. Algumas pessoas perceberam que música repetitiva funcionava bem, deixava o povo em estado hipnótico", explica. Apesar de ser fã do ritmo trance, Mad Zoo polemiza: "aqui no Brasil se ouve trance porque é moda". Mas ele não deixa de crer no poder da música. "A paz do lounge e do ambient se aproxima mais do espiritualismo", opina.

Fonte: Revista 2k (www.02k.com.br).

SUBVERSÃO MÁGICA: UMA INTRODUÇÃO À MAGIA DO CAOS

por Daniel Pellizzari

Nada é verdadeiro, tudo é permitido! Este mote, geralmente atribuído à fantástica figura de Hassan-i-Sabbah, é o estandarte da mais jovem das correntes mágicas ocidentais: a Magia do Caos. Transcendendo o conceito ortodoxo de "ocultismo", os Caoístas procuram transmutar todos os aspectos de sua existência em atos deliberados de criação, destruição e diversão. Para isto, misturam Magia, Ciência e Arte, evitando sempre cair na armadilha de levar qualquer coisa demasiadamente a sério. Seja bem-vindo às marés do Caos, onde todo homem é Shiva e toda mulher é Kali.

algumas peças de um quebra-cabeça fractal

Pode-se dizer que o precursor da Magia do Caos foi o artista plástico inglês Austin Osman Spare (1886-1956). Criador de um sistema mágico extremamente pessoal, denominado Zos Kia, Spare foi tão inovador que chegou a ser evitado até mesmo pelo bicho-papão Aleister Crowley, que o acusava de ser um mago negro.

Expor as minúcias do sistema de Spare demandaria muito espaço e fugiria do objetivo deste artigo. O importante aqui é lembrar que Spare foi o primeiro a romper completamente com a tradição dos sistemas mágicos(1), ao criar um método eficaz usando como única matéria-prima seus próprios insights. Com seus Sigilos, Atavismos, Posturas de Morte e Alfabetos do Desejo, Spare deixou claro que qualquer um pode criar um sistema mágico que funcione. Não é necessário que ele seja útil ou compreensível para os outros; se isso acontecer, o mérito não é do sistema, mas do magista que obtém o sucesso. Sua brilhante obra artística, indissociável de seu trabalho mágico, mostrou a todos que a Arte é um dos mais eficazes instrumentos do Adepto. O legado de Austin Osman Spare permaneceu obscurecido até os

anos setenta, quando veio à tona a primeira de suas crias: a IOT (Illuminates of Tanatheros).

Surgida na Inglaterra, a IOT foi o primeiro grupo a utilizar o termo "Magia do Caos" para suas atividades. Os principais responsáveis por seu surgimento foram Ray Sherwin e Peter Carroll, que até hoje se mantém no controle da Ordem. Anunciada como "herdeira mágica dos Zos Kia Cultus e da A.'. A.'.", a IOT sacudiu o cenário ocultista inglês com a extrema originalidade de suas práticas. Com a publicação do The Book of Results de Sherwin e do Liber Null de Carroll, iniciou-se o caminho da Magia do Caos. Em pouco tempo, diversos indivíduos e grupos proclamaram sua adesão ao Caos, cada um deles dando sua colaboração inigualável ao desenvolvimento da mais libertária das correntes mágicas. Um deles, os Stoke Newington Sorcerers (SNS), estiveram envolvidos com o início do movimento punk na Inglaterra.

Na década anterior, nos Estados Unidos, dois hippies zen chamados Greg Hill e Kerry Thornley criaram o Discordianismo, uma religião dedicada ao culto de Éris, a deusa grega da discórdia. Esta religião, sobre a qual você vai conhecer mais e entender menos se ler seu livro sagrado, o Principia Discordia, consiste em um aglomerado de doutrinas nonsense, cheias de humor e de sabedoria inusitada.

Proclamando que "cada homem, mulher e criança é um papa", os discordianos afirmaram o elemento do humor e da irreverência como algo de suma importância em qualquer caminho transcendente. Quando se encontrou com a Magia do Caos, a paixão foi imediata. Hoje em dia há poucos Caoístas que não guardem um lugar para Éris em seus lotados altares.

Outra contribuição norte-americana para o que hoje é conhecido como Magia do Caos foi o trabalho dos psicólogos outsiders Timothy Leary(2) e

Robert Anton Wilson. Entre muitas outras coisas, Timothy Leary desenvolveu a teoria dos Oito Circuitos da Consciência, muito utilizada por Caoístas que acham a Árvore da Vida cabalista demasiadamente barroca. As contribuições de Wilson (RAW, para os íntimos) são inestimáveis. Sem ele, os Caoístas nunca enxergariam os fnords(3). Seus trabalhos ficcionais são hilariantes e preches de insights, seus ensaios traçam labirintos na mente mais cética (ou na mais crédula) e sua autobiografia, Cosmic Trigger, é de dar inveja. Não visite os Illuminati sem um livro de RAW embaixo do braço.

Continuando no campo das influências acumuladas pela Magia do Caos em sua história, recebemos a visita do anarquista sufi Hakim Bey. Seu extenso panfleto T.A.Z. caiu como uma bigorna na comunidade Caoísta. Anunciando cada indivíduo como um avatar do caos e pregando sua reunião em "zonas autônomas temporárias"(4), Hakim Bey estabeleceu a subversão ontológica como uma das práticas mais acalentadas pelos praticantes da Magia do Caos. A partir do trabalho de Bey, o Caoísmo tomou os contornos de uma verdadeira "Nova Esquerda", como exposto na última edição da Safira Estrela por Pedro Raul de Medeiros.

O crescimento e popularização da Internet tornaram-na um componente importantíssimo para o desenvolvimento da Magia do Caos. As facilidades de comunicação e difusão de informação e as inúmeras possibilidades oferecidas pela Rede parecem ter sido criada por encomenda! para os caoístas.

Além da Psicologia(5), outros campos da ciência foram muito importantes para as experiências Caoístas, como a Física Quântica, a Cibernética, a Lingüística e a Informática, que foram deglutidas antropofagicamente e misturadas à Magia.

Nos últimos tempos, surgiu um debate entre alguns Adeptos, que se

dividiram entre "Cientistas" e "Místicos". Os primeiros são mais pragmáticos e tentam explicar a ação da magia através de equações e gráficos vetoriais, negando a validade da experiência transcendente. Já os místicos defendem que a Magia do Caos não é simplesmente uma forma pós-moderna de baixa magia, e que pode ser utilizada para fins de Iluminação. Minha opinião pessoal é a de que ambos os grupos estão sendo atuzicados pelo velho demônio Choronzon. Lembro sempre do mote cunhado por Aleister Crowley para seu Equinox: "O Método da Ciência - A Meta da Religião".

Isto é a Magia do Caos: um conjunto de influências aparentemente conflitantes que resultaram em um conjunto de práticas extremamente heterogêneo, ainda que surpreendentemente eficaz.

esboço para um catecismo caoísta

Pela própria natureza da Magia do Caos, torna-se um desafio definir os pontos comuns entre os grupos e indivíduos que a praticam. Saiba que este artigo é apenas uma tentativa, e que qualquer Caoísta teria o maior prazer em negar qualquer uma das afirmações abaixo - apenas para confirmá-la algum tempo depois. Dentro da Magia do Caos, não há problema algum em contradizer-se, desde que com estilo. Isso faz parte da prática.

Antes de mais nada, a principal mensagem da Magia do Caos é a seguinte: a Magia deve ser essencialmente prática. Isso pode parecer tolo à primeira vista, mas quando você se depara com a quantidade de esforço desperdiçado com as elocubrações teóricas e debates territoriais tão comuns no mundo esotérico, a afirmação começa a fazer mais sentido. O Caoísmo tenta demonstrar que o importante são os resultados, relegando o método utilizado para obtê-los à categoria de mero detalhe.

Pode-se dizer que o uso de crenças como ferramentas é a base do trabalho

Caoísta. Assim, o praticante se esforça para conhecer e experimentar o maior número possível de sistemas de crença, apropriando-se do melhor de cada um deles.

Quando surgir a necessidade, o mago estará tão bem instrumentalizado que saberá qual delas utilizar para resolver a situação. A crença só é necessária no momento da operação; o ideal é que o praticante não acredite em nada, nem mesmo na crença básica de que as crenças são apenas ferramentas. Assim, pode surgir o Vácuo onde toda a Magia se realiza.

Derivando diretamente do princípio anterior, surge a visão do Caoísmo como um meta-sistema, ou seja, um sistema de sistemas. Isso quer dizer que a Magia do Caos engloba sem pudores qualquer outro sistema - mágico, místico, religioso, filosófico ou coisa que o valha -, existente ou não. Essa capacidade surge a partir da percepção de que nada tem um sentido intrínseco; as coisas apenas são. Quem dá sentido e cria realidades é um macaquinho orgulhoso que brinca de demiurgo.

Quando isso fica claro, qualquer coisa torna-se permissível. Isso deixa o Adepto Caoísta completamente livre para adicionar à sua prática quaisquer influências que achar necessárias, do Budismo Vajrayana até a Pajelança. Experimentar é a palavra-chave.

Os praticantes de Magia do Caos procuram se submeter a constantes processos de decondicionamento. Neste trabalho, fazem uma auto-análise e descobrem que crenças ou comportamentos estão sendo favorecidos em detrimentos de outros. A partir daí, usando processos de anátema pessoal, submetem-se às crenças que seu ego mais rejeita. Através deste processo de desconstrução, o praticante percebe a relatividade e validade de qualquer conceito. Existem diversas práticas de anátema, quase todas com o objetivo de livrar o Adepto das amarras do ego. Alguns anátemas pessoais:

quebrar ou se livrar de um objeto muito querido, realizar mudanças radicais em seu aspecto exterior ou mudar o tipo de alimentação (por exemplo, um vegetariano pode passar longos períodos comendo apenas carne vermelha).

Outra tônica do mundo Caoísta é a forte dose de humor e irreverência em algumas práticas e declarações, herança direta da já citada Sociedade Discordiana.

Magos caóticos não costumam levar nada muito a sério, por estarem atentos à relatividade de todos os fenômenos. Percebendo o Universo como uma grande brincadeira de gosto duvidoso, está aberto o caminho para uma postura lúdica.

Qualquer coisa é possível, inclusive aproveitar a energia da egrégora de Papai Noel para fins mágicos(6). Além do mais, até um iniciante na Magia do Caos sabe que a gargalhada é uma das maiores formas de banimento. Se algo der errado em qualquer aspecto de sua vida, não há melhor remédio do que dar boas risadas.

Muitos magos caóticos utilizam o termo gnosis para definir o estado de vacuidade ideal para a realização da Magia (o termo é mais abrangente, mas esta é outra história e fica para a próxima). Este estado pode ser alcançado de várias maneiras, como repetir de forma monótona algum som sem sentido específico, engajar-se em atividades sexuais repetidas até a exaustão ou caminhar em círculos até perder completamente o senso de direção. O objetivo é sempre destruir a influência nociva da mente consciente no resultado do trabalho mágico. A gnosis é parte essencial de uma das principais práticas da Magia do Caos: a Sigilização.

Criada por Austin Osman Spare e aperfeiçoada por diversos Adeptos, a Sigilização é um método simples e eficaz de obter resultados. Basicamente,

ela consiste na redução de um desejo a uma unidade mínima, que será então carregada magicamente durante o estado de gnosis para então ser libertada no Vácuo.

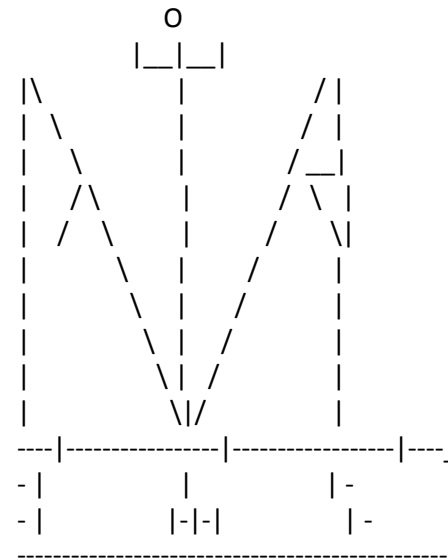
Esta unidade mínima pode ser um mantra, um desenho, um som ou qualquer outra coisa, desde que não guarde semelhanças com desejo que o originou. Se até agora a Sigilização lhe pareceu complicada, vamos a um exemplo:

O desejo (sempre imperativo), é: VOU MUDAR DE CIDADE.

Reduza as letras do desejo, cortando as letras repetidas: VOUMDARECI.

Rearranje as letras para criar um sigilo mântrico: DIVUCOREMA.

Crie um sigilo pictórico utilizando as letras:



Prepare seu espaço mágico utilizando a forma de ritual de abertura que preferir.

Comece a cantar o mantra enquanto realiza qualquer forma de atividade que leva à gnosis. Quando sentir que suficiente energia foi acumulada, direcione-a com os olhos para o sigilo pictórico.

Feche os olhos, descanse e realize um banimento com gargalhadas.

Esqueça.

No Caoísmo, os resultados têm extrema importância. Sistemas e práticas costumam ser julgados de acordo com sua eficácia. Junte isto com a preocupação com ecletismo, excelência e humor, e o resultado é um magista incrivelmente engenhoso, excêntrico e sem pudor de experimentar. Qualquer coisa é matéria-prima para as ações mágicas mais não-ortodoxas. Como exemplo do tipo de coisa que um Caoísta é capaz, acompanhe a descrição deste trabalho(7):

"Criei um pequeno Servidor para fins de acúmulo de energia. Ele tem alguns cristais de quartzo, um seletor de intensidade, algumas resistências, um 'seletor de canais' (veja abaixo), alguns fios e um velho chip de 286. Oh, e uma entrada para meu mecanismo de descarga. Inicialmente, eu o carreguei durante uma rave de 72 horas. Enterrei-o no chão sob a pista de dança principal, com alguns fios ligando-se às luzes e aos auto-falantes, outros seguindo até a área de descanso e outros para um antena de satélite (apontando para a casa onde se realizava a rave), que fiz a partir de uma calota velha. O seletor de canais foi a solução para um problema que me foi apontado por k-Ouranos: como eu poderia controlar todos os diferentes tipos de energia? Bem, tudo que fiz foi adicionar um seletor de oito fases, uma para cada cor da magia! Ligando o seletor à CPU, transplantei então a energia de um servidor que eu havia criado para me alertar de ataques

mágicos, adicionei algumas resistências para eliminar a possibilidade de uma sobrecarga e PRESTO! Minha máquina estava pronta. O mecanismo de descarga (não riam) é um pente de alumínio! Eu apenas adicionei algumas peças eletrônicas, e um fio para ligá-lo à bateria. Este aparelho me foi mostrado em um sonho por Karl Marx (sem o seletor de canais), e funciona MUITO BEM! Eu preciso apenas pentear meu cabelo quando preciso de uma dose extra de energia. Eu o mantenho ligado à antena de satélite, que agora aponta para uma igreja próxima à minha casa, apenas para mantê-lo com carga total."

Com certeza, a maioria dos leitores deve estar surpreso, mas esta é uma reação precipitada. Os feiticeiros (e a raiz atávica da Magia do Caos está na Feitiçaria e no Xamanismo) sempre fizeram uso dos materiais que estavam à mão. Se ninguém estranha o uso de plantas nos feitiços tradicionais, porque deveria achar inadequado o uso de peças eletrônicas? Hoje em dia, vivendo em centros urbanos, estamos cercados por computadores, e não por florestas. Os novos Grimórios serão escritos com silício.

colméias, bandos, matilhas & alguns rabanetes

A IOT não passou incólume por todas as modificações sofridas pela Magia do Caos desde os anos setenta. Criada originalmente para ser um fórum livre de associação de Adeptos do Caoísmo, a Ordem sempre procurou manter um mínimo de hierarquia - um erro grave, de acordo com seus críticos. De seu formato original, evoluiu para O Pacto e a partir daí enfrentou alguns cismas.

Alguns dos Adeptos que deixaram a IOT (entre eles um de seus fundadores, Ray Sherwin) criaram novos grupos, a maioria deles tendo em comum o fato de não utilizarem qualquer tipo de hierarquia. Estes indivíduos perceberam que, por mais que se tente, não é possível conduzir um trabalho em Magia

do Caos dentro de uma estrutura que favorece disputas e jogos egóicos. Com freqüência argumentam que a hierarquia pode ser boa para outras correntes mágicas, mas no Caoísmo, onde o indivíduo é o soberano de suas próprias realidades, ela só serve para limitar qualquer tipo de avanço.

Atualmente existem muitos grupos e indivíduos trabalhando sob a égide do estandarte Caoísta. Um dos grupos mais importantes é o Z(cluster), criado por um grupo de norte-americanos inspirados pelas idéias de Hakim Bey e pelas possibilidades da Internet. Foi a primeira grande rede internacional de Adeptos da Magia do Caos, contando com membros em quase todo o planeta. Outros grupos que merecem atenção por parte do estudante são a Autonomatrix, o Thee Process (ex-TOPY) e a Telesis Foundation.

No Brasil, a Magia do Caos está começando a se estabelecer como uma corrente mágica. Seus representantes atuais são o Pacto Gnóstico NOX e a IOT Brasil. NOX nasceu de um grupo afiliado ao Z(cluster), denominado kaZakaotika.

Consiste em uma Rede de Adeptos Caoístas, espalhados pela América do Sul. Cada grupo de trabalho, denominado Vórtice, é completamente independente. Não há nenhum tipo de hierarquia dentro do Pacto. Os Irmãos de NOX mantêm sua identidade através do uso comum do Sigilo do Pacto e do Panlogos, uma Invocação criada em conjunto por todos os Vórtices. Seu principal objetivo é fornecer um meio de comunicação e troca de experiências entre os praticantes da Magia do Caos, considerando a colaboração de cada indivíduo como única e inestimável. Outra característica do NOX é a realização de Projetos Inter-Vórtices, sendo que atualmente estão envolvidos na criação de uma língua bárbara.

Assim como o NOX, a IOT Brasil ainda está em fase de organização. A Ordem funciona de acordo com os princípios expostos no Liber Pactionis, de Peter

Carroll. Mais informações sobre suas atividades podem ser obtidas diretamente de seus representantes (vide próximo tópico).

papirografia caótica & lugares para visitar

Este artigo foi apenas uma tentativa de dar uma visão geral de um assunto vastíssimo. Para quem se interessou pelo assunto, recomendo a leitura de alguns livros. Infelizmente, quase todos (com exceção de dois) são em inglês.

The Book of Pleasure, Austin Osman Spare
 The Book of Lies, Aleister Crowley
 The Book of Results, Ray Sherwin
 Liber Null & Psychonaut, Peter Carroll
 Condensed Chaos, Phil Hine
 Visual Magick: A Manual of Freestyle Shamanism, Jan Fries
 Prometheus Rising, Robert Anton Wilson
 Schrödinger's Cat Trilogy, Robert Anton Wilson
 Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll
 TAZ: The Temporary Autonomous Zone, Hakim Bey
 All Rites Reversed: Ritual Technology for the New Age, Antero Alli
 Undoing Yourself, Christopher S. Hyatt
 Principia Discordia, Malaclypse the Younger
 Ciberxamanismo, Eduardo Pinheiro

Visitar os seguintes websites pode valer tanto quanto ler os livros acima.

. Tools of Chaos (www.crl.com/~tzimon)
 . Chaos Matrix (www.sonic.net/~fenwick)

Nunca se esqueça: a leitura é útil, mas as práticas devem ser

experimentadas assim que for possível.

Para entrar em contato com o Pacto Gnóstico NOX, utilize os seguintes endereços (por enquanto, apenas na Internet):

NOX - WebVórtice (www.psynet.net/nox)

NOX - e-mail (nox@psynet.net)

Por fim, os endereços da IOT Brasil:

IOT-BR - Website (www.openlink.com.br/kaos)

IOT-BR - e-mail (kaos@openlink.com.br)

Isto é o fim (ou não)

Engendrada por um artista plástico renegado e estabelecida na mesma época em que surgiu o punk rock e que a Física Quântica ganhou respeitabilidade, a Magia do Caos nunca parou de crescer, estendendo seus tentáculos lovecraftianos por todo o mundo e declarando que você pode - e deve - ser seu próprio Messias.

Em nome das ensandecidas hostes do Caos, novamente lhe dou as boas-vindas. Esteja preparado: os arautos do apocalipse estão batendo à sua porta. Entre outras coisas, estes punks do ocultismo pretendem mostrar que o Universo termina e recomeça cada vez que você respira; sim, termina e recomeça cada vez que você respira.

Notas

(1) Mesmo Crowley, outro revolucionário, baseou muito de seu sistema na magia cerimonial clássica da Golden Dawn - entre outras fontes.

(2) Que se considerava um continuador do trabalho de Aleister Crowley no campo da expansão da consciência humana.

(3) Você enxergou algum?

(4) Qualquer relação com "cada homem e cada mulher é uma estrela" e "lutai como irmãos" é uma brincadeira de mau gosto de seus neurônios.

(5) Representada por Leary, Wilson, Hillman, Grof e diversos outros.

(6) Vide a "Missa de Panielo", criada pelo Fr. Leghba Valys 418, Oo NOX.

(7) Realizado pelo Fr. Abraxas 223, Oo NOX.

TECNOGNOSE : TECNOLOGIAS DO VIRTUAL, IDENTIDADE E IMAGINAÇÃO ESPIRITUAL (1)

Erick Felinto



O artigo busca investigar as raízes das conexões que o imaginário cultural contemporâneo estabelece entre tecnologia e espiritualidade. Analisa as diversas representações que associam as tecnologias do virtual à religião,

em especial a formas de religiosidade gnósticas, bem como sugere uma taxinomia dos símbolos e mitos que circulam pela literatura especializada no assunto e pelo universo da cibercultura.

.....

"A hipótese de que as imagens tenham alma parece confirmada pelos efeitos da minha máquina sobre as pessoas, os animais e os vegetais emissores".

(Adolfo Bioy Casares, *A Invenção de Morel*, 113)

O título deste trabalho deve parecer no mínimo curioso. Como conciliar o espiritual, o imaterial ao mais objetivo e científico? Como reunir tecnologia e espiritualidade em um mesmo horizonte teórico? Mas o que proponho nas linhas seguintes é investigar, de fato, uma das imagens mais peculiares que têm circulado pelo cenário da cultura contemporânea imagem que precisamente conecta dois campos tidos como tradicionalmente inconciliáveis, os domínios da ciência e da religião. Na verdade, não se pode dizer que a ligação é propriamente inaudita (e existirá algo de efetivamente inaudito no imaginário cultural?), mas sua associação com as novas tecnologias do virtual e da informação talvez lhe empreste pelo menos algumas tonalidades surpreendentes e diferenciadoras. Nesse sentido, meu objetivo principal aqui será interrogar qual é a novidade real das representações culturais que hoje vêem o computador como uma tecnologia do espírito e a internet como um paraíso virtual para os cibernautas. Mais ainda: buscarei apresentar uma taxinomia preliminar dessas representações, bem como descrever a estrutura mental que creio servir-lhes de base a *forma mentis* gnóstica.

Mas demonstrar a peculiaridade da situação atual exige que antes se desfaça a sensação de novidade aparente das representações que investigarei. Imagens, símbolos e mitos que conjugam o tecnológico e o

espiritual podem nos parecer surpreendentes e originais, mas o fato, desconhecido de nossas concepções do senso comum, é que as conexões entre ciência e religião são seculares e quase genéticas. O historiador David Noble demonstrou que as próprias raízes do projeto tecnológico de nossa civilização estão já contaminadas de mitologias e imaginários da transcendência. Na origem medieval do desejo tecnológico da modernidade entranhava-se uma necessidade espiritual: a utilização da técnica como meio de superar o estado decaído da humanidade pecaminosa (1999: 12 e ss.). Daí ser possível inclusive falar em uma "religião da tecnologia", com seus próprios sacerdotes, rituais e artigos de fé. Não é à toa que Lucien Sfez utiliza um vocabulário oriundo do campo religioso para abordar o tema das tecnologias da informação. Como ele explica em *Crítica da Comunicação*, "os impulsos tecnológicos contemporâneos, a crença na onipotência do princípio da ciência instauram práticas bem próximas de uma cultura espiritual" (1994: 245). É possível, destarte, afirmar que, tanto em sua gênese histórica como em sua estrutura epistêmica, a tecnologia esteve quase sempre próxima do religioso. Mas essa associação jamais foi tão forte e pervasiva quanto hoje. Determinadas características das tecnologias do virtual aliás, a própria noção de "virtualidade" parecem intensificar a imaginação espiritualizada da técnica. Não obstante a juventude dessas tecnologias, já existe hoje uma abundante literatura que inventaria o emprego de metáforas, conceitos, mitos e imagens religiosos no universo da informática e das redes de comunicação. Uma das razões que certamente explicam a intensificação dessas imagens na tecnocultura contemporânea é a tendência das atuais tecnologias de extrapolar "a estrita referência à condição humana, possibilitando novas criações que apontam para a superação das limitações próprias ao orgânico" (Ferraz, 2000: 119).

Se em momento anterior as tecnologias eram imaginadas como extensões ou ampliações do organismo humano como em McLuhan, por exemplo, ou mesmo antes, em Ernst Kapp (2), elas agora aparecem como meios de

ultrapassagem da condição humana. Termos que têm sido associados com essa idéia são "**tecnognose**" ou "gnosticismo tecnológico". O primeiro é utilizado, por exemplo, por Erik Davis, em seu ensaio *Techgnosis: Myth, Magic + Mysticism in the Age of Information* (1998). Davis argumenta que, em substituição aos mitos industriais da mecanização da vida, dominantes há pelo menos mais de um século, os novos mitos da cultura do virtual apelam para imagens menos materiais e mais "incorpóreas". Como se tratam de tecnologias da informação, e como essas tecnologias sugerem o rompimento dos limites tradicionais da consciência humana, pode-se falar em extensões da mente e do *self*: "Ao criar uma nova interface entre o *self*, o outro e o mundo além, as tecnologias da mídia tornam-se parte do *self*, do outro e do mundo além" (Davis, 1998: 4).

Essa noção vai ao encontro das teses desenvolvidas por Victor Ferkiss e adotadas por Hermínio Martins, que descreve o "gnosticismo tecnológico" como um imaginário de superação do orgânico, do corpóreo, da finitude humana e das limitações existenciais (3). Tecnologias, portanto, do *self* como também as define Lucien Sfez (1994: 245), porém mais que isso, tecnologias que abrem horizontes para novas formas de misticismo, magia e culto, talvez característicos daquilo que tem sido designado como o horizonte cultural pós-moderno. Cultos como o do curioso Drunvalo Melchizedek, que espalha seus ensinamentos por inúmeras páginas da World Wide Web e cuja doutrina, de natureza essencialmente gnóstica e maniqueísta, é descrita por Michael Lieb como "uma escatologia ciberespacial, na qual a mentalidade ciborgue de dissociação, deslocamento e até mesmo anomia prevalece" (1998: 73).

Parece estranho que um tema tão obscuro e pouco abordado quanto o da mentalidade gnóstica possa ser de importância no cenário da cultura contemporânea e das tecnologias da informação. Entretanto, a gnose, como *forma mentis*, ultrapassa largamente os horizontes dos estudos de religião e

imbrica-se em uma multiplicidade de aspectos do percurso histórico da civilização ocidental. Ela é objeto central, por exemplo, da obra de cientistas políticos como Eric Voegelin e Giacomo Marramao (4). O primeiro chega a caracterizar "a essência da modernidade como o crescimento do gnosticismo" (Voegelin, 1982: 96). A gnose é a imanentização do princípio divino, ou seja, a transposição da idéia de divindade para o interior do sujeito e do horizonte das experiências humanas. Ser gnóstico é, portanto, exercer a divinização de seu *self*; é adotar uma forma de religiosidade estetizada, "quase literária" (1996: 33), nas palavras de Harold Bloom, autor que, aliás, exemplifica a penetração da gnose na esfera da estética. A gnose aparece, assim, como uma religiosidade "humanizada", valorizadora da criatividade do sujeito, extremamente apropriada às experiências e gostos dos modernos ou pós-modernos.

"Gnóstico" é, na verdade, um termo extremamente flexível, usado originalmente para qualificar uma série de seitas e manifestações religiosas características das regiões orientais do Império Romano nos primeiros séculos após Cristo. O que unificava as várias formas de gnosticismo eram certos traços estruturais dessa religiosidade, como o dualismo corpo-espírito, a divinização dos iniciados e a luta contra as limitações impostas ao homem pelo demiurgo criador, tido como grande inimigo da liberdade humana. A obtenção do "conhecimento" (*gnose*), secreto e reservado aos adeptos, era o objetivo fundamental das práticas gnósticas. Enquanto *forma mentis*, a gnose se caracteriza como estrutura de pensamento trans-histórica (5) que poderia ser descrita como uma *ciência da espiritualidade*.

Afinal, ela se apresenta como um conhecimento eficaz e transmissível para permitir a obtenção da saúde espiritual dos iniciados. Essa pretensão de "cientificidade" aparece também nas várias espécies de esoterismo e misticismo derivados da antiga e originária gnose. Desse modo, toda forma de gnose, toda forma de esoterismo pode, em certo aspecto, ser descrita

como uma "tecnologia do espírito". A terapia de cristais, os florais de Bach, a cromoterapia são freqüentemente vindicados nos manuais de esoterismo popular por meio de uma linguagem pseudocientífica, que confere a essa "metafísica dos mentecaptos", na definição de Adorno (1987: 244), uma aparência de validade racional e de, por assim dizer, "metafísica de resultados" (6). Daí que não seja surpreendente a aliança entre a espiritualidade da "Nova Era" e o pseudocientificismo da literatura de auto-ajuda.

De fato, a partir pelo menos dos anos 80, como assinala Francisco Rüdiger, "o cientificismo coisificador cada vez mais forte que se verifica na literatura de auto-ajuda (...) compete com influências onde o elemento espiritual ainda se mostra vigoroso" (1995: 121). Mas penso que se trata menos de competição que de *complementação*. O espiritual e o "científico" surgem aqui como duas faces da mesma moeda.

No âmbito das tecnologias do virtual, a *forma mentis* gnóstica manifesta-se carregando tanto suas significações religiosas originárias quanto uma versão profana da busca pelo conhecimento agora transformado no conceito de informação. Erik Davis é incisivo quando afirma que "o mito gnóstico antecipa os sonhos mais extremos dos mutantes mecânicos e dos *cowboys* do ciberespaço de hoje, especialmente sua pulsão libertária rumo à libertação e autodivinização, bem como sua rejeição dualística da matéria para as possibilidades incorporais da mente" (1998: 80).

A noção de ciberespaço possibilita a evocação dessas antigas fantasias gnósticas, sempre presentes de modo mais ou menos dormente na própria estrutura da cultura moderna. Multiplicam-se, então, os textos onde se traçam analogias entre o ciberespaço e estruturas de pensamento mágicas ou arcaicas (7). Mas traçar analogias pode ser um exercício perigoso, pois até que ponto uma aproximação simbólica de dois momentos ou modos de

pensar tão distantes colabora para a compreensão da singularidade do fenômeno? Prefiro, portanto, colocar a questão em termos de representação cultural. Não é que o ciberespaço seja como "uma casa da imaginação, o lugar onde se encontram racionalidade tecnológica, vitalismo social e pensamento mágico", como sugere André Lemos em artigo postado na Internet (8). Ele é antes *tomado, apropriado* pelo domínio do pensamento gnóstico, e desse modo surgem determinadas *imagens culturais* que fantasiam sua transformação em um novo empíreo, uma nova cidade celestial. Imagens que provavelmente devem ser filtradas criticamente, antes de simplesmente serem aceitas como moeda corrente das análises sociológicas e culturais das novas tecnologias.

O exercício das analogias é, ele próprio, parte do modo de pensamento esotérico e hermético. Basta pensar no princípio da "tábua esmeralda" (*tabula smaragdina*), fundamento da visão de mundo hermética: "o que está embaixo é como o que está em cima"; ou lembrar o famoso poema *Correspondances*, onde Baudelaire expressa a noção de simpatia, de inter-relação entre todas as coisas do mundo a "prosa do mundo", como a define Foucault ao analisar a *épistémè* do século XVI (1996: 32 e ss.). O maior perigo do mecanismo analógico é sua sutil eliminação das diferenças e sua transformação do mundo em um lugar de unidade absoluta. Tudo está em tudo, e assim perde-se a possibilidade de definir ou recortar qualquer fenômeno em sua especificidade. Essa é a impressão que o texto de Lemos deixa ao final, pois o ciberespaço é "Noosfera", "Cybionte", "Inteligência Coletiva", "Rizoma", "palácio da memória", enfim, tudo e nada. Margaret Wertheim escapa, pelo menos parcialmente, desse perigo, ao entender o ciberespaço como mais uma forma de representação cultural do espaço, que se contrapõe a outras concepções históricas da espacialidade (1999).

O que me interessa, prioritariamente, é entender de que modo as novas

tecnologias da comunicação e da informação podem ser "fagocitadas" pela mentalidade gnóstica. Para isso, é inevitável proceder a um "retrocesso epistemológico" e recuperar os panos de fundo mais genéricos que emolduram nossos conceitos de ciência e magia. Tentador é estabelecer uma cadeia simbólica que ligue Hermes, deus da comunicação, patrono do hermetismo e da Gnose, à estrutura dessas novas formas de comunicação total; tentador é imaginar a rede mundial como um novo palácio da memória, nos moldes daqueles que os jesuítas usavam no século XVI para memorizar os ideogramas da escrita chinesa (9). Tentador é ainda conceber uma forma de misticismo pós-moderno centrado na magia da virtualidade. Mas, buscando escapar a essa tentação quase inevitável, sugiro um retorno à cena de origem do pensamento científico. Na raiz do impulso científico e tecnológico de nossa civilização está o projeto iluminista. Uso o termo "Iluminista" no sentido adorniano. O *Aufklärung*, processo do esclarecimento, é muito anterior ao que historicamente se definiu como movimento filosófico do século XVIII. A meta do esclarecimento, como *esclarecem* Adorno e Horkheimer, era o desencantamento do mundo (*die Entzauberung der Welt*). Porém, em seu desejo de dominação dos primitivos temores do homem, o esclarecimento recai vítima dos mitos que tenta dissipar. Se o projeto cientificista pensa o conhecimento do mundo como dominação do mundo, ele inevitavelmente termina por cair na órbita do mito (cf. 1975: 14). Magia e tecnologia não conseguem esconder suas raízes comuns.

O diagnóstico clarividente da *Dialética do Esclarecimento* parece mais correto hoje do que nunca. Que a ciência se alimente constantemente dos mitos é uma conclusão que pode ser extraída das teses de Hermínio Martins. Da imaginação prometéica, resumida na idéia do aprimoramento da vida humana pela dominação da natureza, passamos às concepções fáusticas, onde o técnico chega a adquirir precedência sobre o conhecimento. No pensamento científico da segunda metade do século XX,

trata-se já não mais de descobrir a verdade da natureza ou de pressupor uma racionalidade comum como base, mas antes de controlar e gerenciar totalmente os mundos orgânico e inorgânico. O que conta na imaginação fáustica é a performatividade, a obtenção de resultados locais sem a suposição de uma razão unitária (cf. Ferraz, 2000: esp. 122-124). Que a ciência também seja fertilizada pela imaginação criadora é a grande afirmativa da obra de Bachelard desde pelo menos *A Filosofia do Não* (1940).

Hermes, Prometeu, Fausto: temos aí uma bela cadeia de mitos, que ilustra na utilização dessas narrativas mitológicas para descrever formas do pensamento técnico a contaminação do racional pelo irracional. Mas é possível seguir adiante e propor ainda outras imagens míticas. A epistemóloga Dominique Terré-Fornacciari denuncia a presença de vetores irracionais na ciência contemporânea, descrevendo-a como as *núpcias de Apolo e Dioniso*. Na exagerada moda do relativismo epistemológico contemporâneo, na retórica de vulgarização do discurso científico e no coração mesmo de determinados conceitos da ciência atual, como as noções de contradição e indecidibilidade, repousa a possibilidade de um "reencantamento da ciência" (1991: 12). Encontram-se aí em ação, portanto, uma retórica, uma teórica e uma política do irracional.

Em um nível de generalidade mais amplo, diversas teorias podem dar conta dos encontros aparentemente inexplicáveis entre irracionalidade e ciência. Uma das perspectivas mais interessantes é a desenvolvida por Hans Blumenberg em obras como *Arbeit am Mythos (Trabalho sobre o Mito, 1979)*. Blumenberg argumenta que tanto a perspectiva iluminista quanto a romântica representam posturas equivocadas na análise do par razão--irracionalidade. O iluminismo quis expurgar do saber toda sombra mítica, ao passo que o romantismo encarnava a expressão do desejo mitopoético.

Contra a frieza da razão calculadora, os românticos levantavam a bandeira da intuição, da poesia, do mito. O problema das duas posições é seu caráter totalitário e excludente. *Logose Mythos* constituem dois impulsos fundamentais do homem; não podemos sobreviver sem a presença dos dois. A ciência, por sua própria natureza, é capaz de nos oferecer apenas explicações *regionais e limitadas* sobre os fenômenos.

Contudo, para ultrapassar os temores que enfrenta enquanto espécie (o que Blumenberg denominou como "absolutismo da realidade" *Absolutismus der Wirklichkeit*), o homem necessita também das explicações gerais, *globalizantes*, oferecidas pelas narrativas míticas (cf. Blumenberg, 1990). Esse raciocínio explica os vínculos genéticos entre razão e irracionalidade, e a Gnose como *forma mentis* essencialmente mítica ocupa também um lugar de destaque na obra de Blumenberg.

É possível, agora, retomar a questão da especificidade das representações envolvendo as novas tecnologias. Se as conexões imaginárias entre ciência e religião, entre razão e mito, entre técnica e espiritualidade constituem um *tropo* tradicional de nossa cultura, de que maneira as recentes imagens de espiritualização das tecnologias do virtual distinguem-se das anteriores e adquirem singularidade? A resposta mais simples, já sugerida anteriormente, consiste em destacar o caráter peculiar dessas novas tecnologias. São tecnologias que não estão mais centradas na figura material do maquínico, mas sim na noção do virtual.

Nossas representações do computador não se centram em sua imagem mecânico-eletrônica, em sua entidade corpórea. Sua figura, sua materialidade são quase que inteiramente eliminadas do circuito representativo. O computador é a imaterialidade de sua inteligência, de suas possibilidades de virtualização do real.

Em um momento anterior, a máquina, com suas engrenagens, painéis, luzes e ponteiros, constituía o suporte material, significativo, de nossa imaginação prometida. Lembremos, por exemplo, de *Metropolis* (1926), de Fritz Lang, onde as associações entre tecnologia e religião são cristalinas, e onde as máquinas são vistas por um olhar que alucinatoriamente as transforma em monstros. Na verdade, em *Metropolis* as máquinas aparecem como deuses-monstros, como se pode perceber na descrição do próprio Lang para uma das cenas do filme: "Todos os deuses-máquina se erguem, esticam seus membros em ameaçadora liberdade. Chamas famintas saem dos estômagos de Baal e Moloch, tremulando em suas panças" (apud Gumbrecht, 1997: 288). Nos filmes que recentemente têm tematizado as ligações entre tecnologias do virtual e transcendência, a máquina já não aparece mais em sua materialidade como figura essencial, nem como objeto nitidamente identificável. Não é possível detectar os signos de reconhecimento tradicionais: engrenagens, botões, parafusos, brilho metálico, etc. Em *Matrix* (1999), por exemplo, sabe-se que os "agentes" são programas de computador que existem apenas enquanto entidades virtuais. As outras "máquinas" apresentadas no filme possuem, como em *Metropolis*, um aspecto monstruoso, mas são poucos os elementos que permitem reconhecê-las como máquinas. Elas dão a impressão de serem criaturas orgânicas: aranhas, polvos, besouros... (10) Em *ExistenZ* (1999), de David Cronenberg, a máquina é literalmente um ser vivo e orgânico, que se pluga simbioticamente na espinha de seus usuários, imergindo-os em um mundo de experiências absolutamente virtuais (porém tão ou mais "reais" do que a realidade). Essa desmaterialização da figura das máquinas é acompanhada por uma desmaterialização do corpo humano. Neo, o protagonista de *Matrix* (1999), trava suas batalhas sem fazer uso de seu corpo real, por meio de uma "imagem digital" de si mesmo. Em *The Thirteenth Floor* (1999), o que caracteriza a identidade dos sujeitos não é a presença do corpo humano, mas sim a "humanidade" de sua personalidade, ainda que esta seja uma construção inteiramente virtual e artificial.

Esse processo de desmaterialização permite *alcançar um novo nível de proximidade entre tecnologia e espírito*. Scott Bukatman define com perfeição esse novo estado de coisas: "Os símbolos visíveis da aspiração tecnológica (...) desapareceram de nossa visão e de nossa consciência. As novas tecnologias eletrônicas que agora proliferam na era da informação são *invisíveis*, circulando fora de nossas experiências do espaço e do tempo" (1998: 2, grifos nossos). Bukatman analisa esse "desaparecimento" da tecnologia, bem como a diluição do humano no maquínico no contexto da "ficção científica pós-moderna". Ao novo modelo de identidade imaterial surgida nesse cenário, o autor chama de "identidade terminal" (*terminal identity*). A identidade terminal representa, assim, uma "dupla articulação na qual encontramos tanto o fim do sujeito como uma nova subjetividade construída na estação de computador ou na tela da televisão" (op.cit., 9).

Se o sujeito tradicional desaparece de fato é questão que ainda deixa margem a muitas dúvidas (11). Mas é inegável a proliferação de representações culturais que dão conta dessa morte ou virtualização do sujeito. Com a eliminação do corpo, com a virtualização da subjetividade, a nova tecnognose se revela como campo inesgotável para a elaboração de mitos e imagens de uma metafísica da ciência. Mas a utilização de filmes de consumo massivo para ilustrar as metáforas da tecnologia espiritualizada desvela ainda uma outra peculiaridade das atuais núpcias entre o *logos* das tecnologias virtuais e o *mythos* gnóstico. Na chamada cultura "pós-moderna", é possível falar em dois níveis discursivos que convergem e confirmam, assim, a força do imaginário espiritual sobre as novas tecnologias. Tanto ao nível do discurso analítico e crítico (os livros e artigos dos especialistas) quanto ao nível dos discursos da cultura midiática (os filmes e romances de ficção científica), a criação de imagens míticas do tecnológico repousa na idéia da desmaterialização da consciência. No

passado, as conexões simbólicas entre ciência e religião eram objeto apenas de saberes especializados, como a teologia e a epistemologia. No âmbito do senso comum, os campos da religião e da ciência se manifestavam (e, em certa medida, até hoje ainda se manifestam) como entidades absolutamente separadas.

Contudo, no novo contexto das tecnologias do digital, esse imaginário passa a fazer parte, cada vez com intensidade maior, dos discursos produzidos por uma cultura midiática, massificada e global. Já se encontra aí, talvez, um dos temas preferidos de Hollywood nos últimos anos.

Boris Groys diseca com habilidade a presença desse tema na indústria cinematográfica. Ele destaca que, enquanto o cinema europeu continua a preocupar-se com os assuntos humanos, os filmes *mainstream* de Hollywood tornam-se "cada vez mais metafísicos. Tratam de deuses, demônios, alienígenas e máquinas pensantes" (2001: 6). Na interpretação de Groys, esses filmes são fruto de um processo de auto-reflexão sobre a indústria do cinema e sua íntima relação com nossa realidade cotidiana. Como afirma Groys, "o filme representaria (...) o 'locus' em que não só o próprio filme, mas todo o mundo atual, impregnado pela mídia, alcança uma auto-reflexão radical" (2001: 11). Esses filmes encenam o poder de captura quase divino da mídia, poder do qual todos somos vítimas. A luta do herói, que simboliza todos nós, consumidores, contra as máquinas que nos mantêm em inércia (a própria indústria do cinema, própria cultura da mídia) é apenas mais uma estratégia brilhante da indústria, que ao tornar em fantasia de consumo seus mecanismos de dominação "quer desvirtuar a suspeita de dominação que o espectador dirige contra ela e isso pelo fato de confirmar essa suspeita!" (2001: 10).

Essa ressonância tão nítida entre os discursos dos especialistas sobre a tecnologia e as representações da cultura de massa também é indício de um

processo de *tecnologização da cultura*. O termo recente que busca dar conta desse fenômeno é "tecnocultura". A tecnocultura é a cultura espetacularizada da vida cotidiana, mergulhada no mundo técnico dos meios e dos seus discursos massificantes (cf. Waite, 1996) A convergência entre essas diferentes esferas discursivas aponta para a presença não apenas de um imaginário *sobre* a tecnologia, mas de um imaginário *que é reforçado* por essa própria tecnologia. Penso em como os filmes, certas campanhas publicitárias e até mesmo o atual design dos computadores colaboram para "confirmar" ou "reforçar" as representações populares (assim como as apreensões "críticas" [12]) que temos a respeito das novas tecnologias. Penso, por exemplo, no desenho transparente e *clean* do *iMac* (agora copiado por outras marcas), indicador do desejo de enxergar as entranhas dessas perturbadoras máquinas, como se a visibilidade de seu interior pudesse nos revelar algo do mistério de seu funcionamento. A transparência do *iMac* termina, porém, por nos ensinar que a tecnologia é uma "caixa preta" inescrutável para os pobres mortais. A visibilidade só reforça o mistério: nada há para ser visto que auxilie a compreensão. O segredo não está nas bobinas e circuitos à mostra que, no entanto, transmitem um delicioso "ar" de modernidade mas no "espírito" invisível da máquina.

Existe algo, de fato, nas tecnologias midiáticas e, em especial, nos novos meios que nos permite categorizá-las como "tecnologias do imaginário"(13). E esse imaginário se articula em motivos coerentes e passíveis de classificação. A análise dos mitos e imagens fundamentais permite estabelecer uma tipologia pelo menos preliminar centrada no par consciência-corpo (ou corpo-espírito, materialidade, imaterialidade, etc..). Sugiro as seguintes categorias:

No lado da consciência, destacam-se as fantasias de expansão e construção. A consciência já não será mais limitada pelos entraves do tempo e do

espaço, mas poderá expandir-se livremente pelo infinito espaço virtual das redes. Ela passará a ser ubíqua, como uma divindade que ultrapassa todas as barreiras espaço-temporais. Daí a imaginação do ciberespaço como uma nova forma de empíreo, um jardim das delícias virtual onde a consciência pode passear sem entraves. Margaret Wertheim confirma esse imaginário, ao afirmar que "certamente [a geografia do ciberespaço] é uma espécie de geografia diferente de tudo o que eu experimento no mundo físico, mas que não é menos real pelo fato de ser imaterial" (1999: 231). Mas Wertheim consegue escapar de pelo menos algumas armadilhas mitológicas. Nos momentos mais críticos, seu texto assume caráter de denúncia dos exageros sobre a cibercultura. Ela enumera, por exemplo, uma série de argumentos confrontantes da tão largamente aceita idéia de Sherry Turkle de que o ciberespaço permite a construção de múltiplas identidades paralelas (cf. 1995: 248 e ss.).

Aproveitando a menção às idéias de Turkle, falemos sobre as fantasias de construção. Segundo Turkle, experiências como a participação em um MUD (14) permitem "a criação de uma identidade tão fluida e múltipla que esgarça os limites da noção" (1995: 12). No mundo virtual, a identidade passa a ser fruto de um processo de construção intencional, e, desse modo, os sujeitos teriam total liberdade na reelaboração de suas *personas*. Se no universo "real" X é tímido e introspectivo, no universo virtual ele pode ser ousado e decidido. O sujeito passa, então, a ser o *criador* de si mesmo; demiurgo que produz não apenas novos mundos e seres, mas que também pode recriar-se indefinidamente.

Do lado do corpo, igualmente se manifestam duas fantasias essenciais: desmaterialização e hibridação. A noção de que a consciência não necessita de uma materialidade para operar é incrivelmente liberadora. Nos escritos da tradição mística, esse desejo de descorporificação constitui uma das primeiras etapas necessárias à obtenção do êxtase. San Juan de la Cruz

explica que a *conjunctio mystica* exige o abandono do corpo, "a privação e purgação de todos os seus apetites sensuais, acerca das coisas exteriores do mundo e das que eram deleitáveis para sua carne" (1960: 419). Contudo, a mística profana do ciberespaço descorporifica precisamente para que novos prazeres e satisfações possam ser alcançados. O desejo de imortalidade é, por exemplo, uma das raízes da fantasia de desmaterialização, que pode surgir até mesmo nos escritos de cientistas como Hans Moravec, com sua sugestão sobre a possibilidade futura de transferir (*download*) a consciência para um computador. Katherine Hayles denomina de "pós-humano" esse ser que almeja liberar-se da última barreira, o corpo, tornando-se assim um "amalgama, uma coleção de componentes heterogêneos, uma entidade material-informacional cujas fronteiras sofrem contínua construção e reconstrução" (1999: 3).

O aspecto amalgamador do pós-humano promove também a elaboração das fantasias de hibridação. No horizonte da tecnocultura, o corpo pode tanto desaparecer de cena como se converter num híbrido humano-maquínico. O desaparecimento resolve o problema das limitações espaço-temporais causadas pela condição de corporalidade. Mas caso não seja possível apagar inteiramente o corpo, pode-se pelo menos fazer dele um híbrido, estender suas capacidades por meio de uma combinação entre o humano e o extra-humano. Tenho a impressão de que o modelo de herói da ficção científica mais recente demonstra com freqüência essa fantasia. Penso em filmes como *Cidade das Sombras* (1998), *Matrix* (1999), *A Ameaça Fantasma* (1999) ou *Robocop* (1987), onde o protagonista é um híbrido que conecta o mundo humano ao mundo da máquina ou do alienígena. Chamo a esses personagens de "messias impuros" (15), pois suas trajetórias se desenvolvem no quadro de um simbolismo messiânico. Eles têm a função de "redimir", de "salvar", de "ensinar" uma humanidade decaída, estabelecendo uma ponte entre o humano e o *além-do-humano*.

No horizonte das tecnologias do virtual, o híbrido por excelência é o "ciborgue", tema de numerosos ensaios sobre a tecnocultura contemporânea. Intrigante na figura do ciborgue é que ele pode ser usado para representar qualquer idéia, desde a convergência entre homem e tecnologia até a defesa de um programa cultural socialista e feminista. É assim que ele aparece, de fato, no célebre *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway. Para Haraway, na verdade, a figura do ciborgue é um auto-retrato dos sujeitos da tecnocultura pós-moderna: "No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos teóricos e fabricados de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues" (2000: 41). Pós-humanos, ciborgues, mutantes baudrillardianos, sujeitos fracos: somos tudo isso e não somos nada; não sabemos o que somos. Parecemos querer abandonar as "ficções da identidade", mas à medida que esse desejo se manifesta, mais fortemente se expressa o desejo oposto de criar categorias, de encontrar etiquetas e definições para nossas identidades vazias. Pelo menos três das fantasias descritas acima se revelam como capazes de atrair significações espirituais e religiosas. A *desmaterialização*, a *expansão* e a *construção* apontam para o impulso gnóstico de divinizar o *self* (16). O gnosticismo, seja em que variante for, parece ser a religiosidade por excelência da tecnocultura contemporânea. Harold Bloom defende o "mero gnosticismo" como forma religiosa adequada à situação atual, uma "espiritualidade (...) que foi e é uma forte revisão do judaísmo e do cristianismo e, mais tarde, do Islã" (1996: 24). Richard Eliott Friedman, por sua vez, prega uma *religião da ciência*, onde o conhecimento libertador (isso é pura gnose) será o elemento fundamental (cf. 1995: esp. 262 e ss.). E a tecnologia adquire nesse contexto um caráter divino, autônomo: não mais *deus ex machina*, nem o *deus sive natura* espinozista, mas *deus sive machina*. Segundo Erik Davis, "as tecnologias têm sua própria agenda crescentemente alienígena, e as preocupações humanas vão sobreviver e prosperar apenas quando aprendermos a tratar as tecnologias não como escravas ou simples extensões de nós mesmos, mas como construtos

desconhecidos com os quais fazemos alianças criativas e pactos cautelosos" (1998: 335).

O perigo é que o pacto torne-se forma de subserviência; em lugar de dominar a tecnologia, seríamos por ela dominados. Transformada em novo ídolo de adoração, a tecnologia e seu imaginário espiritualizado nos ajudariam a construir um *self* divinizado, um self sem limites, múltiplo, perfeito. Mas o universo não pode ser compartilhado por dois deuses de igual poder. Se a tecnologia e o *self* transformam-se, ambos, em divindades, é preciso que um domine o outro, como divindade maior, ou que ambos terminem por fundir-se em um único deus híbrido. Esse deus híbrido seria um deus gnóstico. E os deuses gnósticos, é bom lembrar, assumiam com freqüência a forma de monstros. Não espanta que o monstro, um dos grandes temas do barroco, seja também uma das figuras obsessivas de nossa cultura (17). Mas os novos monstros do pós-moderno, como explica Calabrese, não se adaptam a nenhum dos esquemas clássicos que classificavam a monstrosidade. Eles antes suspendem, neutralizam, qualquer categoria de valor (1988: 108). Se nenhuma das metáforas atuais consegue dar conta das idéias pós-modernas de subjetividade, é porque realmente essa subjetividade fraca, maquínica e ciborgue é uma imagem negativa, um monstro informe e instável. O imaginário cultural fez das tecnologias do virtual uma religião de salvação para os sujeitos encerrados na prisão material da identidade. Mas é ele próprio quem também nos apresenta o outro lado, menos evidente, dessa religião: a face horrenda do deus-monstro.

Notas

1. Este texto é uma versão revista de trabalho apresentado a convite do professor Francisco Rüdiger na mesa de abertura do Núcleo de Teorias da Comunicação do Intercom 2001, intitulada "Perspectivas Teóricas da

Comunicação na Aurora da Cibercultura".

2. Ernst Kapp: filósofo alemão que, em meados do século XIX, estabelece-se no Texas e desenvolve uma teoria sobre a projeção dos órgãos humanos por meio da tecnologia (*Organprojektion*). Cf. Ferraz, Maria Cristina Franco (2000: 118).

3. Uma boa síntese das idéias de Hermínio Martins pode ser encontrada no artigo acima citado de Maria Cristina Franco Ferraz.

4. Ver, na bibliografia final, as referências completas a Vogelin (1982) e Marramao (1995).

5. Antoine Faivre distingue entre gnose, como fenômeno intelectual trans-histórico, uma *forma mentis* recorrente na história de nossa civilização, e gnosticismo como apenas uma de suas encarnações históricas específicas, concretizada nos primeiros séculos d.C. Cf. Faivre, A (1986: 15).

6. Parece-me revelador que nos EUA a literatura esotérica e de auto-ajuda seja freqüentemente exibida nas livrarias sob a rubrica "Metaphysics". Mas nós sabemos que esse conceito está muito longe da noção filosófica tradicional de metafísica.

7. Dou apenas dois exemplos em uma lista hoje já volumosa: Wertheim (1999) e Morse (1998). Ver bibliografia para referências completas.

8. Lemos, André. *As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço*. [On-line]. Disponível: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html> [10/12/1998].

9. Cf. Spence, Jonathan. *O Palácio da Memória de Matteo Ricci* (1990). Ref.

completa na bibliografia.

10. Para uma análise detalhada das relações entre religiosidade, tecnologia e o pensamento de Nietzsche em *Matrix*, ver meu artigo "Deus ex-machina: As Matrizes Religiosas, Cibernéticas e Nietzscheanas de *Matrix* e da Tecnocultura Contemporânea (Uma Brincadeira Séria)", in *Fronteiras: Estudos Midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, vol III, n 1, Junho de 2001.

11. Uma brilhante argumentação contra a tese pós-moderna da "morte do sujeito" pode ser encontrada em Quilliot, R. "La Fascination Moderne de l'Impersonnel", em *Penser le Sujet Aujourd'hui*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

12. A esse respeito, uma afirmativa de Jonathan Crary é reveladora: "É impressionante como muitos dos escritos críticos sobre a realidade virtual [VR], ciberespaço e redes de computadores interativos estão entremeados com persistentes mitos da modernização" (apud Waite, 1996: 16).

13. Como o faz, inteligentemente, a ementa de um dos cursos da pós-graduação em comunicação da PUCRS.

14. MUD: *multi-user domain*, jogos do tipo *role-playing* onde vários participantes interagem através de personagens que buscam alcançar determinados objetivos.

15. Uma análise detalhada desse fascinante *mitema* consta em meu ensaio "Sobre Ratos e Labirintos: os deuses passeiam na Cidade das Sombras", a ser publicado brevemente pela Eduerj. No último filme da trilogia *Guerra nas Estrelas*, *A Ameaça Fantasma*, aprendemos que "a força" é uma condição genética, adquirida pela presença de elementos alienígenas no sangue do herói. Em *Matrix* e *Cidade das Sombras*, o simbolismo messiânico é

cristalino. "You are my personal Jesus Christ", diz um dos personagens de *Matrix* para Neo. Em uma das cenas finais de *Cidade das Sombras*, John Murdock, o protagonista, aparece aprisionado em uma posição "cristica", com braços abertos e pés juntos, formando a imagem da cruz.

16. Mas também a idéia da hibridação permite estabelecer conotações religiosas. A figura do messias, na tradição cristã, é precisamente a de um híbrido entre o humano e a divindade. Não surpreende que na **tecnognose** surjam retomadas da idéia messiânica revista sob o prisma das fantasias tecnológicas.

17. A esse respeito, ver por exemplo a intrigante coletânea organizada por Tomaz Tadeu da Silva, *Pedagogia dos Monstros* (2000).

Referências

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt am Main: Fischer, 1975.

_____. *Minima Moralia*. Madrid: Taurus, 1987.

BLOOM, Harold. *Omens of Millenium: the Gnosis of Angels, Dreams, and Resurrection*. New York: Riverhead Books, 1996.

BLUMENBERG, Hans. *Work on Myth*. Cambridge: the MIT Press, 1990.

BUKATMAN, Scott. *Terminal Identity: the Virtual Subject in Post-Modern Science-Fiction*. Durham: Duke University Press, 1993.

CALABRESE, Omar. *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1988.

DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Pedagogia dos Monstros: os Prazeres e Perigos da Confusão de Fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. (org.). *Antropologia do Ciborgue: as Vertigens do Pós-Humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DAVIS, Erik. *Techgnosis: Myth, Magic+ Mysticism in the Age of Information*. New York: Three Rivers Press, 1998.

FAIVRE, Antoine. *Accés de l'Ésotérisme Occidental*. Paris: Gallimard, 1986.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. "Sociedade Tecnológica: de Prometeu a Fausto", in *Contracampo*. Niterói: UFF, n° 4, janeiro 2000.

FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard, 1996.

FRIEDMAN, Richad Elliot. *The Disappearance of God*. Boston: Little, Brown & Company, 1995.

GROYS, Boris. "A Guinada Metafísica de Hollywood". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 de junho de 2001. *Caderno Mais!*

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *In 1926: Living at the Edge of Time*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HAYLES, N. Katherine. *How we became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature and Informatics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

LIEB, Michael. *Children of Ezekiel: Aliens, UFOs, the Crisis of Race and the*

Advent of End Time. Durham: Duke University Press, 1998.

MARRAMAIO, Giacomo. Poder e Secularização: as Categorias do Tempo. São Paulo: Unesp, 1995.

MORSE, Margaret. "Cyberscapes, Control and Transcendence: the Aesthetics of the Virtual", in *Virtualities: Television, Media Art and Cyberculture*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

NOBLE, David. *The Religion of Technology: the Divinity of Man and the Spirit of Invention*. New York: Penguin, 1999.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

THELEMA E A VERDADEIRA VONTADE

Johann Heyss

As palavras gregas Thelema (QELHMA, Vontade) e Agape (AGAPH, Amor) são o sustentáculo da Corrente 93, um sistema filosófico fundado pelo notório Magus inglês Aleister Crowley, e desenvolvida por vários estudantes, exercendo vasta influência mesmo entre seus detratores. O número 93 é o resultado da soma dos valores numéricos das letras que compõe estas palavras, de acordo com a Qabalah Grega. De acordo com a Gematria -sistema qabalístico de conversão de letras e palavras em números, origem da Numerologia moderna ocidental-, todas as palavras que resultam em números idênticos são conexas.

A filosofia de Thelema evidencia tal conexão entre Vontade e Amor como sendo aspectos distintos de um mesmo princípio. Os dois principais axiomas thelêmicos detalham a relação entre Amor e Vontade: "Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei"; e "Amor é a lei, amor sob vontade". Para bom entendedor um pingo é letra, portanto as emanações subjetivas destas frases não necessitam de explicação intelectual para serem corretamente compreendidas.

A Verdadeira Vontade é o mesmo que o Tao, ou o Dharma. É o real Caminho do Destino de alguém, seu potencial de existência e de ação. Cada ser humano é uma estrela, girando em sua própria órbita, e não um planeta girando em torno de uma estrela. A mensagem da tão decantada Era de Aquário, entendendo-se a mesma como um período de (r)evolução espiritual, enfatiza a dissolução do ego coletivo e o fortalecimento do ego

individual. Se cada um de nós é um Deus (não o Deus), cada um de nós é uma estrela e gira em torno de si mesmo, criando uma órbita particular. Assim, o desenvolvimento espiritual só pode se dar quando o indivíduo descobre o seu próprio caminho, o qual será necessariamente único e indivisível -o que revela a fragilidade dos sistemas religiosos em geral, que procuram unificar os seres humanos através de regras de conduta blasfemas e artificiais, que ferem a individualidade e a divindade do Homem.

Todos os mitos religiosos, sejam Cristãos, Muçulmanos, Budistas, Afro-Brasileiros, todos eles têm seu valor e beleza. Mas a relação do Adepto com estes deve ser direta, sem intermediários, sem bulas redigidas por outrem. Por melhor que seja a intenção destes criadores de leis espirituais, o resultado final é turvar a liberdade de experiência do estudante. E o que acontece quando se reprime a experiência como e de pesquisa? Anda-se em círculos. A Ciência não seria o prodígio que é hoje em dia se não fosse a atitude cética e experimental de seus praticantes -muitos dos quais já pararam na fogueira em tempos medievais por causa de sua convicção em descobrir a Verdade.

Muito bem. A Verdade é obrigatoriamente ligada à Verdadeira Vontade. Existem várias facetas da Verdade, o que cria múltiplas (e igualmente válidas) verdades. Bem como há várias maneiras de se exercitar a Mentira em pequenas mentirinhas cotidianas que formam um todo. Esta é uma forma de se construir escravos, lembrando-se que a Humanidade divide-se em príncipes e escravos: os primeiros estão em plena prática de sua Verdadeira Vontade (seja de forma consciente ou inconsciente), enquanto que os outros são planetas girando em torno de alguma estrela, a qual pode



ser um vampiro humano ou não-humano. E observando-se também que a Mentira pode ser um Bem tanto quanto um Mal, o mesmo valendo para a Verdade. O Maniqueísmo é francamente contrário a qualquer compreensão clara de abstrações filosóficas tanto quanto do pensamento científico, já que relativiza as coisas como boas ou más - o que vem a ser no mínimo ingênuo, já que se sabe que da mesma substância que envenena pode-se criar o antídoto.

Na Era de Aquário, ou Aeon de Horus, o indivíduo é o foco da transformação, partindo naturalmente para uma mudança coletiva. O que vem ocorrendo até agora tem sido a busca da transformação das massas, através de um trato com o ser humano como se este fosse gado, sem

individualidade ou diferenças. Contudo, cada ser humano é único, e a ecologia -em seu sentido mais amplo- depende do respeito incondicional e estímulo à individualidade, para que assim cada ser humano cumpra sua real função na engrenagem planetária, sem disfunções ou distorções.

A evolução coletiva caminha rumo à individualização, pois se cada um se der ao trabalho de se autogovernar, antes de tentar governar a si através dos outros, estaremos entretidos cada um com seu próprio processo de evolução, não sobrando tempo nem espaço para as comuns intromissões de outrem -em forma individual, social, política e religiosa.

Johann Heyss é músico e escritor (heyss@yahoo.com)

(Arquivo Rizoma)

